

REVISTA DE

REFLEXÃO

MISSIOLÓGICA

PERIÓDICO SOBRE TENDÊNCIAS E DESAFIOS GLOBAIS
DA MISSÃO



REVISTA DE REFLEXÃO MISSIOLÓGICA

Periódico sobre Tendências e Desafios Globais da Missão

ISSN Eletrônico: 2764-8885

EXPEDIENTE

JUNTA DE MISSÕES MUNDIAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Diretor-Executivo: Pr. João Marcos Barreto Soares
Gerente de Missões: Pr. Alexandre Felício Peixoto

REVISTA DE REFLEXÃO MISSIONOLÓGICA

Núcleo de Inteligência Missionária

Coordenador: Pr. Daniel da Cruz Moulié Corrêa

EDITORES-EXECUTIVOS

Doutora Analzira Pereira do Nascimento
Doutor Alcir Almeida de Souza
Pr. Anderson Silva de Araújo

CONSELHO EDITORIAL

Doutora Analzira Pereira do Nascimento, Faculdade Teológica Batista de São Paulo - FTSP, Brasil
Doutor Alcir Almeida de Souza, Seminário Teológico Batista de Queluz - STBQ, Portugal
Doutor Reinaldo Arruda Pereira, Faculdades Batistas do Paraná - FABAPAR, Brasil

REVISÃO

Redação, Gerência de Comunicação e Marketing, Junta de Missões Mundiais

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Maurício Barros Bastos, Gerência de Comunicação e Marketing, Junta de Missões Mundiais

FOTOS DA CAPA E PUBLICAÇÃO

Bel Oliveira*

* Pseudônimo, missionária de Missões Mundiais na Ásia.

INSTITUCIONAL

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA JUNTA DE MISSÕES MUNDIAIS GERÊNCIA DE MISSÕES

Rio de Janeiro, Brasil

Rua José Higino, 416 - Prédio 21, Tijuca.

CEP: 20510-412 - Rio de Janeiro - RJ

e-mail: centraldeatendimento@jmm.org.br

www.missoesmundiais.com.br

Contato (21) 2122-1901 / 2730-6800 (cidades com DDD 21)

0800-709-1900 (demais localidades)

SOBRE A REVISTA

REVISTA DE REFLEXÃO MISSIOLÓGICA

Periódico sobre Tendências e Desafios Globais da Missão

A Revista de **Reflexão Missiológica**, lançada em 2021, é uma publicação eletrônica semestral, **ISSN: 2764-8885**, produzida pelo Núcleo de Inteligência Missionária - Gerência de Missões, da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira.

MISSÃO

A **Reflexão Missiológica** tem como missão ser um espaço de reflexão e diálogo que estimule a publicação de textos inéditos em língua portuguesa, fomentando pesquisas interdisciplinares relevantes à *praxis* missionária.

OBJETIVOS

A partir de sua vinculação institucional e confessional, ser um espaço que:

- Evidencie a riqueza da diversidade de pensamento e da reflexão crítica no campo da missiologia e áreas correlatas;
- Divulgue resultados de pesquisas inovadoras e de projetos/ações missionais relevantes com vistas ao enriquecimento do saber missiológico e da *praxis* missionária da igreja;
- Acompanhe e fomente a produção missiológica que se efetua em outros países, assinalando a vocação internacional da revista;
- Registre a produção de conhecimento no contexto missiológico contemporâneo.

SOBRE A REVISTA

PÚBLICO-ALVO

Os conteúdos da revista destinam-se prioritariamente ao público acadêmico, a saber, professores, pesquisadores e estudantes, bem como cristãos interessados na reflexão teológico-missionária.

PERIODICIDADE

A Revista de *Reflexão Missiológica* é uma publicação semestral (janeiro-junho e julho-dezembro) no formato eletrônico ISSN: 2764-8885.

PROCESSO DE AVALIAÇÃO PELOS PARES

Os textos aceitos pelo Conselho Editorial serão submetidos à avaliação de dois avaliadores *ad hoc*, pelo sistema de avaliação cega (*Double Blind Review*). Os avaliadores terão um prazo de até quatro semanas para emitir decisão favorável, desfavorável ou favorável sob condições de revisão. Fica reservada à Comissão Editorial o direito de solicitar pareceres adicionais. Todo o processo deve ser realizado, normalmente, em um período de dois meses.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público universaliza o conhecimento.

CUSTO DE PROCESSAMENTO E ENVIO DOS ARTIGOS

A submissão de artigos na Revista de *Reflexão Missiológica* é livre e gratuita e não contempla remuneração aos seus autores.

SUBMISSÕES

DIRETRIZES PARA AUTORES

Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word” ou compatível, com a configuração da página em folha tamanho A4 (29,7 x 21 cm); margens: superior 3 (três) cm; inferior 2 (dois) cm; esquerda 3 (três) cm; direita 2 (dois) cm; espaçamento entrelinhas: 1,5, fonte Arial. No caso de uso de fonte especiais deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

Texto principal

O corpo do texto deve ser obrigatoriamente iniciado pela “introdução” e concluído pelas “considerações finais” e a lista de “referências”. O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 14. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento 1,5. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 10, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 9. As palavras estrangeiras deverão estar em itálico, sem aspas. As referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subsequentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”. O artigo completo deverá ter entre 18.000 e 20.000 caracteres com espaços, incluídas as referências e as notas. Quadros e gráficos deverão ser incluídos no corpo do texto (a utilização de determinadas imagens pode implicar ocasionalmente a busca de uma declaração ou autorização de uso das mesmas).

DIRETRIZES PARA AUTORES

Resumo/Abstract

O resumo deve ter até 200 palavras, espaçamento simples entrelinhas. A estrutura do resumo deve conter: objetivo do artigo, metodologia ou recorte utilizado, dados colhidos e breves considerações das análises efetuadas. Se o artigo for escrito em português, o resumo deve ser traduzido também para o inglês. Deverão ser apresentadas de 3 a 6 palavras-chave separadas por ponto.

Referências

As referências utilizadas no artigo deverão ser apresentadas ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023. As referências deverão ser alinhadas à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

DIRETRIZES PARA AUTORES

Vozes do Campo - Relatos de Experiência

Os Relatos de Experiência deverão ser de experiências próprias ou de terceiros. Caso seja um relato de terceiros, é necessário ter relação com o(a) autor(a). Os relatos devem conter entre 5 a 8 mil caracteres com espaços. Devem ser digitados em editor de texto Word for Windows, em página A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaçamento entrelinhas 1,5. Devem conter nome completo do autor(a), país de referência e o relato de experiência ao final do mesmo.

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word” ou compatível, com a configuração da página em folha tamanho A4 (29,7 x 21 cm); margens: superior 3 (três) cm; inferior 2 (dois) cm; esquerda 3 (três) cm; direita 2 (dois) cm; espaçamento entrelinhas: 1,5, fonte Arial. No caso de uso de fonte especiais deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

Resenhas

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (no máximo 3 anos de publicação) ou obras literárias de referência e devem conter entre 5 a 8 mil caracteres com espaços. Devem ser digitadas em editor de texto Word for Windows, em página A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaçamento entrelinhas 1,5. Devem conter título, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word” ou compatível, com a configuração da página em folha tamanho A4 (29,7 x 21 cm); margens: superior 3 (três) cm; inferior 2 (dois) cm; esquerda 3 (três) cm; direita 2 (dois) cm; espaçamento entrelinhas: 1,5, fonte Arial. No caso de uso de fonte especiais deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

DIREITO AUTORAL E POLÍTICAS

DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTORAL

Estou ciente de que, através da submissão voluntária de meu texto ao corpo editorial da Revista de **Reflexão Missiológica**, editada pela Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira, autorizo a mesma a publicar o respectivo texto na revista a título não oneroso e declarando a originalidade do texto e sua não submissão simultânea a qualquer outro periódico, em meu nome e em nome das demais pessoas coautoras, se eventualmente existirem. Permaneço como titular de todos os direitos autorais e comprometo-me a não submeter este mesmo texto a qualquer outra publicação no prazo de, pelo menos, um (1) ano a partir da data de publicação do texto, além de, em caso de nova publicação, fazer referência à publicação original na Revista de **Reflexão Missiológica**.

POLÍTICA DE RESPONSABILIDADE AUTORAL

Os autores assumem inteira responsabilidade pelo conteúdo dos textos de sua autoria. As pesquisas dos autores não necessariamente expressam a linha editorial e entendimento da Revista de **Reflexão Missiológica**.

POLÍTICA DE PRIVACIDADE

Os nomes e endereços informados na Revista de **Reflexão Missiológica** serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

INFORMAÇÕES GERAIS

EXPLICAÇÃO SOBRE AS SEÇÕES DA REVISTA

Apresentação

Em todas as publicações haverá a seção de "Apresentação", que tem por objetivo de apresentar o principal assunto abordado na publicação e desafiar o público-alvo para a discussão.

Editorial

Esta seção apresentará a opinião do Conselho Editorial da Revista de **Reflexão Missiológica**, apresentando o posicionamento e sua linha editorial. Neste espaço será discorrido sobre o tema principal da publicação.

Artigos

Nesta seção serão apresentados os artigos científicos aprovados pelo Conselho Editorial durante o fluxo de trabalho da Revista de **Reflexão Missiológica**.

Resenhas

Nesta seção serão apresentadas as sínteses de livros escolhidos pelo Conselho Editorial, que têm por objetivo despertar a atenção do leitor para o livro em questão, situando-o quanto à importância da obra. Portanto, esta seção será um convite à leitura de livros atuais e de referência em missiologia.

Vozes do Campo

Nesta seção serão apresentados os relatos de experiências missionárias, com o objetivo de colaborar e contribuir com as pesquisas científicas desenvolvidas pela comunidade acadêmica.

REVISTA DE

REFLEXÃO

MISSIOLÓGICA

PERIÓDICO SOBRE TENDÊNCIAS E DESAFIOS GLOBAIS
DA MISSÃO

OS DESAFIOS GLOBAIS DA MISSÃO DEI





Sumário

16 APRESENTAÇÃO

Pr. João Marcos Barreto Soares

17 EDITORIAL

Dr. Alcir Almeida de Souza

ARTIGOS

19 CUMPRINDO A MISSIO DEI ENTRE COMUNIDADES MUÇULMANAS

Caleb Mubarak

29 A MISSIO DEI COMO UMA ABORDAGEM NEOPARADIGMÁTICA DA MISSÃO

Felgas Teófilo Lucas

45 A MISSIO DEI: FUNDAMENTO PRIMORDIAL NO RESGATE DA IDENTIDADE CULTURAL AFRICANA

Abraão Jorge Epalanga

60 MISSÕES EM PORTUGAL

Débora Isabel Rossa Hossi



80 E VOS PERSEGUIRÃO

Edilberto Busto Junior

98 REVISITANDO O CONCEITO DE MISSIO DEI

William Lacy Lane

RESENHA

121 O CARÁTER MISSIONAL DA TEOLOGIA: UMA RESENHA SOBRE A DEFESA DE DAVID BOSCH EM FAVOR DA MISSÃO COMO PROPULSORA DO EXERCÍCIO TEOLÓGICO

Davi C. Cardoso - Faculdade Teológica Batista de São Paulo

VOZES DO CAMPO

127 DISCIPULADO, LIDERANÇA, PROTAGONISMO LOCAL E A MISSIO DEI

Lucas Mota - Sudeste da Ásia

129 ENSINAR CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR DE FORMA INTEGRAL É PARTICIPAR DA MISSIO DEI

Denise Afonso Sabino Santos - Senegal



**131 OFERECER RESPOSTAS AO
DESAFIO DA FOME NO
MUNDO É PARTICIPAR DA
MISSIO DEI**

Gabriela Mendes - África Central

**134 GERAÇÃO DE RENDA E A
MISSIO DEI**

Manuela Mota - Sudeste da Ásia

**136 ACOLHER E CUIDAR DE
REFUGIADOS É PARTICIPAR
DA MISSIO DEI**

Manuela Mota - Sudeste da Ásia

**138 PROMOVER A SAÚDE E O
BEM-ESTAR DAS PESSOAS É
PARTICIPAR DA MISSIO DEI**

Gabriela Mendes - África Central

Apresentação

Compartilhamos com todos mais uma publicação da Revista de **Reflexão Missiológica**, que é uma publicação eletrônica semestral produzida pelo Núcleo de Inteligência Missionária – Gerência de Missões, da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira.

Queremos que a Revista de Reflexão Missiológica permita aos leitores estudar e discutir as questões mais atuais em missões, identificar as necessidades e as oportunidades, analisar as respostas às questões missiológicas e compreender melhor os desafios e as tendências globais da missão.

Nessa publicação, a Revista de Reflexão Missiológica aborda sobre “**os desafios globais da missio Dei**”. O princípio fundamental da *missio Dei* é que Deus é o autor da missão e usa a igreja para realizar Seu plano de salvação.

A *missio Dei* também se tornou um princípio importante para entender como a igreja deve enfrentar as mudanças culturais, sociais e teológicas ao longo das eras. Enquanto a igreja segue o princípio da *missio Dei*, ela tem sido capaz de se adaptar e permanecer relevante.

É necessário que façamos uso da nossa criatividade para abordar esses desafios e fazer o avanço do Reino de Deus possível para todos. Estamos comprometidos em ajudar a alcançar essas metas e acreditamos que, juntos, podemos criar uma mudança significativa na vida dos povos não alcançados.





Editorial

Dr. Alcir Almeida de Souza

A segunda metade do séc. XX testemunhou a recuperação de um tema missiológico significativo para a teologia cristã, bem como para a compreensão da natureza e missão da Igreja. O conceito de *missio Dei* sustenta que o contínuo ato de ir em busca do ser humano faz parte da natureza do próprio Deus. Um pressuposto básico da missão cristã é a dinâmica missionária do Pai, do Filho e do Espírito na, e para, a história. Então, não há outra missão senão a que tem sua origem no propósito e na ação do Deus trinitário.

A igreja participa desse propósito e dessa ação desde que seu ponto central de referência seja a revelação de Deus em Jesus Cristo, realizada no poder do Espírito Santo. Neste sentido, a *Missio Dei* inverte a perspectiva teológica de “uma missão centrada na Igreja” para “uma Igreja centrada na Missão”.

A *missio ecclesiae* deve ser vista como a continuidade da missão trinitária e, portanto, apontar para fora de si, para o Reino de Deus. A Igreja é o povo missionário de Deus, chamado e enviado para anunciar o Evangelho e manifestar o poder libertador e curador do Reino de Deus. Assim, sua razão de ser é a participação na *missio Dei*, para isso ela foi comissionada e enviada.

E uma igreja que se entenda como instrumento da missão que brota do amor trinitário é composta de homens e mulheres que, de seu encontro transformador com Jesus Cristo, se tornam discípulos missionários. Como consequência, a missão da igreja tem referência em situações históricas, geográficas e culturais específicas, e se realiza em uma percepção da realidade humana de forma abrangente, que contempla a vida em toda sua complexidade.

Os artigos que compõem esta edição são frutos da pesquisa de professores e estudantes de teologia e oferecem um retrato da multiplicidade de abordagens necessárias para uma melhor compreensão do impacto da *missio Dei* sobre a natureza e missão do povo de Deus no mundo.

No primeiro artigo, o professor Caleb Mubarak nos convida a refletir sobre a noção da *missio Dei* entre povos que professam o Islamismo. Em seguida temos a contribuição de dois estudantes de missiologia em Angola. Felgas Teófilo Lucas busca refletir e analisar a realidade missionária no âmbito da natureza e propósito da Igreja. Em seguida, Abraão Jorge Epalanga, apresenta um artigo em que sustenta o conceito de *missio Dei* como fator de resgate da identidade cultural africana. Outros dois estudantes de teologia, a partir do contexto europeu, oferecem as suas reflexões. Débora Hossi busca investigar os desafios missionários em Portugal, e como a igreja portuguesa, no atual contexto, pode participar da *missio Dei*. O missionário Edilberto Junior nos recorda que a participação na *missio Dei*, envolve sacrifício e perseguição, o que pode ser visto de maneira intensa no testemunho da Igreja Perseguida. Para concluir esta seção, o professor Dr. William Lane nos convida a revisitar o conceito da *missio Dei* de forma contextualizada, trazendo uma reflexão acerca dos desafios atuais para o cumprimento da *missio Dei*.

Na seção de Resenhas temos a contribuição de Davi Cardoso sobre o “Caráter Missional da Teologia: Uma Resenha Sobre a Defesa de David Bosch em Favor da Missão como Propulsora do Exercício Teológico”. Por fim, através das “Vozes do Campo” somos desafiados pelo testemunho de irmãos e irmãs que têm investido a sua vida na participação da *missio Dei*. Boa leitura!

A photograph of a steep, reddish-brown soil cliffside. The cliff face is textured and shows signs of erosion. At the base of the cliff, a person in dark clothing stands on a narrow path. To the right, a river flows through the scene. The foreground is filled with green foliage, and the background shows more of the cliffside and some distant structures.

ARTIGOS

CUMPRINDO A MISSIO DEI ENTRE COMUNIDADES MUÇULMANAS

Caleb Mubarak*

Doutorando pelo *Midwestern Baptist Theological Seminary*, Missouri/EUA e mestre pelo *Southwestern Baptist Theological Seminary*, Texas/EUA. Especialista em Ciência do Islamismo & Psicologia de Emergências, Catástrofes e Perdas Pessoais, ambos cursados na Espanha. É missionário da Junta de Missões Mundiais desde 2003 e atua no mundo árabe desde 2005. Até 2020 esteve liderando viagens voluntárias entre refugiados sírios em três países do Oriente Médio. Atualmente está vivendo com sua família no Oriente Médio, num dos países da região do Levante.

*Por questão de segurança, foi adotado o pseudônimo.

CUMPRINDO A MISSIO DEI ENTRE COMUNIDADES MUÇULMANAS

Resumo

Por que é tão importante o cumprimento da *missio Dei*? A resposta é simples. Nas Escrituras Sagradas o Eterno afirma que está empenhado em trazer o Seu Reino à sua expressão máxima. O Reino de Deus é aquela nova ordem de eventos iniciados em Cristo que, quando finalmente completada por Ele, envolverá uma restauração adequada não apenas do relacionamento do homem com Deus, mas em todas as esferas de implicações possíveis. Este artigo será uma tentativa de resumir sucintamente a compreensão da noção da *missio Dei* e sua aceitação e desenvolvimento na teologia protestante missionária, executada como uma ordem dada à Igreja, em especial aquela desenvolvida por missionários transculturais na tentativa de proclamar e sinalizar o Reino de Deus entre povos que professam o islamismo como seu sistema de fé e prática de maneira contextualizada e em coexistência. Não é o cristianismo que os muçulmanos precisam ver. É Jesus.

Palavras-Chave: *Missio Dei*. Reino de Deus. Islamismo. Igreja. Contextualização. Coexistência.

Abstract

Why is compliance with the *missio Dei* so important? The answer is simple. In the Holy Scriptures the Eternal states that he is committed to bringing His Kingdom to its maximum expression. The Kingdom of God is that new order of events begun in Christ which, when finally completed by him, will involve a proper restoration not only of man's relationship to God, but in every possible sphere of psychology. This article will be an attempt to succinctly summarize the understanding of the notion of *missio Dei* and its acceptance and development in protestant missionary theology, executed as an order given to the Church, in particular that developed by cross-cultural missionaries in an attempt to proclaim and signal the Kingdom of God between peoples who profess Islam as their system of faith and practice in a contextualized manner and in coexistence. It is not Christianity that Muslims need to see. It's Jesus.

Keywords: *Missio Dei*. God's kingdom. Islam. Church. Contextualization. Coexistence.

Introdução

A hermenêutica da missão requer uma abordagem mais radical e completa quando se fala do cumprimento da *missio Dei*[1]. É preciso aceitar o risco de cumpri-la, como declara David Bosch[2], e aceitar tal risco pode ser o mesmo que enxergar tudo como uma só missão. Em termos de sabedoria, serviço, justiça, cura, reconciliação, libertação, paz, evangelismo, comunhão, plantação de igrejas, contextualização e muito mais, a missão é um ministério mais amplo e abrangente. O objetivo de uma verdadeira teologia cristã missiológica é integrar a revelação divina com a experiência humana. O mesmo Bosch[3], declara que o evangelho é relevante para um determinado ambiente e cultura. Ele evita cuidadosamente assumir uma posição unilateral, acreditando que a emancipação é como a salvação de Deus se manifesta através da inculturação e contextualização.

A missão cristã foi vista de várias maneiras ao longo da história. Ocasionalmente, tem sido entendida soteriologicamente como o trabalho de missionários em busca de salvar pessoas de irem ao inferno ardente. A assimilação dos povos do Oriente e do Hemisfério Sul benevolente e privilegiado pelo Ocidente cristão também pode ser entendida em termos culturais. Frequentemente, essa mesma missão tem sido interpretada em termos de categorias eclesiais: como uma extensão da Igreja em novas áreas de atividade missionária. Em muitos contextos, pode ser vista como o processo pelo qual o mundo passará por uma transformação no Reino de Deus, seja gradualmente ou por meio dos cada vez mais constantes desastres e catástrofes. A relação fundamental entre cristologia e soteriologia, a qual foi crucial durante os primeiros anos do cristianismo, tornou-se menos clara sob todas as mais variadas condições.

[1] *missio Dei* é um termo teológico latino que pode ser traduzido como “Missão de Deus”, refere-se ao trabalho da igreja como sendo parte da obra de Deus. Portanto, a missão da igreja é um subconjunto de uma missão inteira maior, que é parte da missão de Deus para o mundo e não a totalidade da obra de Deus no mundo. (Wycliffe Global Alliance)

[2] David Bosch, J. **Transforming Mission: paradigm shifts in theology of mission**. American Society of Missiology Series, n.16. New York: Orbis Book, 1991, 512.

[3] **Ibid.**, 420 - 432.

Após a Primeira Guerra Mundial, missiólogos voltaram-se para novas pesquisas em teologia bíblica e sistemática, na busca pela verdade revelada e na tentativa de recuperar a fé cristã autêntica e seu estilo de vida.

O paradigma missionário moderno sendo compreendido como a *missio Dei*

O teólogo protestante Karl Barth foi um dos primeiros a caracterizar a missão como obra do próprio Deus em um texto apresentado na Conferência Missionária de Brandemburgo em 1932[4]. Na atualidade, importantes repercussões podem ser trazidas pela *missio Dei* para a *missio ecclesiae*[5]: “A era das missões acabou; a era da missão começou”, como Stephen Neill afirma em referência à teologia da missão pós-Willingen:

"Willingen acreditava que a missão cristã vinha diretamente de Deus e se situava tanto no contexto da teologia trinitária quanto da eclesiologia. A crença de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo enviaram a Igreja ao mundo foi acrescentada à doutrina da *missio Dei*, originalmente interpretada como o envio do Filho e do Espírito Santo. À medida que todos passaram a compreendê-lo melhor e posteriormente adotá-lo, a Igreja Protestante, a Católica e a Ortodoxa passaram a aceitar a *missio Dei* como a sua missão."[6]

O conceito da conversão forçada colonial está desatualizado e obsoleto, e a ideia de receber uma mensagem de salvação dos invasores gradualmente perdeu toda credibilidade. Ao que parece, se a nova perspectiva da missão levar em conta o modo de pensar e viver das pessoas do Hemisfério Sul e do Oriente, ela poderia vir a ser bem-sucedida. Cristãos do Sul Global e Oriente são convidados a se juntar à missão de Deus, mas antes de fazer o trabalho missionário de forma satisfatória, eles devem aprender como Deus interveio e operou em seus próprios contextos culturais.

[4] Karl Barth, “**Die Theologie und Die Mission in der Gegenwart**”, in: *Zwischen den Zeiten*: 1932, p. 189-215.

[5] Atividades missionárias da Igreja.

[6] Stephen Neill, **A History of Christian Missions**. Harmondsworth: Penguin 1966, p. 527.

O missionário que se engaja em missão deve encontrar a obra de Deus, aquele que já trabalhou no novo ambiente missionário antes mesmo dele chegar, para assim poder participar da atividade missionária a qual é, e seguirá sendo do próprio Deus.

A operação contínua de Deus na existência interna da igreja exige uma resposta constante de seus enviados, os missionários. Como resultado, o implacável chamado de Deus à deificação vem a ser o exercício da *Missio Dei* que exige uma resposta de todo cristão. O desenvolvimento contínuo do verdadeiro discípulo "até à condição de homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo" (Ef 4.13) é, portanto, uma forma de responder e participar ativamente na *missio Dei*.

Oportunidades da prática da *missio Dei* entre comunidades muçulmanas

Após os ataques terroristas de 11 de setembro nos EUA, a igreja foi apresentada à um novo desafio de alcançar mais intencionalmente com o evangelho, os 1,4 bilhão de muçulmanos[7] em todo o mundo naquele momento. No entanto, muitos muçulmanos ainda possuem desconfiança em relação a cristãos por causa da intimidação e perseguição aos adeptos da religião islâmica no Ocidente. O fato é que a igreja e seus enviados aos diferentes campos do mundo passaram a ter diante de si uma tremenda chance de usar uma relevante abertura para ensinar a muitos a como desenvolver relacionamentos de amor modelando Jesus como o Cristo de Deus. Ela, a igreja, através de seus missionários enviados, veio a ter reais oportunidades de promover aquilo que os muçulmanos necessitam para saciar suas necessidades humanas e promoção de relacionamentos firmados em amor: "Quando os cristãos se preocupam com a pessoa como um todo, o testemunho verbal sobre Jesus será crível e promoverá um ambiente propício ao testemunho"[8].

[7] Ayoub M. **Christian-Muslim dialogue: goals and obstacles**. Muslim World 94: 2004, p. 313-319.

[8] Gilliland D. **Principles of the Christian approach to an African based Islamic society**. Missiology: an international review, 1997, p. 4-13

“De acordo com Dudley Woodberry, professor de estudos islâmicos no *Fuller Theological Seminary*, a igreja entrou em uma nova era de possibilidades, especialmente com o aumento do nível de receptividade entre as comunidades muçulmanas globais.

Alguns exemplos de nações que experimentam agitação política e calamidades naturais parecem ser um terreno excepcionalmente fértil para o testemunho cristão, especialmente quando os cristãos combinam seu testemunho com iniciativas úteis de ajuda e desenvolvimento. Por exemplo, nos últimos quarenta anos, a população de Bangladesh cresceu duas vezes mais rápido do que os cristãos. Os cristãos tiveram um aumento de 3,2% ao ano em 2000, em comparação com os muçulmanos de 1,8%[9]. Semelhante à Indonésia, onde desde meados da década de 1960, quando a retaliação do governo matou meio milhão de comunistas e simpatizantes, existem agora mais de 34 milhões de cristãos. Desde 1982, as igrejas na ilha predominantemente muçulmana de Java aumentaram 5% ao ano, apesar da perseguição, agitação política e estagnação econômica.

A maioria dos missionários cristãos entre os muçulmanos confirma que as oportunidades para a colaboração são as mais altas atualmente. Este autor é testemunha de que o evangelho está sendo recebido de maneira muito mais favorável em todo o norte da África (exceto na Líbia). Em décadas passadas um muçulmano norte-africano levava de cinco ou mais anos em média até que ele fizesse uma decisão genuína por Cristo. Hoje, no entanto, frequentemente é possível testemunhar conversões de muçulmanos algumas semanas após serem expostos à mídia cristã transmitida por satélites televisivos e também pelo contato e presença de missionários naquela região da África. As iniciativas de reuniões em grupos pequenos de estudos bíblicos utilizando ferramentas específicas e sérias, desenvolvidas por agências e missionários comprometidos com a *missio Dei*, tem facilitado a compreensão de ex-muçulmanos expostos à mensagem de transformação: o Cristo encarnado que se entregou pela humanidade.

[9] Guthrie S. **Doors into Islam**. Christianity Today, 2002, p. 34.

Semelhantemente é o que ocorre no Oriente Médio, onde refugiados sírios tem tido uma experiência transformadora de encontros reais com Jesus através da atuação missional de obreiros estrangeiros e nacionais entre aquele efetivo tão vulnerável e desapontado com seu sistema religioso anterior. Missionários da mesma agência do autor deste artigo estão presenciando o surgimento de uma nova comunidade autóctone relevante para aquele contexto. Algo jamais imaginado por obreiros que por ali estiveram em anos e décadas anteriores.

Problemas e obstáculos de progresso

Menos de 15% da força missionária cristã concentra seus esforços para viver e trabalhar entre muçulmanos. Embora haja indicadores óbvios de avanço, algumas complicações permanecem óbvias quando se trata de servir em ambientes regidos e dominados pelas leis religiosas do islamismo. Para o cumprimento da *missio Dei*, parece que os centros enviados de obreiros do Hemisfério Sul e Oriente necessitam redirecionar seu foco e rumo. É preciso avançar onde Cristo ainda não é conhecido, celebrado e honrado, uma vez que o objetivo principal da missão da igreja é transmitir a vida de comunhão com Deus, atraindo pessoas para a comunhão com a Santíssima Trindade, e não somente promover ideias morais ou intelectuais. O plano para toda a criação é o estabelecimento do Reino de Deus, especialmente entre aqueles que não O conhecem.

Contextualizar a mensagem em suas diferentes formas também tem sido um meio bem eficaz na sinalização do Reino de Deus entre muçulmanos. Embora o enigma teológico da contextualização ainda exista, é preciso pensar nas seguintes perguntas: como cumprir o propósito da igreja, a *missio Dei*, em uma sociedade multicultural? Como colocar em prática um evangelho que seja realmente cristão em sua mensagem e culturalmente relevante em sua apresentação?

Especialistas em missiologia e antropologia cultural missionária afirmam que é preciso obter pistas missiológicas da encarnação; assim como Jesus se esvaziou e viveu entre nós, os enviados de hoje também devem estar preparados para fazer o mesmo ao entrar em uma nova e diferente cultura. Missionários transculturais precisam ter a prioridade em reconhecer que o Espírito Santo já estava trabalhando por lá antes mesmo de sua chegada.

O fato de ambas as religiões afirmarem ser a última mensagem de salvação e felicidade eterna de Deus para o mundo acaba apresentando o desafio que parece intratável para o diálogo entre cristãos e muçulmanos. Muçulmanos normalmente rotulam os cristãos como politeístas, apesar do Corão encorajar a tolerância e o respeito pelos cristãos. Parece haver apenas uma área de acordo entre ambas religiões em todas as suas discussões, e essa é a herança abraâmica compartilhada. É preciso tirar vantagem nesse e em outros aspectos. A prática da missão entre os muçulmanos é algo que deve evoluir constantemente enquanto se alcança uma estrutura de diálogo e ao mesmo tempo participativa. Uma vez que ser cristão não implica necessariamente deixar a sua própria estrutura cultural, isso deve ajudar a prevenir convulsões culturais ou conflitos teológicos.

Avanços no cumprimento da *missio Dei*

Segundo Bosch, “[...] a missiologia tem duas tarefas: uma se relaciona com a teologia e a outra com a prática missionária”[10]. Cumprir a missão é ao mesmo tempo ser a missão. A missão em honra a Deus é a criação de uma comunidade melhor, o que requer uma conversão individual para abrir as fronteiras do Reino de Deus e também abrir-se para o ato da conversão genuína. Isso não significa que um cristão precisa estar temeroso a se tornar um muçulmano durante a relação com o outro, mas significa aceitar a mudança de mentalidade por meio de reflexões e desafios daqueles que têm pontos de vista diferentes dos seus.

[10] David Bosch, J., p. 496.

A responsabilidade social também deve ser enfatizada no cumprimento da Missão, afinal ela precisa ser de caráter encarnacional. No entanto, essa mesma responsabilidade social, como as ações e as mudanças eventuais no processo de convivência missional precisam ser encarados somente como subprodutos da proclamação.

Considerações finais

Missionários transculturais tendem a contextualizar superficialmente algumas situações, o que pode os levar a ignorar importantes questões bíblicas e filosóficas. “Não é o cristianismo que os muçulmanos precisam ver. É Jesus”[11]. Sua perspectiva e atenção devem estar primeiro no fato de que o Espírito Santo dá testemunho de todas as afirmações verdadeiras de Jesus como o único e santo Filho de Deus, a fim de retratar e modelar Cristo adequadamente. A própria Escritura confirma esta realidade em textos como o do Evangelho de João 15.26 e também em uma de suas cartas, 1 João 5.6-7.

O cumprimento da *missio Dei* como teologia prática missional entre comunidades muçulmanas deve ser contextual, mas não preso no tempo ou imutável. Também não deve tolerar complacência, mas sim ser desenvolvida através de ajustes. Nunca haverá um relacionamento fácil entre muçulmanos e cristãos, especialmente no campo filosófico religioso, e alcançá-los será um processo que requererá boa vontade e prontidão. Cumprir a *Missio Dei*, como afirma Bosch, é “precisamente a participação dos cristãos na missão libertadora de Jesus, apostando num futuro que a experiência factual parece desmentir”[12]. É a boa nova do amor de Deus que se manifesta no testemunho de uma comunidade em benefício de todo o mundo. Ao se envolver com muçulmanos através do testemunho cristão, missionários não podem ignorar ou subestimar os componentes-chave do verdadeiro evangelho de Jesus Cristo, uma vez que questões de diversidade religiosa e diálogo inter-religioso ocupam o centro do palco da sociedade pós-moderna.

[11] Kramer H., **Islamic culture and missionary strategy**. Muslim World, 1960, p. 244-251.

[12] David Bosch, J., p. 519.

Referências

Ayoub M. **Christian-Muslim dialogue: goals and obstacles.** Muslim World: 2004.

Barth, Karl. “**Die Theologie und Die Mission in der Gegenwart**”, in: Zwischen den Zeiten,1932.

Bosch, David, J. **Transforming Mission: paradigm shifts in theology of mission.** American Society of Missiology Series, n.16. New York: Orbis Book, 1991.

Gilliland D. **Principles of the Christian approach to an African based Islamic society.** Missiology: an international review, 1997.

Guthrie S. **Doors into Islam.** Christianity Today: 2002.

Kramer H., **Islamic culture and missionary strategy.** Muslim World: 1960.

Neill, Stephen. **A History of Christian Missions.** Harmondsworth: Penguin, 1966.

Texto recebido em 31.12.2022 e aprovado em 25.01.2023

A MISSIO DEI COMO UMA ABORDAGEM NEOPARADIGMÁTICA DA MISSÃO

Felgas Teófilo Lucas

Mestrando em Missiologia no Seminário Teológico Baptista no Huambo, Angola, África.
ORCID ID - 0000-0002-3688-7980.

A MISSIO DEI COMO UMA ABORDAGEM NEOPARADIGMÁTICA DA MISSÃO

Resumo

O presente artigo tem por finalidade conceituar, reflectir e analisar a realidade missionária, na tentativa de compreender sua natureza, propósito e também o seu lugar na Igreja. Perceber em que medida o colapso colonial, a globalização e a pós-modernidade mergulharam a atividade missionária numa crise. Partindo do pressuposto de que o pecado destruiu ou descaracterizou parte da criação, a missão de Deus no mundo vem a ser o antídoto para o processo de restauração. Neste caso, a missão percorre um caminho desafiador, na busca de uma prática missionária bíblica e contextualizada, e assim cooperar com Deus no cumprimento dos seus propósitos eternos.

Palavras-Chave: Missio Dei. Igreja. Crise. Propósito.

Abstract

The following article aims to conceptualize, reflect, and analyze the missionary reality in an attempt to comprehend its nature, purpose, and also its place in the Church. It aims to understand to what extent the colonial collapse, globalization, and postmodernity plunged the missionary work into a crisis. Assuming that sin destroyed and partially deprived creation of its characteristics, God's mission in the world becomes the antidote to the restoration process. In that case, the mission goes through a challenging path in the pursuit of a biblical and contextualized missionary practice, thus cooperating with God in the fulfilment of His eternal purposes.

Keywords: Missio Dei. Church. Crisis. Purpose.

Introdução

Conceito de Missão

Na compreensão geral que temos a partir dos dicionários da língua portuguesa, missão é um encargo, uma incumbência, um propósito, um compromisso, um dever e até mesmo uma obrigação a executar. No período da colonização, a missão era entendida como o deslocamento das potências ocidentais às colônias, especialmente do Oriente, da África e da Ásia. O principal objectivo era “cristianizar” e civilizar. Neste caso, a superioridade militar e econômica do ocidente traduziu-se em superioridade cultural.

Os povos “descobertos”, foram categorizados como inferiores, por isso deveriam ser civilizados à moda do ocidente. Nesta visão, a expedição político-militar e o cristianismo caminhavam ombro a ombro. Bosch afirma que “os críticos da missão geralmente partem da suposição de que missão era apenas o que os missionários ocidentais estavam fazendo em termos de salvar almas, implantar igrejas e impor seus métodos e vontades a outros”.^[1]

Neste quesito, expandir igrejas locais ou uma denominação específica, viajar para outros países e culturas, vem a ser a condição *sine qua non* de qualquer empenho missionário e o teste e critério final do que seja verdadeiramente missionário. Essa concepção confunde o princípio e o alcance da missão. Os desdobramentos teológicos, neste período pré-Barthiano, conceituaram de modo decisivo a missão. Foi assim, que a missão foi sujeita a várias categorias. A soteriológica, em que passou a ser entendida, unicamente, em termos de salvação do indivíduo da condenação eterna. A primeira pregação do evangelho a pessoas pagãs ou neopagãs. Neste sentido, a missão é definida em termos dos seus destinatários, propondo que seja cumprida assim que o evangelho é apresentado a um grupo de pessoas.

[1] BOSCH, David. **Missão Transformadora**. Mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: EST/Sinodal. 2002, p. 618.

Segundo Chris Wright, a palavra missão é de raiz Latina (*missione*), e traz a noção de enviar ou ser enviado.[2] Missão constitui a parte central da teologia cristã. Biblicamente falando, quer no Velho ou no Novo Testamento, como o movimento missionário observado no livro de Atos, vemos Deus chamando e enviando personalidades nos vários momentos e estágios da comunidade judaico-cristã. Portanto, definir a missão correctamente exige a compreensão da sua natureza.

Natureza da Missão

As conferências missionárias têm desempenhado um papel extremamente vital na evolução e revolução do pensamento missionário. Mudanças foram ocorrendo, tanto na teologia bíblica como na teologia sistemática, levando os missiólogos à reflexões e tratados em conferências com o intuito de trazer à superfície uma compreensão teológica e bíblica da missão.

Karl Barth, na conferência missionária de Brandeburgo, foi o primeiro teólogo a articular a missão como atividade de Deus. O desenvolvimento desta nova compreensão da missão levou a confessar que só através de um acto criativo de Deus seu Reino será consumado, no estabelecimento final de um novo céu e uma nova terra.[3]

A missão é o que caracteriza a nossa fé como Igreja de Cristo. De outro modo seria negar sua própria razão de ser. Pois a fé cristã vê todas as gerações da terra como objeto da vontade salvífica e do plano da salvação de Deus. Nos termos do Novo Testamento, o Reinado de Deus veio em Jesus Cristo como destinado a toda a humanidade. Assim, a missão é entendida em termos de relacionamento dinâmico entre Deus e o mundo. Bosch afirma que

[2] WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da Igreja. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 29.

[3] BOSCH, 2002, p. 466-467.

"Nossa prática missionária não é realizada em comunidade inadequada com o testemunho bíblico; ela é um empreendimento inteiramente ambivalente executado no contexto da atenção entre a providência divina e confusão humana. O envolvimento da igreja na missão permanecem um ato de fé sem garantias terrenas."[4]

Neste contexto, o existir cristão é um existir missionário. Não pela proclamação universal do Evangelho, mas através da universalidade do evangelho que ela proclama. Assim sendo, a natureza da missão está baseada no próprio evangelho, na universalidade da salvação e na indivisibilidade do Reino de Deus.

A Missão como *missio Dei*

Karl Barth foi um dos maiores expoentes no desenvolvimento de um novo paradigma teológico no pensamento missionário. A partir de 1952, foi ampliado o conceito clássico da *missio Dei*, que antes implicava dizer que Deus, o Pai, envia o Filho, e Deus, o Pai e o Filho, enviam o Espírito; por fim o Pai, o Filho e o Espírito Santo, enviam a igreja para dentro do mundo. Missão também passa a ser entendida como derivada da própria natureza de Deus e colocada no contexto da Trindade. Bosch destaca algumas ideias fundamentais na concepção da *missio Dei*[5]:

- A missão tem o caráter escatológico (estabelecimento da consumação do Reino de Deus), que culmina com um novo céu e uma nova terra.
- A missão não tem vida própria. Toda iniciativa criativa e missionária provém somente do próprio Deus. Sem essa mão de Deus a missão não pode ser considerada verdadeiramente missão.
- A missão é um movimento de Deus em direção ao mundo. Implica dizer que não é a igreja que cumpre a missão de salvar o mundo. A missão é do Filho e do Espírito Santo mediante o Pai que inclui a igreja. Neste sentido, atividade missionária é a manifestação ou epifania do plano Divino e seu cumprimento no mundo e a sua história.

[4] Ibid., p. 27.

[5] Ibid., p. 467-469.

- Missão é o princípio fundamental, e missões é acto derivativo que constitui consequências da *missio Dei*.
- Missão é o voltar-se de Deus para o mundo em relação à criação, conservação, redenção e consumação. Quer dizer, é a preocupação de Deus com o mundo inteiro, constituindo deste modo o escopo da *missio Dei*.

“Nossa missão procede da missão de Deus. Esta é para o homem de todo o seu mundo, na verdade, de toda a sua criação. Portanto, temos de começar enxergando a nós mesmos como parte do grandioso curso da missão de Deus e devemos ter a certeza de que nossos alvos missionais, imediatos e distantes, sejam consonantes com os alvos de Deus. Para este fim, precisamos conhecer a história de que fazemos parte: a grandiosa história da Bíblia, que engloba tanto o passado como o futuro.”[6]

A *missio Dei* em sua natureza é a atividade de Deus, a qual abarca tanto a igreja quanto o mundo e na qual a igreja tem o privilégio de poder participar.

A Missão em sua relação com a Igreja

A *missio Dei* institui as missões, as *missiones ecclesiae*. Por essa razão, ao referir-se a missão, a igreja de maneira nenhuma pode ser ignorada. Assim como a igreja não pode ser considerada como ponto de partida ou o alvo da missão, pois a obra de Deus precede tanto a igreja quanto a missão. Portanto, Bosch destaca alguns aspectos importantes no que concerne à igreja na sua relação com a missão[7]:

- Não é legítimo falar da igreja, sem ao mesmo tempo falar da missão. Elas constituem uma unidade indissolúvel.
- A base doméstica está em toda parte. Cada comunidade cristã encontra-se em uma situação missionária.

[6] WRIGHT, 2012, p. 33.

[7] BOSCH, 2002, p. 444-447.

Portanto, a igreja deve apresentar-se como o mistério da presença de Deus no mundo. Sinal e instrumento da comunhão com Deus e de unidade entre as pessoas. A igreja deve apresentar-se humilde como uma comunidade que existe para servir.

Missão Hoje: a crise contemporânea e seus desdobramentos

Vivemos numa luta constante em duas dimensões: o relacionar-se com Deus e entender o seu propósito para nossas vidas e nosso posicionamento/postura com a cultura a que pertencemos. Por outro lado, o século presente assinala na história da humanidade um período de transição caracterizada por grandes mudanças sociopolíticas e culturais, tanto na esfera global como na localizada. Como consequência, observamos o esgotamento de modelos que foram referência e determinaram as formas de pensar e fazer.

A crise contemporânea

A crise, como tal, é uma mudança ou uma alteração importante no desenvolvimento de qualquer evento ou acontecimento. Tem origem no vocábulo latino *crisis*, que significa um momento de decisão, de mudança súbita. E no grego “*krísis*” é usado, especialmente no contexto da medicina, para designar o momento na evolução de uma doença em que ela se define entre o agravamento e a morte ou a cura e a vida.[8]

Analzira identifica dois tipos de crise mais básicas: a crise de crescimento que tem a ver com a insatisfação em relação aos métodos e conceitos, e a segunda é a crise de degenerescência, que envolve todo paradigma.[9] Neste contexto, os modelos já não conseguem responder aos novos problemas que vão se emergindo. Um sentimento de infuncionalidade, inadequação, descompasso e anseio por respostas vai se instalando.

[8] <https://portal.uab.pt/o-que-e-a-crise/>.

[9] NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou Colonização?** O risco de fazer missão sem se importar com o outro. Viçosa: Editora Ultimato, 2015, p. 17-18.

O mais grave de tudo é que muitos de nós nem sempre temos consciência da crise em que estamos mergulhados nos nossos dias. Não tendo essa consciência, dificilmente podemos pensar em mudanças ou em novos paradigmas. Todavia, a luta é manter os paradigmas herdados. Os sinais da crise são visíveis. O aumento irreversível da insatisfação vai enfraquecendo gradualmente o percurso histórico da missão e da igreja.

Causas da crise, consequências e novas possibilidades

Não é de admirar que a missão cristã, desde a sua gênese, sempre atravessou inúmeras crises, incompreensões, críticas e perseguições, tanto internas quanto externas. A missão como tal é considerada uma expressão da fé cristã. Segundo Bosch[10], é absolutamente normal o sistema vivenciar momentos e situações de crise. Essas circunstâncias, por si só, tornam necessárias a reflexão sobre a missão como um ponto permanente na pauta da teologia.

Percebe-se, de modo consciente ou inconsciente, que a igreja está continuamente em uma situação de crise. Sua maior insuficiência é o fato de ela só estar consciente disso ocasionalmente. A causa da tensão permanente reside na sua natureza essencial e sua condição empírica. No período contemporâneo, a crise da missão está relacionada com o avanço da ciência e da tecnologia e, junto com elas, a secularização tornando redundante a fé em Deus. O esfriamento da fé, a descristianização do ocidente, as migrações, o pluralismo religioso, o abismo cada vez maior entre ricos e pobres e a irrelevância da teologia ocidental, que em muitas regiões está sendo substituída por outras teologias. Bosch afirma que

“...cada uma delas constitui um fim de um mundo e o nascimento de outro, no qual boa parte do que as pessoas costumavam pensar e fazer teve de ser redefinida. Essas mudanças anteriores também serão reconstituídas com algum detalhe, na medida em que tiveram uma relação significativa com o pensamento e a prática missionárias.”[11]

[10] BOSCH, 2002, p. 18.

[11] Ibid., p. 21.

A ambiguidade dos motivos e metas

Numa clara abordagem histórica, nota-se que a reflexão sobre os motivos missionários e a meta da missão foram muitas vezes ambíguos. Analzira diz que

“Muitas vezes, motivados pela obsessão de cumprir programas, certos missionários não pensam na população com a qual eles vão conviver. Praticamente essas pessoas só representam estatísticas para esses enviados. Eles estão lá daquele lado vivendo para as demandas daqui deste lado.”[12]

David Bosch comentando sobre a ambiguidade das abordagens, aponta quatro motivos “impuros” para a missão, citados por Verkuyl: (1) O motivo imperialista cujo objetivo principal da missão é tornar os povos “nativos” sujeitos dóceis perante as autoridades coloniais. (2) O motivo cultural, onde a cultura do missionário é vista como superior a do autóctone. Logo, a missão passa a ser caracterizada como uma transferência de cultura superior. (3) O motivo romântico: o desejo de ir a países e povos distantes e exóticos, e o (4) motivo do colonialismo eclesiástico, que é o anseio de exportar nossa própria confissão e ordem eclesiástica para outras regiões, com o intuito de plantar igrejas.[13]

A globalização e a pós-modernidade

A pós-modernidade se tornou também um grande desafio que afeta a missão de uma forma certa. A igreja aos poucos vai se distanciando da cosmovisão cristã abraçando essencialmente o espírito da época e a cosmovisão secularista. Durante muitos séculos a igreja na verdade ocupou um lugar de destaque no mundo ocidental. Hoje a situação mudou bastante. A pós-modernidade constitui uma outra forma de viver, de ser e estar, e, como consequência, a missão e a igreja entraram numa situação embaraçosa. Keller comenta que

[12] NASCIMENTO, 2015, p. 106.

[13] BOSCH, 2002, p. 21-22.

“Temos hoje um sem-fim de obras que explicam aos líderes da igreja que eles vivem em uma cultura pós-moderna. O perigo desse termo é que ele nos tranquiliza... Estritamente falando, porém, é mais adequado afirmar que vivemos em um clima de modernidade tardia, uma vez que o princípio básico da modernidade era a autonomia e a liberdade individual em detrimento das pretensões da tradição, da religião, da família, e da comunidade. Isso é, na verdade, o que vivemos hoje - de modo intensificado.”[14]

Consequências da crise

Os motivos e metas ambíguos, o colapso do colonialismo, os problemas sociais e econômicos, bem como a globalização e a pós-modernidade, produziram consequências com que a missão tem se debatido. Algumas destas consequências são:

- A igreja ocidental perdeu a hegemonia de ser uma força no centro da cultura e o Cristianismo deu passos de deslocamento para as margens (periferias), no cantinho, cuja preocupação única era cuidar das pessoas que vão para o céu.
- A super ênfase em manifestações de conversão e compromissos pessoais reduziu o Reinado de Deus a considerar somente o total de almas salvas.
- O motivo romântico e do *plantatio ecclesiae* acarretou uma prática missionária insatisfatória.
- O foco pelas metas e alvos reduziu o sucesso missionário a estatísticas, tornando o autóctone um simples depósito de verdade pregada e dos valores do ocidente. Muitas igrejas plantadas nos campos da missão tornaram-se réplicas das igrejas e culturas ocidentais.
- Segundo Analzira, “se a igreja aprendeu com a história, ela sabe que precisa estar atenta aos sinais dos tempos e sensível em suas interações com o “OUTRO”, buscando uma relação firmada na dialogicidade”.[15]
- A globalização neoliberal, como é característico, produz graves fissuras no tecido social e religioso. Consiste na queda de fronteiras, acúmulo de riquezas e graves injustiças do mercado.

[14] KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 447.

[15] NASCIMENTO, 2015, p. 142.

- A modernidade produziu o cativo cultural da igreja. Com o excesso de informação, ela não consegue ter um posicionamento bíblico contextualizado - ser fiel às Escrituras e também conseguir ser relevante para o seu tempo.
- O consumismo da sociedade, conduziu à perda extrema do significado. Segundo Keller, “a modernidade substitui a missão pela autorrealização do indivíduo expressivo e autônomo, e é esse individualismo que precisa ser desafiado e confrontado... A igreja também tem de desmascarar a autonomia da razão humana.”[16]
- O espírito Iluminista e filosófico de Descartes acreditava em um novo mundo com novas ideias. Ofereceu uma nova narrativa, *conhecimento é poder*, para a construção de um mundo melhor. O evangelho não é acessível a comprovação por meio do método científico, e portanto, deve ser descartado. Foi uma ilusão e o conhecimento científico não levou o mundo para o melhor.

Novas possibilidades

É necessária atitude para contornar a crise. Ela não pode ser vista como o fim da oportunidade. A crise é o ponto em que o perigo e a oportunidade se encontram. Na crise o futuro é incerto e os acontecimentos podem tomar qualquer uma das direções.

Analizira diz que o aspecto positivo da crise reside no efeito cumulativo que pode nos surpreender a cada momento, mas também nos impele a admitir que estamos ultrapassados e nos impulsiona a estar abertos para o novo, reconhecendo que chegou a hora de renovar os instrumentos. Por outro lado, oferece-nos possibilidades de confrontação, viabiliza novas escolhas e tornam-se necessárias para que o novo possa emergir[17].

[16] KELLER, 205, p. 306.

[17] NASCIMENTO, 2015, p. 18.

Portanto, a consciência dos perigos não pode nos levar a um estado de paralisia. A presença dos perigos e da oportunidade deve nos conduzir a um pleno cumprimento da missão, dentro desse campo de tensão protagonizado pelos dois extremos. Segundo Keller, a igreja em missão deve ser previamente preparada teologicamente, a fim de ter a capacidade de pensar e agir de modo caracteristicamente cristão.[18]

A igreja deve libertar-se do cativeiro cultural, especialmente do ocidentalismo. Avaliar a cosmovisão social moderna com as suas raízes no Iluminismo. Arrepende-se da cumplicidade nessa cosmovisão e retornar à história bíblica que lhe confere sua verdadeira identidade e papel. Buscar a glória de Deus e o seu amor que podem mover a nossa vida na direção do outro, como motivo e meta da missão.

Missão: implicações e finalidade

As pessoas vivem uma série de relações integradas cuja dimensão espiritual, material e social são inseparáveis. No entanto, a necessidade de distinguir missão e missões é de extrema importância. Se por um lado, missão é o mover de Deus no mundo, com a finalidade de restaurar a criação, missões, por sua vez, designa as formas particulares relacionadas com tempo, lugares ou necessidades específicas de participação na *missio Dei*.

A evangelização e a missão

A evangelização é uma das dimensões importantes da missão. Segundo Bosch, evangelizar é

“...proclamar a salvação em Cristo às pessoas que não creem nele, chamando-as ao arrependimento e a conversão, anunciando o perdão do pecado e convidando-as a se tornarem membros vivos da comunidade terrena de Cristo e começar uma vida de serviço aos outros no poder do Espírito Santo”.[19]

[18] KELLER, 2015, p. 307.

[19] BOSCH, 2022, p. 28.

Um aspecto importante a ser evitado na evangelização é não ir aos extremos (secularista, separatista ou movimentos sociais). A igreja é uma sociedade alternativa. Por essa razão, a evangelização vem a ser uma expressão de oposição e conflito ao espírito da época, ao “deus deste século”, conforme afirma Paulo, apóstolo, em 2 Coríntios 4.4.

A Igreja em missão

A igreja vive em uma tensão criativa de ser chamada para fora do mundo e, ao mesmo tempo, ser enviada ao mundo. Ela é desafiada a ser um fragmento do Reinado de Deus na terra, tendo as primícias do Espírito (Romanos 8:23), como penhor do que há de vir (2 Coríntios 1:22). Ela é uma igreja em missão. A participação no trabalho de Deus é um imperativo vital e existencial do Povo de Deus, pois não podemos decidir se queremos ou não fazer missão. Só podemos decidir se queremos ser igreja.

Estamos vivendo momentos apocalípticos em nossos dias. O sim de Deus a este mundo contemporâneo revela-se em grande medida no engajamento missionário da igreja no tocante a injustiça, desigualdades, discriminação, violência e outros. A igreja em missão não pode ficar indiferente a essa realidade, mas deve expressar sua solidariedade na promoção da justiça, paz, saúde e a dignidade humana. A liberdade e integridade na sociedade são claras afirmações e convicção da continuidade do Reinado de Deus.

A igreja, para vencer a individualidade do Iluminismo, precisa definir pecado, missão e salvação numa perspectiva coletiva e comunal. Compreendendo a *missio Dei*, somos então convocados a organizar cuidadosamente tanto a nossa teologia quanto a nossa prática missionária. Se Deus já está em missão, então a igreja deve buscar total sintonia com Ele e se envolver com o que Ele está fazendo, e não só consumir seu tempo criando métodos para atrair as pessoas para os seus cultos. A igreja deve estar sensível ao que Deus quer fazer no mundo e então se engajar no Seu projeto.

A finalidade da missão

As afirmações já referenciadas nos conduzem ao raciocínio de que tudo o que um cristão diz e faz deve ser considerado acto missionário, numa participação consciente na missão de Deus, no mundo de Deus. Neste contexto, nos enxergamos a nós mesmos como parte do grande curso da missão de Deus. Precisamos ter absoluta certeza de que os alvos de Deus sejam concomitantemente os nossos alvos, sem nos perdermos com os planejamentos estratégicos.

O mundo é o teatro da atividade divina. O amor e a atenção de Deus dirigem-se ao mundo. A missão é participação na existência de Deus no mundo. Como diz Wright, “logo quando falo em missão, estou pensando em tudo o que Deus está fazendo em seu grande propósito para toda a criação e em tudo o que Ele nos chama a fazer para cooperar com Ele nesse propósito”.^[20]

Finalmente, Deus está activo no mundo, realizando a missão, ou melhor, trabalhando para redimir toda a Sua criação, e a igreja precisa se juntar a ele, participando desta missão.

Considerações finais

Missão é o assunto que permeia toda a Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse. Em todas as páginas das Escrituras podemos ver a história da redenção de Deus, que sempre está buscando a reaproximação com o homem e trabalhando para redimir toda a sua criação, e não somente a humanidade. O sangue de Jesus Cristo derramado na Cruz do Calvário foi o meio para reconciliar toda a criação. E toda a criação aguarda a sua redenção, conforme afirma o apóstolo Paulo em Romanos 8.19-23.

[20] WRIGHT, 2012, p. 32.

Portanto, se a missão pode ser entendida como tudo o que Deus quer fazer para cumprir os Seus propósitos com a Sua criação, como filhos de Deus só nos resta um envolvimento comprometido com este projeto. Em nossa teologia bíblica acerca do propósito de Deus para a criação, como cristãos, podemos dar uma resposta missional adotando posturas mais ecológicas e sustentáveis. Podemos estar na vanguarda do cuidado para com a criação, numa perfeita conjugação das duas dimensões: a dimensão criadora e a dimensão redentora.

Referências

BOSCH, David J. **Missão Transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou Colonização?** o risco de fazer missão sem se importar com o outro. Viçosa: Editora Ultimato, 2015.

KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

WRIGHT, Christopher J.H. **A Missão do Povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. São Paulo: Vida Nova, 2012.

Texto recebido em 04.01.2023 e aprovado em 25.01.2023

A MISSIO DEI COMO FUNDAMENTO PRIMORDIAL NO RESGATE DA IDENTIDADE CULTURAL AFRICANA

Abraão Jorge Epalanga

Mestrando em Missiologia no Seminário Teológico Baptista no Huambo, Angola, África.
ORCID ID - 0000-0002-0773-0845.

A MISSIO DEI COMO FUNDAMENTO PRIMORDIAL NO RESGATE DA IDENTIDADE CULTURAL AFRICANA

Resumo

Atualmente, intensifica em África o movimento que se propõe resgatar a identidade cultural africana. O Cristianismo tem sido apresentado como o maior vilão no processo de domínio e ocidentalização do continente e aos poucos as igrejas cristãs africanas ganham o rótulo de serem as principais impulsionadoras para a concretização deste processo e a maior instituição que permite e facilita a neocolonização. Diante desta realidade, o presente artigo visa esclarecer que historicamente o Cristianismo não foi uma religião alienante para nenhum povo ao redor do mundo, entretanto, alguns homens e mulheres com motivações dúbias, foram usados para subjugar e dominar nacionais por conta de suas escolhas e métodos particulares. Com este artigo pretendemos encontrar possibilidades para um caminho melhor que leve ao resgate da identidade cultural africana a partir da compreensão do conceito da *missio Dei*.

Palavras-Chave: Cristianismo. África. *Missio Dei*. Evangelho. Cultura. Identidade.

Abstract

Nowadays, the movement that proposes to rescue African cultural identity is intensifying in Africa. Christianity has been presented as the greatest villain in the process of domination and westernization of the continent. Gradually, African Christian churches received the label of being the main drivers for the realization of this process and the largest institution that allows and facilitates neo-colonization. In the face of this reality, this article aims to clarify that historically Christianity has not been an alienating religion for anyone around the world; however, some men and women with dubious motivations have been used to subdue and dominate nationals because of their own choices and methods. With this article, we intend to find possibilities for a better path that leads to the rescue of African cultural identity from the understanding of *missio Dei*'s concept.

Keywords: Christianity. Africa. *Missio Dei*. Gospel. Culture. Identity.

Introdução

A proposta deste trabalho de pesquisa é mostrar como a *missio Dei* pode ser um conceito fundamental no resgate da identidade cultural africana. Analisamos, a partir de vários autores, como a evangelização do continente se deu a partir de uma relação de domínio, que sufocou a verdadeira identidade cultural africana. A seguir, apontamos alguns aspectos da cultura do continente, especificamente em Angola e entre os *Ovimbundus*, que estão em harmonia com os ensinamentos das Escrituras e propomos um caminho em que a igreja pode trilhar para influenciar o continente a viver de facto dentro dos propósitos de Deus. Esta mudança de paradigma pode trazer uma compreensão mais clara do Deus revelado na Bíblia Sagrada.

A igreja e o imperialismo europeu

O mundo se tornou uma aldeia global, a partir do avanço da tecnologia, existe naturalmente um nível de entrosamento entre os povos que não existia no passado e com isso se intensifica, sem coerção, a troca de costumes e hábitos, gerando dessa forma a perda ou a substituição de determinados traços que identificam um povo, mas nem sempre isso se deu de forma natural. Em África, especificamente, este processo teve início muito antes da explosão tecnológica atual, existem mudanças políticas e sociais em nossos dias que não permitem minimizar ou ignorar o impacto que o período da expansão colonial trouxe consigo.

O processo de colonização aconteceu numa relação de domínio, ou seja, foi necessário que uma das partes se percebesse superior e ignorasse o outro, inferiorizando-o e forçando-o a adotar um estilo de vida ou comportamentos que não lhes eram característicos. Muitos países em África foram submetidos a esse tipo de relação e conseqüentemente abraçaram a forma “civilizada” de vida que lhes foi apresentada e isso fez desvanecer a manifestação real da identidade cultural africana.

A Dra. Analzira Nascimento traz uma contribuição importante nesta questão mostrando através da história como nações adotaram projetos imperialistas que invisibilizaram e inferiorizaram o outro cada vez mais.

“A maior aviltação cometida nesses “encobrimentos” e desencontros foi o não reconhecimento do outro como sujeito, pois a grande marca do colonialismo e dos atuais neocolonialismos sempre será a concepção do outro como objeto.”[1]

Em Angola, a partir deste tipo de relacionamento, o conceito de civilizado ganhou um significado completamente estranho, pois “civilizados” se tornaram as pessoas que mais se identificavam com os hábitos e costumes europeus. A preocupação estava tanto na aparência física assim como na forma de falar e vestir-se. O espelhamento da forma de vida ocidental produziu anulação e categorização, era preciso definir o status de cada pessoa na nova estrutura forjada pelo colonialismo. Categorias como “civilizado”, “assimilado”, “moderno” e “tradicional” foram então criadas para simplificar, distinguir e hierarquizar.[2]

É preciso comentar que neste processo, a igreja ocidental fez parcerias com o estado e usou o paradigma etnocentrista vigente e os mesmos erros bárbaros, de ignorar o outro enquanto com este se relaciona e os mesmos erros foram cometidos.

“A implantação de igrejas no período colonial entre católicos foi facilitada devido a um tratado entre a igreja e o estado: o Padroado Régio. Este acordo foi delineado especialmente em meados do século 15, a partir das Bulas Papais, que conferiram aos reis católicos o poder de evangelizar os infiéis nas terras descobertas.”[3]

A ação da igreja ocidental em África, com a intensão de evangelizar os povos, transmitiu hábitos e costumes europeus, mostrando, dessa forma, que o pressuposto na crença que a sua cultura e forma de vida era, dentre todas as culturas, a que recebia a aprovação de Deus e por isso valia a pena tornar os outros povos iguais a si.

[1] NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou Colonização**: O risco de fazer missões sem se importar com o outro. 1ª ed. Editora Ultimato, 2015, p. 63.

[2] TRAJANO FILHO, Wilson e DIAS, Juliana Braz. **O colonialismo em África e seus legados**: classificação e poder no ordenamento da vida social. Anuário Antropológico, [S. l.], v. 40, n. 2 | 2015, p. 9-22.

[3] NASCIMENTO, 2015, p. 64.

O Dr. René Padilha de forma extraordinária faz abordagens que contrariam o pensamento etnocentrista da época, segundo ele

“Nenhuma cultura se conforma totalmente ao propósito de Deus; em todas as culturas há elementos negativos, desfavoráveis à compreensão do evangelho. Por esta razão, o evangelho nunca se encarna totalmente em nenhuma cultura em particular. Ele sempre vai além de qualquer cultura, ainda quando esta tenha sido influenciada por ele.”[4]

Eugene A. Nida defende que, para que haja comunicação, se requer que o comunicante estabeleça uma relação efetiva entre a mensagem e o contexto cultural total.[5] A igreja ocidental não conseguiu estabelecer este tipo de comunicação, mas, pelo contrário, distanciou-se e seguiu com a sua agenda imperialista. Isso fez com que a partir da incapacidade de compreensão e pronúncia da língua materna africana os nomes dos nativos fossem alterados, sua forma de vestir, dançar, cantar e até o seu comportamento em cerimônias públicas.

É fundamental dizer que este comportamento não é exclusivo da igreja ocidental do século 16, infelizmente existe na igreja moderna uma extensão do paradigma, pois muitos movimentos religiosos estão em ação missionária hoje tendo as mesmas práticas, ainda que em pequenas doses, e forradas com uma mensagem aparentemente evangelística. Nesta questão a Dra. Analzira Nascimento, citando Todorov argumenta que

“A barbárie não se restringe a alguns períodos da história (...), ela está em nós, e todos nós partilhamos do mesmo instinto. É uma característica do ser humano, e todos nós estamos sujeitos a esse estranhamento com o outro.”[6]

Portanto, é preciso olhar com atenção aos erros do passado e ser intencional no exercício missionário mirando uma mudança paradigmática a partir da *missio Dei*.

[4] PADILLA, René. **Missão integral**. Ensaios sobre o reino e a igreja. São Paulo: Temática, FTL-B, 1992.

[5] NIDA, Eugene. **Message as mission**: The communications of The Christian Faith. Pasadena: William Carey Publishing, 1990.

[6] NASCIMENTO, 2015, p. 62.

O processo de resgate da cultura africana

Um dos documentos da série Lausanne afirma que homens e mulheres precisam de uma existência unificada. Sua participação em uma cultura é um dos fatores que lhes proporciona o sentido de pertencer a algo. A cultura dá sentido de segurança, de identidade, de fazer parte de um todo maior e de partilhar a vida de gerações anteriores e também das expectativas da sociedade com respeito a seu próprio futuro.[7]

Uma vez que a cultura de um povo está intimamente ligada à linguagem e se expressa em provérbios, mitos, contos populares e diversas formas de arte, o processo de resgate da cultura africana busca trazer de volta nas celebrações públicas, a dança africana, a música e a comunicação nas línguas maternas africanas. Mas o teólogo ganês Kwame Bedyako, em seu artigo intitulado “*As escrituras como intérpretes da cultura e da tradição*”, destaca que

“A cultura não consiste apenas em música, dança, artefatos e outros elementos do gênero. Nossa cultura é nossa cosmovisão, ou seja, o fundamental para a compreensão de quem somos; de onde viemos e para onde estamos indo. Dentro de nós e ao nosso redor, ela é o que nos define e molda.”[8]

A partir da afirmação de Bedyako, entende-se que o processo de resgate da cultura africana precisa olhar com mais profundidade, isto é, não se fixar apenas nos aspectos externos como dança, música, etc, mas analisar os aspectos profundos da cosmovisão africana, e quando esse exercício é feito, percebe-se claramente que existe na cultura africana elementos que nos levam a Deus. O Dr. René Padilla afirma que

[7] Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial. **O Evangelho e a Cultura**: a contextualização da palavra de Deus. São Paulo: ABU, 2007.

[8] BEDYAKO, Kwame. **As escrituras como intérpretes da cultura e da tradição** In ADEYEMO, Tokunboh. Comentário Bíblico Africano. 1ª ed. São Paulo. Editora Mundo Cristão, 2010, p. 55.

“...cada cultura também possui elementos positivos favoráveis à compreensão do evangelho. Com isso não quero dizer que os temas centrais da teologia se derivam da cultura, nem que esta determine a reflexão teológica de maneira absoluta. Minha tese é, antes, que cada cultura torna possível um enfoque do evangelho que traz à luz certas arestas que em outras culturas podem ter parecido menos visíveis ou mesmo ocultas. Visto nesta perspectiva, as diferenças culturais que tanto obstaculizam as comunicações interculturais tornam-se numa vantagem para a compreensão da multiforme sabedoria de Deus: Servem como canais de expressão de aspetos da verdade do evangelho que a teologia presa a uma cultura pode ter permanecido menos visíveis ou mesmo ocultas”[9]

Com base nos argumentos citados, podemos afirmar que o cristianismo não é estranho aos africanos, pois como veremos com detalhes mais abaixo, existem em nossa cosmovisão elementos positivos e favoráveis a compreensão do evangelho e a *missio Dei* poder ser o fundamento primordial para resgatar de facto a identidade cultural africana. Podemos também afirmar que o cristianismo não é inimigo do desenvolvimento do continente, pois se compreendida e aplicada a mensagem contida em todo o ministério de Jesus, um maior avanço político, econômico e social se registrará.

O conceito de *Missio Dei*

Timothy Keller, citando Lesslie Newbigin, afirma que a expressão *Missio Dei* tornou-se famosa depois da conferência missionária mundial em Willingen, Alemanha, em 1952, e foi uma forma de expressar a ideia de que “Deus está ativo no mundo, trabalhando para redimir toda a criação”.

[10] Michael Goheen acrescenta dizendo que a missão de Deus é também recuperar a criação e a vida da humanidade da devastação causada pelo pecado.[11] Quando falamos sobre a missão de Deus no mundo, temos que responder porque Deus está em missão, do que Deus está a resgatar a humanidade e de qual devastação os autores acima se referem?

[9] PADILLA, 1992, p. 98.

[10] KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**: Desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 297.

[11] GOHEEN, Michael. **A igreja missional na Bíblia**: luz para as nações. São Paulo. Editora Vida Nova, 2014.

É preciso antes de tudo perceber que Deus criou um universo belo e organizado, todas as coisas existiam em harmonia e o mundo como conhecemos não existia, mas em Gênesis 3 temos o relato do pecado e suas consequências. Timothy Keller resume as consequências do pecado da raça humana em quatro dimensões, todas dadas a partir da separação do ser humano com Deus:

"1 - Por estarmos separados de Deus, estamos psicologicamente separados de nós mesmos – sentimos vergonha e medo (Gn 3.10).

2 - Por estarmos separados de Deus, também estamos socialmente separados uns dos outros (o v. 7 relata como Adão e Eva tiveram de se vestir, e o v. 16 fala do afastamento do homem em relação à mulher; veja também, nos v. 11-13, a transferência de culpa no diálogo deles com Deus).

3 - Por estarmos separados de Deus, também estamos fisicamente separados da própria natureza. Agora experimentamos sofrimento, trabalho árduo, degeneração física e morte (v. 16-19). Na verdade, a própria terra é amaldiçoada (v. 17; veja Rm 8.18-25)."[12]

A partir do resumo de Timothy Keller sobre o impacto do pecado, percebe-se claramente porque Deus está em ação no mundo, que está desajustado, e a humanidade e todo o resto da criação precisam de um salvador. Michael Goheen coloca Jesus como expressão máxima da missão de Deus, afirmando que

“O Reino de Deus é antes de tudo o poder de Deus em ação no Messias e por meio do Espírito para restaurar toda a criação e toda a vida humana da contaminação do pecado e de seus efeitos devastadores. Em suas palavras e ações, Jesus revela que toda a história está rumando para essa restauração.”[13]

É interessante perceber o quanto Deus está preocupado com a sua criação, não poupou esforços para ver todas as coisas restauradas, Goheen prossegue:

"A morte e ressurreição de Jesus constituem o ponto decisivo de toda a história. Sua morte põe fim a um mundo permeado pelo pecado. Sua ressurreição e seu dom do Espírito inauguram um novo mundo.”[14]

[12] KELLER, 2014, p. 35-36.

[13] GOHEEN, 2014, p.38.

[14] Ibid., p. 39.

Os Ovimbundus

Dentro do continente Africano encontramos predominantemente os povos *Bantus*, e cada um com as suas particularidades. Portanto, para uma reflexão mais detalhada nos concentraremos no povo *Ovimbundu*, que vive em sua maioria na região sul e centro de Angola.

Os Ovimbundus e sua ontologia - *ntu*

Um elemento central na filosofia *Bantu*, que alcança todos os povos do continente Africano, é a noção da força como um atributo necessário ao ser. O ser é a força, sem o elemento da força o ser não pode ser concebido. Nesse sentido, para o *bantu*, o universo está composto de energias e a energia divina está presente em todas as partes da criação, de modo que os homens, as criaturas viventes e até os fenômenos naturais, estão nela penetrados e acham-se por isso, em comunhão.

O *Bantu* entende que quem está enfermo não tem forças, quem é inteligente possui maior concentração de força no cérebro e quem tem coragem possui maior concentração de forças no coração. O mundo todo dentro da filosofia Africana não é uma entidade estável, fixa no ser, mas dinâmica e em perpétuo crescimento, participando deste crescimento todos os seres, inclusive o homem.

Deus e os Ovimbundus

Deus, na compreensão *Bantu*, é o gerador de toda a força, é aquele que delineou, atuou e impulsionou a interação do universo, desencadeando a origem dos seres, o “*ntu*”. Nas palavras de Altuna:

“Ao formularem as categorias dos seres existentes, eles raciocinaram por exclusão. O pré-existente não encontra lugar na lista. Não é “Muntu”, homem; nem “Kintu”, coisa; nem “Huntu”, localidade; nem com muita razão “Kuntu”, modo de ser excluído dessas categorias, afirmam que Deus não é nem uma “essência” nem um existente “realizável”. Em consequência, Ele é o “Todo-Outro” com relação aos que começaram a existir, é necessariamente existente.”[15]

Na cultura tradicional africana, “Deus é totalmente outro”, como afirma Karl Barth[16], existe a noção de transcendência. Deus não é igual a qualquer ser existente na esfera humana, mas torna-se parte da sua Criação a agir em todas as coisas existentes. O criador da força faz com que esta se mova em todas as direções para a manutenção do universo. Não é um Deus distante, pelo contrário, age e se move para o bem das suas criaturas.

“Assim diz Deus, o Senhor, que criou os céus e os desenrolou, e estendeu a terra e o que dela procede; que dá a respiração ao povo que nela está, e o espírito aos que andam nela.” Isaías 42.5

Deus na compreensão *Bantu*, não é diferente do Deus revelado nas Escrituras, que criou os céus e a terra, que dá respiração ao povo que nela está. Os africanos têm o privilégio de ter essa compreensão enraizada em sua própria cultura. Perceber isso coloca um holofote maior sobre a questão “Deus” e sobre a criação de todas as coisas. Diferentemente como são tidos pelos ocidentais, os *Bantus* acreditam em um único Deus. A crença em Deus, único e pessoal, é unânime, com variedade de nomes e matrizes em seus atributos e soberania. É bom saber que o relato da criação, no livro de Gênesis, encontra respaldo no coração dos africanos. O Deus que se revela nas Escrituras com poder criador e sustentador está presente na matriz do pensamento religioso africano e isso nos faz perceber que apesar do continente africano ter sido cristianizado, Deus imprimiu nos corações de todos os povos ao redor do mundo quem Ele de facto é.

[15] ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. **Cultura Tradicional Bantu**. 2ª ed. Luanda. Edição do Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1993.

[16] Cf. GEISLER, Norman L. FEINBERG, Paul D. **Introdução à Filosofia** – uma perspectiva cristã. São Paulo: Vida Nova, 1989. p. 203.

Força e mediação

Na religião tradicional africana, os homens em vida não têm acesso direto a Deus por este ser de outra natureza e habitar em um lugar inacessível. Mas existe o que é conhecido como a “ponte da ancestralidade” ou de “pirâmide vital”. Os africanos têm os antepassados como mediadores da sua relação com Deus, mas não significa que qualquer antepassado pode fazer a mediação.

Para o africano, quem tem a capacidade de mediar a relação entre Deus e os vivos são aqueles que em vida tiveram a maior concentração de forças em seu interior, manifestada em coragem para lidar com os adversários, em capacidade de reprodução de filhos para abençoar a comunidade e trazer crescimento demográfico ou em habilidade de produção, para causar transformação e desenvolvimento.

As orações, oferendas e sacrifícios são dirigidas a estes “mediadores” para que haja um elo de ligação entre os dois planos existenciais, de forma que, sendo os antepassados cultuados, estarão sempre sendo lembrados e reverenciados. Assim serão evitadas tristezas por parte dos mesmos que passarão a livrar seus consanguíneos de doenças, depressões, dos prejuízos na lavoura, na falta de alimentos com a escassez da caça e da morte.

O Novo Testamento apresenta Jesus como aquele que faz a intermediação entre os homens e Deus. Jesus viveu entre nós e deteve todo o poder, curava enfermidades, ressuscitou os mortos, acalmou a tempestade e expulsou demônios. Jesus tinha dentro de si toda a força do Universo e isso faz com que ele seja capaz de construir o canal de comunicação entre Deus e os homens.

"Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem." I Timóteo 2.5

"Portanto, ele é capaz de salvar definitivamente aqueles que, por meio dele, se aproximam de Deus, pois vive sempre para interceder por eles." Hebreus 7:25

"Por essa razão, Cristo é o mediador de uma nova aliança para que os que são chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que ele morreu como resgate pelas transgressões cometidas sob a primeira aliança." Hebreus 9:15

O perigo de ignorar o conceito da *missio Dei* no resgate da identidade cultural africana

Conforme vimos anteriormente, Deus imprimiu no coração de todos os africanos a sua história e pequenos lampejos de como as coisas irão terminar. Portanto, a igreja no continente africano é convocada a aliar-se a Deus nessa grande missão de restaurar todas as coisas para a glória de Deus. O resgate da identidade cultural africana não pode ser efetivado a partir de um sentimento de vitimização.

Reconheço a necessidade de reparo histórico em algumas áreas, mas o sentimento de vitimização apenas produzirá a velha tensão do "nós contra eles" e isso não produzirá a harmonia entre os povos que existia antes da chegada do pecado.

O restauro da criação de Deus implica em novos tipos de relacionamentos, uma construção social diferente da que conhecemos. A vitimização impulsionará a repetição dos erros do passado e com isso não se constrói uma sociedade saudável.

Como seria a África influenciada pela *missio Dei*?

Michael Goheen aponta algumas características que a igreja missional, ou seja, a igreja que entendeu a *missio Dei* e decidiu aliar-se a Deus nessa grande missão possui, e, para tanto, citarei algumas destas características que são de extrema importância para a construção social, econômica e política do continente e que a igreja em África deveria adotar para influenciar toda a vida no continente:

- "1 - Uma igreja profundamente envolvida nas necessidades de sua vizinhança e do mundo;
- 2 - Uma igreja que compreende o seu contexto cultural;
- 3 - Uma igreja empenhada em viver como uma comunidade de contraste;
 - a. Uma comunidade de contraste deve ser uma comunidade de justiça em um mundo de injustiça econômica e ecológica;
 - b. Uma comunidade de contraste deve ser uma comunidade de generosidade e simplicidade ("isso é suficiente") em um mundo consumista;
 - c. Uma sociedade de contraste deve ser uma comunidade de pessoas que contribuem financeiramente de modo generoso em um mundo egoísta que busca os seus próprios direitos mais do que os dos outros;
 - d. Uma comunidade de contraste deve ser uma comunidade que testemunha humilde e ousadamente da verdade em um mundo de incertezas;
 - e. Uma comunidade de contraste deve ser uma comunidade de esperança em um mundo desiludido e saturado pelo consumo;
 - f. Uma comunidade de contraste deve ser uma comunidade de alegria e gratidão em um mundo hedonista que busca freneticamente o prazer;
 - g. Uma comunidade de contraste deve ser uma comunidade que experimenta a presença de Deus em um mundo secular;
- 4 - Uma igreja dedicada à oração em comunidade."^[17]

Considerações finais

É fácil perceber que Deus está interessado em se revelar em todas as culturas e para todos os povos ao redor do mundo. Ele se mostra para construir um relacionamento com as suas criaturas e não importa o lugar onde essas pessoas nasceram ou vivem. O continente africano deve fazer o caminho de recuperação da sua cultura, entretanto, não com a motivação de livrar-se das influências ocidentais, mas a partir de uma reflexão nos ensinamentos da Bíblia e compreensão da *missio Dei*. Encontrar em sua própria cultura a maneira como Deus se revelou e como Ele quer que vivam, para manifestarem a imagem e a semelhança de Deus que se deteriorou no jardim do Éden devido ao pecado de Adão e Eva.

[17] GOHEEN, 2014.

Referências

ADEYEMO, Tokunboh. **Comentário Bíblico Africano**. 1ª ed. São Paulo. Editora Mundo Cristão, 2010.

ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. **Cultura Tradicional Bantu**. 2ª ed. Luanda. Edição do Secretariado Arquidiocesano de Pastora, 1993.

Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial. **O Evangelho e a Cultura: a contextualização da palavra de Deus**. São Paulo: ABU, 2007.

GEISLER, Norman L. FEINBERG, Paul D. **Introdução à Filosofia** – uma perspectiva cristã. São Paulo: Vida Nova, 1989.

GOHEEN, Michael. **A Igreja missional na Bíblia: luz para as nações**. São Paulo. Editora Vida Nova, 2014.

O'DONOVAN JR., Wilbur. **O Cristianismo Bíblico da Perspectiva Africana**. 1ª ed. São Paulo. Editora Vida Nova, 1999.

PADILLA, René C. **Missão integral**. Ensaios sobre o reino e a igreja. São Paulo: Temática, FTL-B, 1992.

NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou Colonização?** O risco de fazer missões sem se importar com o outro. 1ª ed. Editora Ultimato, 2015.

NIDA, Eugene. **Message as mission:** The communications of The Christian Faith. Pasadena: William Carey Publishing, 1990.

KELLER, Timothy. **Igreja Centrada:** Desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo. Editora Vida Nova, 2014.

TRAJANO FILHO, Wilson e DIAS, Juliana Braz. O colonialismo em África e seus legados: classificação e poder no ordenamento da vida social, **Anuário Antropológico**, v.40 n.2 | 2015, 9-22.

Texto recebido em 05.01.2023 e aprovado em 25.01.2023

MISSÕES EM PORTUGAL: UM ENSAIO SOBRE O PAÍS, A SUA RELIGIÃO E AS SUAS TENDÊNCIAS MISSIONÁRIAS

Débora Isabel Rossa Hossi

Mestranda em Teologia no Seminário Teológico Baptista em Queluz, Portugal, bacharel em Bíblia e Teologia pelo Instituto Bíblico Português, graduada em Economia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, com especialização em Economia Financeira e do Risco. É coordenadora de comunicações e redes sociais para a língua portuguesa no ministério de Evangelismo na Internet da Associação Evangelística Billy Graham. A autora nasceu em Coimbra, Portugal.

A MISSIO DEI COMO FUNDAMENTO PRIMORDIAL NO RESGATE DA IDENTIDADE CULTURAL AFRICANA

Resumo

Este artigo é o resultado de uma investigação ao fenómeno de missões em Portugal. Através de uma análise geral e de uma consideração sobre quais são as tendências e os fatores que têm determinado as missões neste país, propõe cinco sugestões para levar a cabo a expansão do Reino de Deus nessa terra. Por meio de pesquisa bibliográfica, examina como é a história, a política e economia portuguesa, e investiga qual a sua relação com as missões. Procura também explicar o fenómeno das missões evangélicas partindo de dados internos ao próprio movimento tentando estabelecer quais são as tendências e os fatores que contribuem positivamente e negativamente no crescimento de missões. Ao fim é neste cenário que a igreja com todos os seus crentes luta para participar na *missio Dei*.

Palavras-Chave: Missão. Portugal. Igreja evangélica. Missões transculturais. Europa.

Abstract

This article is the result of an investigation into the phenomenon of missions in Portugal. Through a general analysis and consideration of the trends and factors that have determined missions in this country, five suggestions are proposed for carrying out the expansion of the Kingdom of God in this land. Through bibliographical research, it examines what Portuguese history, politics and economy are like, and investigates what is their relationship with the missions. It also seeks to explain the phenomenon of evangelical missions based on data internal to the movement itself, trying to establish what are the trends and factors that contribute positively and negatively to the growth of missions. At the end, it is in this scenario that the church with all its believers struggles to participate in the *missio Dei*.

Keywords: Mission. Portugal. Evangelical Church. Cross-cultural missions. Europe.

Introdução

"Valeu a pena? Tudo vale a pena. Se a alma não é pequena. Quem quer passar além do Bojador. Tem que passar além da dor. Deus ao mar o perigo e o abismo deu. Mas nele é que espelhou o céu."[1]

Este texto de Fernando Pessoa explica a alma de Portugal. O triste fado sai de um coração em que habita o abismo e o céu, o sofrimento e a vitória. Mas é também neste país que Deus escolheu chamar para si um povo para participar no Seu Reino. Para cumprir a missão de Deus em Portugal é necessário conhecer as suas pessoas, as suas tendências, culturas e acima de tudo, as suas paixões, para que em um coração dividido reine apenas Jesus Cristo.

Um país à beira-mar plantado

Tanto a nível geográfico como econômico, Portugal sempre está na cauda da Europa. Nos últimos 50 anos entrou 3 vezes em bancarrota, e só a União Europeia salvou este país.[2] Portugal tem uma baixa produtividade, com a exceção do turismo, daí que as ofertas de trabalho mais recorrentes são para hotéis ou restaurantes. Apesar de o país ter uma elevada carga fiscal em relação aos salários, ele é um paraíso para os restantes países ricos da Europa.[3]

Um dos fatores que contribui para o lento progresso de Portugal é a corrupção.[4] Existe corrupção em quase todas as estruturas da sociedade, desde a entrada de um bebé para uma creche até aos mais altos lugares da política. Estima-se que as transações corruptas entre entidades económicas rondem os 8% a 10% do PIB português.[5]

[1] PESSOA F. **A Mensagem**. Lisboa: Ática, 1970, p. 70.

[2] GASPAR, J. T. **Os Portugueses e a Europa**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018.

[3] FRANCO T. **Comunicado sobre o Investimento Direto Estrangeiro em Portugal**. Lisboa: Ernest&Young, 2021.

[4] ALMEIDA, A. **Corrupção em Portugal**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2021.

[5] *Ibidem*.

Na política, Portugal segue a tendência da Europa. Nos últimos 150 anos, o país viveu em uma monarquia em decadência, em uma república proclamada, em uma ditadura e em uma democracia, que vai mostrando os seus sinais de falência, por causa do crescimento da extrema-direita. Portugal segue uma composição parlamentar idêntica à maioria dos países da União Europeia.[6]

Quanto à sociedade portuguesa, pode ser dito que este é um país de migrações, que sempre envia pessoas e recebe pessoas. Portugal é um dos países da Europa que recebe mais crianças e jovens refugiados.[7] Tal como o restante Velho Continente, a população portuguesa está envelhecida, criando um grande problema para as estruturas de assistência social. Atualmente há um conhecimento técnico-científico crescente e um índice de escolaridade alto.[8] A escolaridade obrigatória vai até ao fim do ensino complementar, e um bacharel completo tem um custo de 2.100€.

Em termos demográficos, Portugal encontra-se desertificado nas suas regiões interiores. Embora que haja um esforço do Governo para repovoar estes lugares, o crescimento populacional tem sido muito lento. Aliás, tudo em Portugal é lento, porque este ritmo é cultural. Provavelmente sempre será assim. Apesar de nos últimos 40 anos tenha havida um avanço significativo no campo da equidade de gênero, os homens ainda ganham mais do que as mulheres[9], e os nativos ainda terão mais acesso do que estrangeiros a profissões de maior renda.[10] O racismo ainda é bem visível nas estruturas portuguesas graças à herança da história colonial portuguesa.

[6] O Parlamento ou Assembleia da República é um dos órgãos de soberania consagrados na constituição portuguesa, e representa todos os cidadãos portugueses. É composto por todos os deputados eleitos pelos portugueses, em eleições legislativas, para os representarem ao nível nacional. Esta é um configuração comum na União Europeia. __. **A Democracia Portuguesa**. Lisboa: República Portuguesa, 2023.

[7] __. **Notícias da República Portuguesa**. Lisboa: República Portuguesa, 2022.

[8] ROSA, M. J. V. **Retrato da Sociedade Portuguesa**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012.

e MATIAS, A e CARVALHO, A. **Séries Longas Para A Economia Portuguesa**. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2021, múltiplas páginas.

[9] __. **Mulheres em Portugal**. Lisboa: Rádio e Televisão Portuguesa, 2021.

[10] __. **O combate ao racismo e à discriminação é um desafio urgente das nossas sociedades**. Lisboa: Governo de Portugal, 2022.

A nível ambiental, Portugal está na vanguarda da Europa. Metade da energia consumida é produzida em território nacional, e grande parte é energia verde. A qualidade do ar e da água são bons, mesmo a água que sai na torneira de casa. No mesmo país é possível encontrar boas praias, estâncias de neve, e percursos no meio de natureza selvagem. Apesar destas coisas boas, como Portugal se encontra no Mediterrâneo, no futuro será um dos países a sofrer bastante com as alterações climáticas, tema esse que é importante para as novas gerações.[11]

A história religiosa, as religiões e a secularização em Portugal

Mesmo que a Constituição da República Portuguesa o identifique como um estado laico, Portugal é um país católico. Sua história política e cultural cruza-se com a sua história religiosa. Apesar de D. Afonso Henriques ter sido aclamado rei em 1143 pelo Tratado de Zamora, Portugal foi apenas considerado nação independente de Espanha pela bula papal, *Manifestis Probatum*, de 1179.[12] Ainda que tenha uma lei da liberdade religiosa em vigor desde 2001 é perceptível que as ligações com a Santa Sé são antigas e colocam a Igreja Católica Romana num patamar diferente, através da Concordata.[13] A própria religião católica foi um fator importante na expansão colonial português. A razão para a era gloriosa dos Descobrimentos foi “*dilatar a fé e o império*” com o intuito de servir Jesus, refém do papa na libertação das almas cativas e destinadas à perdição eterna.[14]

Saltando para o século 20, ainda é possível ver a proeminência do catolicismo romano na sociedade portuguesa. Apesar de o número de católicos vir diminuindo ao longo das décadas, ainda são aproximadamente 77% da população portuguesa.[15]

[11] DIAS, S. **Porque Portugal está a aquecer tão depressa**. Lisboa: Jornal de Negócios, 2022.

[12] PINTO, P. S. **Manifestis Probatum**. Lisboa: Rádio e Televisão Portuguesa, 2017.

[13] A Concordata, por ser um contrato formal entre dois estados soberanos (Portugal e Vaticano), é considerado uma lei internacional, que hierarquicamente é superior à lei da liberdade religiosa, que é uma lei nacional. No entanto, a liberdade religiosa é salvaguardada pela Constituição da República Portuguesa que se situa no topo da hierarquia.

[14] MARQUES, J. F. **A Religião na Expansão Portuguesa**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1992, pp. 117-118.

[15] _____. **A Religião dos Portugueses**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018.

O próprio cardeal-patriarca D. Manuel Clemente admite que Portugal se encontra numa mudança “civilizacional e cultural”, na qual as “referências estáveis, quer locais quer sacramentais, se diluíram muito”.[16] Embora que muitos possam simpatizar com outras crenças, muito dificilmente mudarão de “religião”. Em segundo lugar aparecem os evangélicos, que representam 90% das “outras confissões religiosas”. No entanto, a percentagem dos protestantes/evangélicos em Portugal é apenas 2,3%, incluindo desde igrejas históricas a pentecostais.[17]

Apesar de estar na Europa, a Reforma Protestante não teve grande significância em Portugal antes do século 20. Após a Revolução de 25 de abril de 1974 e com a chegada dos retornados[18] assistiu-se a uma expansão dos evangélicos. O mesmo acontece ainda hoje com a importância das igrejas das diásporas, principalmente do Brasil, que ainda formam uma parte significativa do tecido evangélico em Portugal. Menos de metade dos evangélicos são de origem portuguesa.[19]

Os dados mais recentes, disponibilizados pela Aliança Evangélica Portuguesa[20], indicam que em Portugal há um número irrelevante de megaigrejas[21], e a tendência de assistência de cultos está entre 1 e 50 pessoas. Estas igrejas são mais multiculturais quanto mais se aproximam dos centros urbanos. Importante notar que 73% dos crentes estrangeiros são oriundos do Brasil, e 35% dos pastores em Portugal são de nacionalidade brasileira. Estes números se devem especialmente à proximidade linguística e não à cultural. Pastores e crentes oriundos do Brasil ou países de África tendencialmente não se enquadram nas igrejas em Portugal, e por isso constituem as suas próprias igrejas, criando mais um dos nichos eclesiais que se encontram neste país.

[16] Ibidem.

[17] _____. **Evangélicos em Portugal segundo os censos 2021**. Lisboa: Aliança Evangélica Portuguesa, 2022.

[18] Retornados é a designação dada aos cidadãos portugueses que, entre o 25 de abril de 1974 e 1976, após a descolonização portuguesa de África e a respetiva independência das colónias dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa com o fim do Império Português, tiveram de voltar para Portugal.

[19] _____. **Assessoria de Missões**: Estudo realizado com base em 500 entrevistas com líderes de igrejas em todo Portugal Continental e arquipélagos. Lisboa, Aliança Evangélica Portugal, 2021.

[20] Ibidem.

[21] Apenas 5% das igrejas evangélicas em Portugal têm uma assistência aos cultos de mais de 200 pessoas.

Ao contrário da ideia que se popularizou na década de 90 por causa de algumas igrejas importadas do Brasil, a maior parte das igrejas são comedidas nas suas proclamações e celebrações. Quanto ao evangelismo, historicamente, ele é compreendido como uma função do pastor, e apenas uma parte residual das congregações se engajam neste chamado de forma diária e intencional.

O contexto religioso português é caracterizado pelo pluralismo religioso. Podemos encontrar religiões e seita cristãs como: Igreja Católica Romana, Protestantes (inclui-se aqui a Igreja Adventista do Sétimo Dia), Igreja Evangélica, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (mais conhecidos por Mórmons), Testemunhas de Jeová, mas também religiões e seitas não cristãs como: Judaísmo, Islamismo, Budismo, Hinduísmo, Fé Bahá'í e ainda correntes religiosas mais ligadas ao espiritismo como a Umbanda e Kardecismo. E ainda há o fenômeno dos sem religião, que pode ser considerado um novo grupo dentro da expressão religiosa.[22]

É impossível falar do contexto espiritual de Portugal sem nomear o pluralismo e a secularização. Há medida que ocorre a erosão do cristianismo na Europa, estes dois fatores têm aumentado de forma significativa, muito influenciados pelo multiculturalismo e globalização, como pelas novas formas de espiritualidade que aparecem da sociedade europeia. Segundo Eugenia Roussou, esta nova espiritualidade aumenta cada vez mais em Portugal, mesmo que o país seja consideravelmente católico romano. O tarot, a astrologia, o reiki e os centros de meditação estão cada vez mais presentes, principalmente em Lisboa, e levam as pessoas para fora de uma fé institucionalizada, desafiando a autoridade religiosa.[23]

[22] _____. A Religião dos Portugueses. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018. e VILAÇA, H. As múltiplas gradações do pluralismo religioso dos portugueses. Braga: Congresso Português de Sociologia, 2008, p. 2.

[23] ROUSSOU, Eugenia. A transformação de religiosidade em Portugal e na Grécia. Lisboa: REVER, 2016, p. 69.

A abertura a novas religiões encontra-se entre os mais jovens, entre os indivíduos com elevados níveis de educação, que vivem num meio urbano, que ocupam uma posição ideológica à esquerda e que atribuem importância à igualdade. No que diz respeito ao gênero, é possível verificar que tanto em Portugal, como a nível internacional, as mulheres são mais religiosas que os homens.[24]

Aliado ao pluralismo e diversidade religiosa, a secularização é outro fator importante no contexto espiritual de Portugal. Começou com a separação da Igreja e do Estado, da desvalorização da fé no poder civil, e juntando-se à cultura, e a autonomia desta face a qualquer símbolo religioso.[25] A secularização enviou a religião para a esfera privada, e será muito difícil que ela saia de lá nas próximas décadas.[26] Talvez a melhor definição sobre Portugal pertence a Steffen Dix: “Portugal é um país secularizado, religioso e católico”.[27] É religioso porque maior parte das pessoas admitem ter uma religião, e dos que tem religião, grande parte diz ser católicos. Mas a religião não faz parte dos temas do quotidiano, não influencia a prática cívica, nem “tem relação com a competência no trabalho ou com a honestidade no pagamento de impostos.”[28]

As tendências, os desafios e as oportunidades das missões em Portugal

A igreja em Portugal movimenta-se num território físico, eclesiástico, emocional e espiritual carregado de desafios no que diz respeito ao trabalho missionário. Pelas estatísticas, as missões de Portugal, e em Portugal, precisam de um novo fulgor. Existem vários indicadores ou tendências que demonstram isto.[29]

[24] VILAÇA, H. **As múltiplas gradações do pluralismo religioso dos portugueses**. Braga: Congresso Português de Sociologia, 2008, p. 2.

[25] TOLDY, T. **A secularização da sociedade portuguesa no contexto das modernidades múltiplas**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 2013, p. 25.

[26] *Ibidem*, p. 31.

[27] *Ibidem*, p. 54.

[28] *Ibidem*.

[29] Todas as informações analisadas foram provenientes do mesmo estudo. Aliança Evangélica Portugal, Estudo realizado com base em 500 entrevistas com líderes de igrejas. em todo Portugal Continental e arquipélagos, p. 1-21.

- *As igrejas em Portugal estão envelhecidas.* A idade das igrejas em Portugal, aliada à sua falta de estratégia de plantação de novas igrejas é um desafio missionário. Mais de 50% das igrejas foram plantadas ainda no século 20. Maior parte dos pastores têm entre os 50 e 59 anos de idade. O fulgor missionário que plantou 46% das igrejas nos primeiros quinze anos do século 21 caiu drasticamente para 15% a partir de 2015.
- *O alcance de portugueses é fraco.* 40% das igrejas que foram plantadas nos últimos anos têm 25% de portugueses e não batizaram ninguém nos últimos dois anos anteriores à pandemia. Isto significa que estas novas igrejas surgem mais pela necessidade de abraçar cristãos oriundos de outros países do que por novas conversões.
- *Igrejas com menos de 25% de portugueses são mais jovens e mais missionárias.* Em comparação com as igrejas predominantemente composta de portugueses, as igrejas étnicas ou da diáspora têm uma assistência mais jovem, a idade da liderança é mais jovem e têm mais planos para plantar novas igrejas. A idade das igrejas com mais de 75% de portugueses, a idade dos próprios pastores e da assistência pode ser um fator de desânimo para missões.
- *As igrejas em Portugal estão a morrer.* Quase 25% das igrejas em Portugal têm menos de 25 pessoas na sua assistência, metade destas não fizeram nenhum batismo nos dois últimos anos antes da pandemia, e 64% destas tem uma faixa etária predominante acima dos 45 anos. Dentro destas, 25% destas igrejas têm pastores com mais de 60 anos. A viabilidade destas igrejas encontra-se muito provavelmente pela antiga aquisição de espaço próprio, reduzindo assim os custos fixos da presença num determinado local.
- *A igreja em Portugal não trabalha em parceria.* Quase 80% das igrejas estão envolvidas em trabalho social. Porém, mais de metade destas trabalham em nome próprio, sem envolvimento com outra associação, igreja ou entidade pública.

- *Missões transculturais são apenas uma rubrica no orçamento.* Apenas 5% das igrejas enviam missionários. Maior parte do envolvimento das igrejas com missões é feito pelo sustento de missionários.
- *Os líderes das igrejas em Portugal estão cansados.* 54% dos líderes dizem encontrar-se num nível de stress moderado e 18% diz encontrar-se em stress elevado.

Fatores que impactam as missões em Portugal

Fatores mesclados para contribuir e prejudicar as missões em Portugal são encontrados dentro e fora das igrejas locais. A Igreja de Jesus Cristo protagonizará sempre os movimentos de expansão de Deus. No entanto, as limitações humanas nem sempre participam naquilo que Deus já está a fazer. De forma sucinta, estes são os fatores internos que tem impactado as missões em Portugal[30]:

- *Igrejas que oram e jejuam juntas* – os grandes avivamentos começaram assim, e o mesmo aconteceu em Portugal na segunda metade do século 20. Novos movimentos se têm levantado neste sentido;
- *Igrejas que investem em educação teológica* – ao se exporem à Palavra de Deus e à transformação que ela opera, igrejas e seus membros refletem, experimentam e executam estratégias missionárias;
- *Igrejas que envolvem todos os seus membros em missões* – infelizmente um fator que não tem contribuído para as missões em Portugal é a ideia que missão e/ou evangelismo é feito por líderes de igreja ou por estrangeiros.

[30] É um pouco difícil encontrar bibliografia para explicar o fenómeno das missões em Portugal. Dessa forma, os dados que são apresentados vêm da análise do estudo e de notícias publicadas pela Aliança Evangélica Portuguesa e outras entidades evangélicas, mas também da observação e reflexão pessoal acerca do movimento evangélico no país.

- *Igrejas e crentes que se dispõem a contribuir financeiramente* – A missão de Deus não sofre com a falta de recursos, mas as missões em Portugal sofrem com a falta de disponibilidade das igrejas contribuírem financeiramente.

Em seguida, se apresenta os fatores externos que tem influenciado as missões em Portugal.

- *Agenda política* – Tanto a agenda política de extrema esquerda como a de extrema direita têm os olhos postos nas igrejas para acusá-las de fobia ou de radicalismo. O envolvimento político tem influenciado negativamente as missões e a proclamação do Evangelho;
- *Sociedade sem esperança e com falta de confiança na liderança* – As pessoas não acreditam nos seus líderes – sejam políticos, laborais ou até religiosos – e não tem confiança numa sociedade melhor. Em tempos de crise, igrejas tem a oportunidade de mostrar como Deus tem um plano melhor para a humanidade;
- *Imigração* – As migrações são um fator positivo para as missões. Por um lado, os imigrantes cristãos são mais recursos humanos. Por outro lado, imigrantes que não conhecem Cristo, encontram-se muitas vezes numa situação de fragilidade (física, econômica, psicológica, emocional), e isso é uma oportunidade para a missão integral;
- *Pandemia covid-19* – Nos últimos anos não foram poucos os casos de igrejas evangélicas que cresceram numericamente porque um membro da sua igreja partilhou o link do culto com um familiar ou amigo seu. A pandemia trouxe um impulso tecnológico que contribuiu para o desenrolar do crescimento das igrejas locais;
- *Crise e guerra na Ucrânia/Conflitos armados* – Por causa da instabilidade europeia, as pessoas estão carentes de uma mensagem de esperança e por isso tanto a proclamação do Evangelho como ações de cuidado integral são uma oportunidade para missões.

Cinco sugestões de princípios e estratégias para alcançar Portugal

Antes de nomear cinco sugestões para fazer missões em Portugal lembramos da passagem bíblica do envio de Paulo e Barnabé para a primeira viagem missionária. “*Enquanto adoravam ao Senhor e jejuavam, o Espírito Santo disse: "Separai-Me Barnabé e Saulo para a obra que os tenho chamado".* 3 *Após jejuarem, orarem e imporem as suas mãos sobre esses homens, eles os enviaram.*” Atos 13:2,3 (NVA). As 5 sugestões que iremos propor são construídas na adoração, intimidade e comunhão com Deus e com a igreja local.

OLHAR - *Descobrir quem está ao lado*

Qual sociedade está a rodear a igreja em Portugal? Qual é a cultura do meu bairro ou do meu trabalho? A que lugares as pessoas vão ou que plataformas elas usam para se comunicar? Qualquer um que está longe de Deus deixa um rastro de queda, pecado, necessidades e carências nos “lugares” que frequenta. O exemplo de Jesus é claro: correr as aldeias e cidades (Mt 9:35) para investigar e descobrir as necessidades. É preciso estar com as pessoas e perceber quais são as suas necessidades e como Jesus é melhor para elas.[31] Algumas estratégias simples são:

- Caminhe em vários lugares e conheça pessoas e seja conhecido pelas pessoas que passam por você;
- Ingresse numa atividade conjunta de sua cidade ou com os seus colegas de trabalho. Se o seu posto de trabalho tem um refeitório comum, não deixe de o usar. Demonstre carinho pelas pessoas ao ter tempo para as ouvir ou até oferecer uma guloseima ou um café;
- Como igreja, desloquem-se à prefeitura e percebam como podem colaborar e ser bênção para as autoridades;

[31] WITT, L. **Replenish:** Leading from a Healthy Soul. Michigan: Baker Books, 2011, p. 121.

- Leia notícias, veja algumas das séries e filmes mais famosos. Saiba qual e como a informação é partilhada e quais são os pontos de vista mais e menos defendidos pela população em geral.

VIVER - *Convidar todos para a mesa*

Jesus era convidado para todas as mesas, independente dos pecados ou da reputação da pessoa (Mc 2:16). Há variedade de pessoas nas nossas mesas? Como lidamos com o mandamento de Tiago que não devemos fazer ter parcialidade entre pessoas (Tg 2:9), não só na missão, mas também na vida diária? Mas não é apenas sobre convidar todos para a mesa, é também sobre como olhamos para eles. Mesmo que tenham uma aparência ou pensamento diferente do nosso, ou que ainda não adorem o mesmo Deus que nós, todos necessitados da misericórdia de Deus. Assim, sugerimos estratégias para viver este princípio no dia a dia:

- Observe quem na sua cidade ou bairro é marginalizado. Estabeleça uma relação de proximidade com cada um, olhando como um igual. Tenha curiosidade sobre a história de vida deles e deseje aprender coisas novas com eles;
- Ofereça-se para ajudar no que for preciso, mas também peça a ajuda deles para a sua vida. Mostre as suas vulnerabilidades, mas também a esperança em Jesus Cristo;
- Tenha conversas intencionais sobre preconceito ou exclusão na sua igreja local. Seja receptivo e não combativo. Aprenda mais sobre a cultura da sua igreja e corrija o que pode afastar as pessoas dela;
- Crie uma cultura de mesa entre os membros da igreja, e entre estes e os seus amigos. Crie círculos de amigos com pessoas que são diferentes, e mostre que essa é uma característica do Reino de Deus.

PARTILHAR - Partilhe a segurança e a paz de Jesus

Portugal é o país fado e do triste destino. Os portugueses têm dificuldade em confiar e estão à espera da próxima tragédia. Como homens e mulheres caídas não têm a paz que ultrapassa todas as circunstâncias (Fl 4:6-7). A *Missio Dei* deve-nos compelir a partilhar esta segurança e paz porque Deus quer dá-la a todos os que necessitam dela (Is 66:2). Desta forma, as estratégias podem ser:

- Veja do que o seu coração cheio. Como são as conversas entre os membros da igreja? São agradáveis ou há intriga entre os irmãos? Invista numa cultura da edificação mútua;
- Comece a aprender a elevar as pessoas com os seus comentários e palavras. Aprenda a não julgar ou a consertar a situação do outro, mas mostre como é possível ter paz sobre todas as circunstâncias;
- Pratique o seu testemunho - a sua história com Deus. Escreva-o, pratique-o e conte-o a outras pessoas encorajando-as a confiar em Jesus.

LIDERAR - Invista na formação dos mais jovens

Não só em Portugal, mas pelo menos no mundo ocidental, as gerações Y e Z são as gerações menos alcançadas.[32] A igreja em Portugal está a perder os jovens, e eles são um “diamante em bruto”. O seu potencial de conhecimento está a florescer. Busque conhecer as perguntas, as indagações e os sonhos de outros jovens. Se na sua igreja ainda há jovens, invista neles de forma intencional. Três notas estratégicas sobre este tema:

[32] JONES, N. From Social Media to Social Ministry: A guide to Digital Discipleship. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2020, pp. 1-16.

- Mostre aos jovens que eles são muito importantes e válidos (1 Tm 4:12). Invista nas vidas deles para que cresçam na graça e no conhecimento de Jesus Cristo (2 Pe 3:18);
- Deixe os jovens trazerem para a igreja as perguntas que eles e os outros fazem. Não tenha medo de falar sobre qualquer coisa. Os jovens vão encontrar respostas em algum lado, melhor que seja na igreja;
- Crie um lugar onde os jovens podem trazer os amigos, e garanta que ninguém vai fazer perguntas ou comentários desconfortáveis ou embaraçosos.

FALAR - Comunique de todas as formas possíveis

A igreja precisa de aprender a comunicar. Missão e evangelismo envolvem uma boa comunicação. As epístolas, a imprensa, o rádio, a televisão, os folhetos, tantos métodos de comunicação já foram usados pelos cristãos, e tantos outros podem ser utilizados, quando a igreja se comprometer a usá-los com sabedoria. Algumas dicas estratégicas:

- Veja o que igrejas ou organizações estão a fazer para comunicar com a sua audiência. Peça-lhes ajuda e ofereça os seus recursos, mesmo que sejam escassos. Unam forças para que a mensagem do Evangelho chegue de forma mais eficaz às pessoas que Deus vos confiou;
- Tenha um consultor de comunicação para a sua igreja. Não remeta a comunicação da igreja ao pastor ou ao missionário, a não ser que eles sejam profissionais dessa área;
- Cuide da comunicação da igreja como cuida da entrada do templo. Comunique para “fora”, eliminando palavras que estão desatualizadas ou sejam desconhecidas para quem vai receber os conteúdos. Não se limite a partilhar transmissões de cultos, mas construa uma comunidade onde as pessoas podem comunicar consigo. Não comunique unilateralmente.

Considerações finais

Se há tendências e desafios, podemos nos alegrar porque isso significa que há inúmeras oportunidades para as missões em Portugal. Uma percentagem é apenas uma percentagem, mas para os filhos de Deus o que importa é a festa no céu por uma alma que se rendeu a Cristo.

Somos chamados a olhar para as oportunidades como um chamado integral de toda a igreja em Portugal, constituída por portugueses e por estrangeiros. Os nossos lugares, as nossas histórias de vida, as nossas competências e dons nada mais são do que uma oportunidade que Deus nos dá de ser bênção em todo o lugar. Não podemos esconder que tem sido difícil fazer missões em Portugal desde o primeiro esforço evangelístico duradouro, em 1838 com o Dr. Robert Kalley, na ilha da Madeira.[33] Mas é para isso que fomos chamados. Para em, meio ao ódio do mundo, unidos, sejamos testemunhas nestes confins da terra.

[33] _____. **Os Evangélicos em Portugal**. Lisboa: Irmãos.net, sem data.

Referências

ALMEIRA, ANDRÉ. **Corrupção em Portugal**: Definições, Sinais e Principais Fontes. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2021. Disponível em: <https://www.ffms.pt/pt-pt/atualmentes/corruptao-em-portugal-definicoes-sinais-e-principais-fontes>. Acesso em: 23 jan. 2023.

DIAS, SÓNIA. **Porque está Portugal a aquecer tão depressa?**. Lisboa: Jornal de Negócios, 2022. Disponível em: <https://www.jornaldenegocios.pt/sustentabilidade/ambiente---descarbonizacao/detalhe/20220420-0843-porque-esta-portugal-a-aquecer-tao-depressa>. Acesso em: 23 jan. 2023.

FRANCO, TELMA. **Comunicado sobre o Investimento Direto Estrangeiro em Portugal**. Lisboa: Ernst & Young, 2021. Disponível em: https://www.ey.com/pt_pt/news/2021/06/portugal-entra-no-top-10-dos-paises-mais-atrativos-para-investimento-direto-estrangeiro. Acesso em: 23 jan. 2023.

GASPAR, JOÃO TIAGO. **Os Portugueses e a Europa**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018. Disponível em: <https://www.ffms.pt/pt-pt/atualmentes/os-portugueses-e-europa>. Acesso em: 23 jan. 2023.

JONES, NONA. **From Social Media to Social Ministry**: A guide to Digital Discipleship. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2020. Kindle.

MARQUES, JOÃO FRANCISCO. **A Religião Na Expansão Portuguesa**: Vectores e itinerários da evangelização ultramarina: o paradigma do Congo. Coimbra: Revista de História das Ideias. 1992, pp.117-141.

MATIAS, ÁLVARO E CARVALHO, ARMINDO. **Séries Longas para a Economia Portuguesa: Apresentação e notas metodológicas 2020.** Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2021.

PESSOA, FERNANDO. **A Mensagem.** 10^a edição. Lisboa: Ática, 1970.

PINTO, P. S. **Manifestis Probatum.** Lisboa: Rádio e Televisão Portuguesa, 2017. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/a-bula-manifestis-probatum-o-documento-fundador-do-reino/>. Acesso em: 23 jan. 2023.

ROSA, MARIA JOÃO. **O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa.** Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012. Disponível em: <https://www.ffms.pt/publicacoes/detalhe/309/o-envelhecimento-da-sociedade-portuguesa>. Acesso em: 23 jan. 2023.

ROUSSOU, EUGENIA. **A transformação de religiosidade em Portugal e na Grécia:** uma comparação etnográfica da Nova Espiritualidade e pluralismo religioso no sul da Europa. Lisboa: REVER, 2016, pp.66-80.

SANTOS, NUNO FERREIRA. **Carga fiscal sobre salários sobe para 41,8% em Portugal, acima da média da OCDE.** Lisboa: O Público, 2022. Disponível em: <https://www.publico.pt/2022/05/24/economia/noticia/carga-fiscal-salarios-sobe-418-portugal-acima-media-ocde-2007434>. Acesso em: 23 jan. 2023.

TOLDY, TERESA. **A secularização da sociedade portuguesa no contexto das modernidades múltiplas.** Coimbra: Universidade Fernando Pessoa e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2013, pp.23-55.

VILAÇA, Helena. **As múltiplas gradações do pluralismo religioso dos portugueses.** Braga: Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia, 2008, pp.1-3.

WITT, LANCE. **Replenish**: Leading from a Healthy Soul. Michigan: Baker Books, 2011.

WRIGHT, CHRISTOPHER J. H. **A Missão do Povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. Trad. Waléria Coicev. São Paulo: Vida Nova, 2012.

_____. **Assessoria de Missões**: Estudo realizado com base em 500 entrevistas com líderes de igrejas em todo Portugal Continental e arquipélagos. Lisboa, Aliança Evangélica Portugal, 2021.

_____. **As intervenções do FMI em Portugal**. Lisboa, RTP. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/as-intervencoes-do-fmi-em-portugal>. Acesso em: 23 jan. 2023.

_____. **Concordata Entre A Santa Sé e a República Portuguesa**. Site Oficial do Vaticano.

_____. **A Democracia Portuguesa**. Lisboa: República Portuguesa, 2023. Disponível em: <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/portugal/democracia>. Acesso em: 23 jan. 2023.

_____. **Estatísticas Gerais de Portugal**. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2022.

_____. **Evangélicos em Portugal segundo os censos 2021**. Lisboa, Aliança Evangélica Portugal, 2022. Disponível em: <https://aliancaevangelica.pt/site/evangelicos-em-portugal-segundo-os-censos-2021/>. Acesso em: 23 jan. 2023.

_____. **Índice de confiança dos portugueses nas instituições**. Lisboa: Revista Líder, 2021. Disponível em: <https://lidermagazine.sapo.pt/indice-de-confianca-dos-portugueses-nas-instituicoes-desconhecimento-e-falta-de-informacao>. Acesso em: 23 jan. 2023.

_____. **Mulheres em Portugal.** Lisboa: Rádio e Televisão Portuguesa, 2021. Disponível em: <https://www.ffms.pt/pt-pt/ffms-play/documentarios/mulheres-em-portugal>. Acesso em: 23 jan. 2023.

_____. **O combate ao racismo e à discriminação é um desafio urgente das nossas sociedades.** Lisboa: Governo de Portugal, 2022. Disponível em: <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/noticia?i=o-combate-ao-racismo-e-a-discriminacao-e-um-desafio-urgente-das-nossas-sociedades>. Acesso em: 23 jan. 2023.

_____. **Notícias da República Portuguesa.** Lisboa: República Portuguesa, 2022. Disponível em: <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/noticia?i=portugal-e-o-segundo-pais-da-ue-que-acolhe-mais-criancas-e-jovens-refugiados-da-grecia>. Acesso em: 23 jan. 2023.

_____. **Os Evangélicos em Portugal.** Lisboa: Irmãos.net, sem data. Disponível em: <http://www.irmaos.net/historia/evangelicos.html>. Acesso em: 23 jan. 2023.

_____. **Quase 700 mil estrangeiros vivem em Portugal e 30% são brasileiros.** Lisboa: Agência Lusa, 2022. Disponível em: <https://eco.sapo.pt/2022/06/23/quase-700-mil-estrangeiros-vivem-em-portugal-e-30-sao-brasileiros>. Acesso em: 23 jan. 2023.

_____. **A Religião dos Portugueses.** Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018. Disponível em: <https://www.ffms.pt/pt-pt/atualmentes/resumo-do-debate-fronteiras-xxi-sobre-religiao-e-liberdade>. Acesso em: 23 jan. 2023.

Texto recebido em 23.01.2023 e aprovado em 30.01.2023

"...E VOS PERSEGUIRÃO" - UMA ANÁLISE SOBRE A PERSEGUIÇÃO AOS CRISTÃOS À LUZ DE LUCAS 21:12-

19

Edilberto Busto Junior

Missionário da Missão MAIS Brasil e da Missão a A Voz Dos Mártires Portugal. Mestrando em Teologia pelo Seminário Teológico Batista Português - Portugal, bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana - FTSA e bacharel em Direito pela Universidade Metodista Bennett - RJ, Brasil.

A MISSIO DEI COMO FUNDAMENTO PRIMORDIAL NO RESGATE DA IDENTIDADE CULTURAL AFRICANA

Resumo

Os últimos vinte anos são um recorte da História onde houve mais perseguição aos cristãos desde a Igreja Primitiva. Em todos os continentes, é possível observar o aumento da perseguição e da discriminação àqueles que professam a fé em Jesus. E esta escalada tem se oferecido de diversos modos e vem sendo perpetrada por diversos atores. Nesse sentido, as palavras de Jesus no capítulo 21 do Evangelho de Lucas nunca estiveram tão presentes na vida da Igreja de Cristo: “e vos perseguirão...”. A proposta deste artigo é analisar o texto de Lucas 21:12-19 à luz da temática da perseguição religiosa. Para tanto, serão abordados alguns conceitos sobre perseguição religiosa, bem como um breve panorama de elementos sobre perseguição no Evangelho de Lucas.

Palavras-Chave: Perseguição. Igreja. Unidade. Missão.

Abstract

The last twenty years are a part of history where there has been more persecution of Christians since the Early Church. On all continents, it is possible to observe an increase in persecution and discrimination against those who profess faith in Jesus. And this escalation has been offered in different ways and has been perpetrated by different actors. In this sense, the words of Jesus in chapter 21 of the Gospel of Luke were never more present in the life of the Church of Christ: “and they will persecute you...”. The purpose of this article is to analyze the text of Luke 21:12-19 in the light of the theme of religious persecution. In order to do so, some concepts about religious persecution will be addressed, as well as a brief overview of elements about persecution in the Gospel of Luke.

Keywords: Persecution. Church. Unit. Mission.

Introdução

Atualmente, mais de 360 milhões de cristãos sofrem algum tipo de oposição como resultado de professarem a sua fé. Quando os cristãos ao redor do mundo têm seus direitos negados e sofrem perseguição por escolherem seguir a Jesus, eles se tornam vulneráveis a hostilidades em diferentes esferas da vida: na vida privada, na família, comunidade, na nação e na igreja. Isso faz com que eles sejam considerados parte da Igreja Perseguida.[1]

Perseguição religiosa é um assunto delicado, mas, ao mesmo tempo, comum ao corpo de Cristo. Delicado porque, nos dias de hoje, a maior parte dos cristãos reside em um contexto estável, isto é, longe da perseguição religiosa. Esta estabilidade de parte do corpo de Cristo se dá porque, talvez, nunca experimentou ou nunca experimentará perseguição. Ao mesmo tempo, existe uma parcela de cristãos em que a perseguição faz parte do seu cotidiano, que enfrenta, no mínimo, uma instabilidade de vida pelo simples fato de serem cristãos.

Um dos maiores desafios da Igreja de Cristo é experimentar a unidade. E esta unidade precisa tanto ser experienciada em momentos de alegria, de felicidade, como também em tempos de sofrimento. Em Lucas 21:12[2], as palavras de Jesus são contundentes: “e vos perseguirão...”. Portanto, promover a unidade entre a parte estável (sem perseguição) e a parte instável (que vive sob algum nível de perseguição) é parte essencial da vida e missão da igreja, para que através deste experienciar a unidade em Cristo os irmãos perseguidos saibam que não estão sozinhos, e os que exercem a misericórdia entendam que a dor que o irmão perseguido sofre é a dor dele também. Afinal,

[1] **Lista Mundial da Perseguição 2022**. Missão Portas Abertas. <https://www.portasabertas.org.br/lista-mundial/entenda-a-perseguido-aos-cristaos>

[2] Neste artigo, todas as citações bíblicas são extraídas de ALMEIDA, João Ferreira de. Bíblia Sagrada. Edição Revista e Corrigida. São Paulo, SBB: 2009.

"Sofrimento, perseguição e martírio são realidades presentes na vida de muitos cristãos. Reconhecemos que nossa obediência missionária envolve sofrimento e que a igreja tem experimentado esta realidade. Afirmamos nosso privilégio e responsabilidade de interceder por aqueles que estão debaixo de perseguições. Somos chamados a compartilhar suas dores, proporcionar todo alívio que pudermos aos seus sofrimentos. (...) Num mundo cada vez mais injusto e violento (...) comprometemo-nos a preparar a nós mesmos e a outros para sofrer no serviço missionário e servir à igreja sofredora."[3]

Conceitos sobre perseguição religiosa

Ao fazer uma análise sobre Perseguição, nota-se que existe muita pouca atenção relativa à temática, especialmente no que se refere a uma teologia bíblica do martírio. Como consequência, existe a tendência elevada de se tirar conclusões distorcidas sobre o assunto. Alguns estudos tendem a conectar a perseguição somente a igreja primitiva, como se a perseguição estivesse presa a esta linha temporal e que atualmente não existe mais. Outros buscam conectar a perseguição somente quando existe violência seguida de morte ou martírio. [4]

De modo muito parecido, a atenção dos cristãos ocidentais sobre o tema fica limitada a eventos ou acontecimentos escatológicos. Outro pensamento muito comum aos cristãos ocidentais é que a perseguição religiosa é um acontecimento que só ocorre nos outros dois terços do mundo. Uma questão atual e que traz muita consternação é um movimento que tem nascido dentro das igrejas locais, e em sua maioria em países onde se tem estabilidade no quesito de liberdade religiosa, que qualquer coisa que acontece de negativo com um cristão, em qualquer âmbito de sua vida, é perseguição religiosa.

[3] TAYLOR, William D. **Missiologia global para o século 21**. Londrina: Descoberta, 2001. p. 18-20.

[4] TAYLOR, William D. VAN DER MEER, Antonia Leonora. REIMER, Reg. **Sangue, sofrimento e fé: a missão cristã em contextos de perseguição**. Viçosa: Ultmato, 2014.

Pensando nesta inadequada forma de pensar a perseguição religiosa e que de forma distorcida vem tomando notoriedade em ambientes sociais e acadêmicos, que em parte reflete uma incapacidade de trazer respostas adequadas ao assunto, que, por muitas das vezes, não são reconhecidas tipificações de casos concretos de perseguição religiosa. Por conta destas dificuldades, é significativo iniciar este ensaio com a definição de perseguição religiosa.

A perseguição religiosa é o ato ou prática sistemática de opressão ou assédio de um indivíduo ou grupo, maltratando-os com base na expressão de suas crenças religiosas. A missióloga Antonia van der Meer sublinha que a perseguição não ocorre somente entre membros de diferentes religiões, mas, também, dentro de uma mesma religião, entre pessoas que diverjam em questões de ortodoxia e heresia.[5]

A perseguição religiosa envolve as expressões mais prejudiciais de preconceito contra um grupo, indo além do abuso verbal e da evitação social. Refere-se a ações que pretendem privar os indivíduos de seus direitos políticos e forçar as minorias a assimilar, partir ou viver como cidadãos de segunda classe.[6]

Outra perspectiva mais ampla sobre o tema poderia ser: “Uma ação injusta de vários níveis de hostilidade, com uma ou mais motivações, direcionada a um indivíduo específico ou a um grupo específico, resultando em níveis variáveis de dano, considerados da perspectiva da vítima.”[7]

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos[8],

[5] WIENCLAW, R. A. **Religion and Society: Religious Persecution**. Salem Press Encyclopedia, 2019.

[6] SMITH, D. T. **Religious persecution and Political Order in the United States**. New York, NY: Cambridge University Press, 2015.

[7] TIESZEN, C.L. **Re examining religious persecution: Constructing a theological framework for understanding persecution**. Kempton Park: AcadSA Publishing/Bonn: VKW, 2008, p. 17 (tradução nossa).

[8] A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), que delinea os direitos humanos básicos, foi adotada pela Organização das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Foi esboçada principalmente pelo canadense John Peters Humphrey, contando também, com a ajuda de várias pessoas de todo o mundo.

“Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos.”[9]

O ponto de partida é o Artigo 18 do mais respeitável documento que as nações modernas procuram para se orientarem – a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, um dos documentos basilares da Organização das Nações Unidas. Surgido do lamentável resultado da Segunda Guerra Mundial, esse famoso documento tentou estabelecer padrões universalmente aceitáveis para os governos de como tratar o povo com justiça. O Artigo 18 foi o parágrafo que tratou da religião, e a seguir há uma versão expandida do artigo no Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos, de 1966 (que entrou em vigor em 1976).[10]

Nesse documento, nunca é mencionada a palavra perseguição. Ela não aparece em nenhum dos Pactos das Nações Unidas, e, em geral, representantes da comunidade de direitos humanos usam o termo com relutância, preferindo, em vez disso, falar em "violações da liberdade religiosa". O aspecto emotivo do termo perseguição sempre gera mais calor do que luz, por isso a palavra é raramente usada. Não obstante, na posição de discernir o conteúdo da perseguição, a discussão está claramente presa à noção de liberdade religiosa; somente a questão de intensidade é deixada sem solução. No sentido amplo, então, pode-se dizer que uma pessoa é perseguida se for despojada de qualquer dos elementos fundamentais da liberdade religiosa. Mas alguns preferem reservar a palavra perseguição para privações severas da liberdade religiosa.

Esta é, em poucas palavras, a grande contribuição do Artigo 18. Ao focar os direitos legais, ele dá a definição mais ampla possível de perseguição, de martírio, numa ponta, e da discriminação e da difamação, na outra.

[9] ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948, artigo 18.

[10] BOYD-MACMILLAN, R. **Faith that endures**: The essential guide to the persecuted church, Grand Rapids: Revell, 2006. p. 110 - 114.

Ele tenta fornecer um padrão universal que capacite a localização e a erradicação da perseguição, independentemente do país ou da cultura.

Todavia, em diversas nações, professar e praticar a fé cristã são práticas indesejáveis ou, até mesmo, ilegais, e cristãos, ao redor do mundo, vem sofrendo discriminação e perseguição seja nas mãos do Estado como de outros atores sociais motivados por sentimentos como antipatia, intolerância ou ódio, tendo como manifestações últimas atos de tortura e violência, que, não incomum, levam à morte.

Essa configuração é complexa e se expressa de forma heterogênea em cada grupo social, mesmo em um único país, como no caso de nações africanas com a presença de centenas de tribos e etnias. Há ainda que se considerar que esses cristãos perseguidos muitas vezes estão expostos a uma dupla vulnerabilidade, pois também sofrem, como cidadãos comuns, as mazelas nacionais. A perseguição religiosa não é vivenciada exclusivamente por cristãos. Existem diversos grupos religiosos que sofrem com as ações supramencionadas, como por exemplo, muçulmanos Ahmadi perseguidos por muçulmanos ortodoxos no Paquistão, muçulmanos rohingya perseguidos por budistas em Mianmar e hindus perseguidos por muçulmanos em Bangladesh. Por isso, é necessário entender que apenas uma identidade religiosa não necessariamente seja o único fator determinante para se tipificar a perseguição relacionada ao caso. Como sugere Marshall[11], “um ponto de demarcação possível da perseguição religiosa é perguntar se, no caso das pessoas terem outras crenças religiosas, [...] teriam ainda sido tratadas da mesma forma. Se a resposta for assim, é provável que não devêssemos chamar especificamente de perseguição religiosa”.

[11] MARSHALL, P. **Persecution of Christians in the contemporary world**. In: International Bulletin of Missionary Research, 1998. p.7.

É interessante, e no mínimo consciente, que são raras as vezes que a religião ou outra qualquer motivação seja a única envolvida, pois vários fatores, de forma geral, são sobrepostos. E somente este entendimento poderia gerar a pergunta sobre o que, então, distinguiria outros casos em relação à perseguição religiosa? A resposta seria a primazia da natureza persecutória como fator determinante.

Para um entendimento mais completo sobre a causa da igreja perseguida será necessário também analisar teologicamente esta realidade. Como se está a falar sobre perseguição religiosa aos cristãos, é importante entender quem são estes cristãos, pois existem cristãos de vários espectros ou matrizes diferentes.

O que se deve levar em consideração é o significado abrangente do que quer dizer “cristão”, e isso é importante porque estabelece uma relação direta com a definição que está a ser desenvolvida. Nas palavras de Tierszen “a ausência relativa do compromisso cristão não deveria desqualificar uma experiência de perseguição religiosa, nem a presença de um grande compromisso deveria, necessariamente, glorificá-la ou substância-la.”[12] Por isso a importância de uma definição teológica da perseguição religiosa, o que torna possível uma perspectiva que definições sociopolíticas não alcançam.

Elementos sobre a perseguição no evangelho de Lucas

Mais do que qualquer outro autor dos Evangelhos, Lucas enfatizou a fé verdadeira com a consciência do custo que isso representa. Um discípulo deve reconhecer que para entrar em uma vida de discipulado com Jesus deve abdicar de todas as outras lealdades, dando uma absoluta lealdade a Ele.

[12] BARRETT, D. B., KURIAN G. T.; JOHNSON, T. M. **World Christian Encyclopedia**. 2. ed. Nairóbi: Oxford University Press, 2001. p. 651, 655, 662.

Este é o centro da fé em Jesus. Para segui-lo, o que implica participação na *missio Dei*, tem que estar disposto a sacrificar-se por Deus e pelo próximo, ao andar no caminho seguindo as pegadas de seu Mestre.[13]

O Evangelho de Lucas apresenta um contexto para uma adequada compreensão sobre a perseguição, que inclusive pode ser apresentado como um protótipo para o que viveu a Igreja, em sua recente formação, no livro de Atos dos Apóstolos. Inclusive é possível identificar a perseguição direcionada a algumas pessoas como Jesus, os discípulos e aos profetas do Antigo Testamento.

E esta perseguição esteve, em primeiro lugar e em maior medida, direcionada a Jesus. Uma referência sobre esta perseguição foi feita por Simeão quando Jesus foi apresentado no templo, poucos dias após o seu nascimento em Lucas 2:34: “E Simeão os abençoou e disse à Maria, sua mãe: Eis que este é posto para queda e elevação de muitos em Israel e para sinal que é contraditado.” Lucas registrou com muito cuidado que Jesus foi uma vítima inocente, morto por quem era opositor de seus ensinamentos e por quem ele se apresentava ser. É neste sentido que Jesus assumiu a cruz como um “preço inevitável da missão de Deus. Como aquele que carregou a cruz nos disse que tomássemos nossas próprias cruzes para segui-lo, há um custo inevitável para quem se identifica com a missão sofredora do Deus.[14]

Assim, a perseguição também foi direcionada aos discípulos de Jesus. E isto estava implícito nas instruções que Jesus os fornece quando os envia como seus mensageiros (9:5; 10:3; 10:8-16), a atenção basilar sobre a perseguição direcionada aos discípulos era futura. Era de se esperar que seriam perseguidos e ao mesmo tempo deveriam se alegrar, pois através dos seus sofrimentos continha a prova que a recompensa deste sofrimento seria grande nos céus (6:23).

[13] WILKINS, M. J. **In the Dictionary of Jesus and the Gospel**. ed. Joel B. Green, Scot McKnight, I. Howard Marshall. InterVarsity Press, 1992, p.185

[14] WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da Igreja**. São Paulo, Vida Nova, 2012, p. 289.

Era também a evidência que eram verdadeiros mensageiros de Deus, num claro contraste com os falsos profetas.

E por último, os profetas do Antigo Testamento, mensageiros de Deus do passado, eram constantemente discriminados, perseguidos e objeto de sofrimento por parte de Israel (4:24; 13:34). “Eram considerados exemplos de perseguição para os sofrimentos de Jesus (4:24-30; 13:33-34; 20:9-19), da mesma maneira eram exemplos para os discípulos (6:22-23; 11:49). Quem desprezava Jesus e aos seus discípulos seguiam um padrão idêntico que fora estabelecido por quem desprezava os profetas.”[15]

A perseguição como consequência integral do seguimento de Jesus

O Evangelho de Lucas, ainda mais em específico os textos que falam sobre o tema da perseguição, evidencia com clareza que a perseguição faz parte do plano de Deus. Desde a profecia de Simeão, em 2:34, até a conclusão do Evangelho, em 24:44-49, a perseguição e a morte de Jesus aconteceram sem que Deus perdesse o controle da história. Ao perceber que a perseguição faz parte dos planos de Deus, o leitor recebe a segurança de que as profecias que Jesus fez sobre os seus discípulos e o ensinamento que, de igual maneira, seriam perseguidos se reconhecem como parte desta unidade do corpo de Cristo e evidenciam que estão dentro da vontade e dos planos de Deus.[16] Portanto, além de ser um plano de Deus, a perseguição e o sofrimento fazem parte da missão de Deus. Como ressalta Chris Wright, “está claro é que o sofrimento é parte integrante da vida das multidões de pessoas na Bíblia que foram fiéis ao chamado de Deus e à sua missão.”[17]

[15] CUNNINGHAM, Scott. **Through Many Tribulations:** The Theology of Persecution in Luke-Acts. Sheffield Academic Press, 1997. p.179.

[16] PENNER, G. N. **In the Shadow of the Cross:** A Biblical Theology of Persecution and Discipleship. Living Sacrifice Books, 2004. p. 164 - 169.

[17] WRIGHT, 2012, p. 287.

Andrew Walls reforça esta ideia ao afirmar que “... jamais existiu uma sociedade, seja no Oriente ou no Ocidente, no passado ou no presente, que pudesse absorver a Palavra de Cristo em seu sistema sem que isso produzisse sofrimento”.[18] Portanto, o elemento do sofrimento dos cristãos perseguidos é mais que evidente, mas não se deve negligenciar a relação do sofrimento sentido do servo de Deus no mundo com o sofrimento de Deus.

“Nossa missão como povo de Deus é a nossa participação na missão de Deus; portanto, o sofrimento do povo de Deus na missão é uma participação no sofrimento de Deus na missão. A missão de Deus é a determinação de Deus, ao longo de toda a narrativa bíblica, para trazer a redenção de toda a criação a partir da destruição do pecado e do mal.”[19]

A pregação de Jesus encontrada no texto de Lucas é um ponto de referência para a compreensão da oposição, perseguição e martírio no contexto da evangelização global. Neste texto, Jesus fala livre e abertamente sobre este argumento. Ele queria se certificar de que seus primeiros discípulos, e todos os seus futuros mensageiros, soubessem o que teriam de enfrentar ao prosseguirem. Por isso, essa orientação detalhada serve como um quadro geral da oposição que se levanta contra todos os pregadores do evangelho.

Introduzindo o contexto de Lucas 21:12-19, Jesus informa que a perseguição tem diferentes consequências, sendo o martírio a mais extrema possibilidade. O Senhor usou algumas frases para descrever as crescentes hostilidades que podem fazer parte da perseguição. Ele começa com a forma menos severa de hostilidade e depois vai intensificando as ações até chegar à mais grave experiência. Cristo declara que seus discípulos deveriam estar preparados. E essas são as frases: “lançarão mão de vós”, “vos perseguirão”, “entregando-vos às sinagogas”, “às prisões”, “conduzindo-vos à presença de reis e governadores”, “E até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos sereis entregues”, “matarão alguns de vós” e “E de todos sereis odiados”.

[18] WALLS, Andrew. **The Missionary movement in Christian History**. Maryknoll: Orbis Book, 1996, p.8 (tradução nossa).

[19] WRIGHT, 2012, p. 289.

Perder a vida como resultado da hostilidade humana num contexto de testemunho é uma experiência final de hostilidade. Então, é possível que as pessoas possam se sentir tentadas a desistir de servir a Deus por causa da possibilidade de experimentar a pior tribulação, como por exemplo a morte. Neste aspecto, René Padilla faz um importante alerta:

"Hoje em dia é difícil aceitar que o sofrimento é um elemento essencial da missão. (...) Cada vez que a igreja evita o sofrimento, se coloca acima de seu Senhor. Perde sua essência e sua missão. (...) Uma igreja sem cruz é uma igreja sem Cristo, já que o único Cristo que o Novo Testamento conhece é o Messias crucificado, o poder e a sabedoria de Deus. (...) Aceitar a Cristo é adotar a prática profética de Jesus, é tomar para si seu compromisso com o reino de Deus e sua justiça, é dispor-se a seguir seu caminho e vivenciar a 'comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte' (Fp 3.10). Em outras palavras, é compartilhar sua missão e seu sofrimento. Visto que ele é o Rei-Servo, a única vitória que nos promete é a que se alcança pelo caminho da cruz, pela graça de Deus." [20]

O martírio não é uma coisa que se espere ou que se esteja pronto a aceitar. É uma experiência que Deus, em sua providência, confere a determinados indivíduos com propósitos que só ele conhece. No entanto, a morte prematura de um seguidor de Cristo como resultado da hostilidade humana tem um impacto duradouro nos outros crentes.

Ela faz com que a maioria deles pare e reflita uma vez mais sobre o custo supremo do discipulado e compele muitas pessoas a questionar se elas correspondem a esse padrão de devoção a Cristo e a sua causa. Ela motiva outras pessoas a abrir mão de seus planos e ambições egoístas e a se dedicar ao serviço de Cristo em lugares áridos e difíceis. Cria um fundamento para a igreja a partir do qual se mede seu valor - se suas atividades são significativas e verdadeiramente importantes em face da morte e da eternidade. [21]

[20] PADILLA, René. **O que é missão integral?** Viçosa: Ultimato, 2009, p. 111-114.

[21] TAYLOR, William D. VAN DER MEER, Antonia Leonora. REIMER, Reg., 2014. p. 98.

Jesus não queria que seus discípulos fossem pegos de surpresa ou ignorassem as fontes de onde a perseguição viria. Ele descreve quatro fontes específicas sobre as quais os discípulos precisam estar atentos e manter a prudência: a comunidade (“e lançarão mão de vós”, v. 12); a nação (“levando-vos à presença de reis e governadores”, v. 12); os líderes religiosos (“entregando-vos às sinagogas”, v. 12) e mesmo aqueles que lhes são mais queridos, isto é, os membros da sua própria família (“E até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos sereis entregues”, v. 16). Na sua presciência a respeito do contexto da partilha do Evangelho a todas as etnias, Jesus alerta que, na verdade, não existe porto seguro ou refúgio dentro da sociedade e que nenhum nível de autoridade em uma comunidade pode ser considerado isento de potencial para oprimir.

Breves considerações hermenêuticas em Lucas 21:12-19

A frase “Antes de todas essas coisas”, no v. 12a, pode ter sentidos distintos. É possível que se tenha em mente uma prioridade em termos de importância, como um “sobretudo”; ou seja, as citadas perseguições podem ser consideradas o mais importante.

No entanto, provavelmente é mais natural relacionar as palavras cronologicamente com o tempo antes do retorno do Senhor. O Senhor chama a atenção dos discípulos para o fato de que eles serão atacados por perseguições antes que ele volte.

A igreja de Cristo já suportou tais sofrimentos logo nos primórdios em Jerusalém (At 4.3; 5.18,26s; 6.12; 8.3; 9.2; 12.1ss). Os perseguidores lançarão mão deles. Ser arrastado para as sinagogas e ser açoitado ainda está entre os sofrimentos menores (Mt 10.17). Diante deles está uma luta ainda mais árdua, em que serão conduzidos diante de reis e governadores para dar testemunho da fé (Mt 10.18). O pior espera por eles quando pais, familiares e amigos os delatam e matam. Nesse tempo de aflição eles podem alegrar-se com um tríplice consolo.

- Tudo lhes acontecerá por causa do nome do Senhor (At 5.41).
- Isso redundará em lucro para eles.
- Durante os duros processos judiciais eles experimentarão o apoio do Senhor. – As palavras “isso lhes acontecerá como testemunho” significam: “Terá um desfecho favorável para eles no tribunal”. Serão considerados inocentes quando forem submetidos a autoridades gentias por amor ao nome de Jesus ou porque pregam a Cristo, sob a acusação de crime contra o Estado. Por essa razão tampouco devem preocupar-se ou refletir sobre como se justificarão perante os tribunais. A expressão “boca e sabedoria” significa: “O Senhor lhes concede a capacidade de falar e o conteúdo apropriado do discurso” (Lc 12.11s; Mt 10.19s).

Os antagonistas sentirão como dificuldade a sua resistência perseverante, como foi atestado diversas vezes em Atos dos Apóstolos (At 6.10; 7.51; 13.8-10). Os discípulos não serão perseguidos somente pelos inimigos de Cristo, mas mesmo os familiares mais próximos os entregarão aos tribunais e matarão alguns deles. Essas declarações de Jesus não valem apenas para os apóstolos, mas para os fiéis de todos os tempos. Mas nem todos sofreriam a morte pelo martírio.

Os ouvintes do Senhor que registraram esse prenúncio seriam somente as primícias de uma multidão incontável de mártires que morreriam em prol da causa do Senhor ao longo dos séculos. A menção de que os discípulos serão odiados por todos em virtude do nome de Jesus é confirmada por diversas provas nas cartas apostólicas (Rm 8.35-37; 1Co 4.9s; 2Co 11.23-29; Hb 10.32-34). O cumprimento preciso dessa palavra já podia ser percebido nos primeiros tempos da igreja. Os três evangelhos sinóticos e também João (Jo 15.20s) gravaram profundamente a lembrança do ódio generalizado. Igualmente recorda-se aqui os perigos que obrigaram os primeiros cristãos a fugir.

Não se deve ignorar que esse ódio se avoluma cada vez mais, à medida que a história da evolução do reino de Deus se encaminha rapidamente para o fim. A promessa de que nenhum cabelo de sua cabeça será perdido recebe diversas interpretações neste contexto. Como antes foi dito que alguns dos discípulos seriam mortos, essa asserção não pode significar que “... saireis ilesos no corpo e na vida”. Não é correto pensar em uma preservação ileso da igreja. Pelo contrário, a expressão proverbial visa declarar que sua vida verdadeira e eterna não sofrerá o menor dano.

Ainda que Jesus não garanta a sobrevivência dos discípulos em toda e qualquer circunstância (Lc 12.7; Mt 10.30), eles, não obstante, permanecem na terra o tempo que for preciso para o serviço do Senhor. Até mesmo sua morte redundará em salvação e glorificação de Cristo (Fp 1.20). A promessa dada aqui é explicitada pela frase subsequente: “Em vossa perseverança ganhareis a vossa alma!”, ou, obtereis vossa vida eterna. Essas palavras são o outro lado da promessa de que nenhum cabelo lhes seria danificado (At 27.34). Nada daquilo que faz parte da consistência da vida eterna será perdido. Os discípulos deverão obter sua alma (ou vida eterna) pela persistência diante de todas as perseguições. Trata-se da mesma promessa de Mt 24.13 e Ap 2.10, enquanto a compreensão, segundo a tradução usual, de munir as almas com paciência (Hb 10.36) não corresponde precisamente ao teor do versículo.[22]

Considerações finais

Seguir a Jesus pode ter um custo muito alto para um discípulo, e isso fica claro no capítulo 21 de Lucas. Segundo David Sills, “os perigos são reais, mas eles apenas revelam que homens e mulheres precisam de Cristo. O sofrimento e a morte de missionários impulsionam o reino mais do que qualquer outra coisa, e o sangue dos santos tem sempre sido semente e combustível para o avanço do Evangelho”. [23]

[22] RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas**: comentário. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2005. p. 273 - 274.

[23] SILLS, D. **The missionary call**. Chicago: Moody Publishers, 2008. p. 87.

Algumas ações de perseguidores ridicularizam e discriminam cristãos, mas não são alcançadas pelas definições de perseguição, sendo apenas alcançadas pelo conceito teológico. Isso significa que, se nesta compreensão teológica não é exigida uma reação da comunidade internacional, entra em cena a resposta da Igreja, não como retaliação aos perseguidores, mas como uma reação no cuidado às vítimas cristãs exercendo a forma bíblica de unidade da igreja. Sem esquecer que Deus tem sofrido também por causa do sofrimento do seu povo. Como participantes da missão de Deus também devemos entender que nosso sofrimento na missão também é o sofrimento de Deus na missão.

Caminhar com as irmãs e os irmãos perseguidos é saber que a perseguição pode ser intensa e frequente para muitos ou leve e rara para outros, num contexto da expectativa e escala teológicas. E é urgente cuidar de forma integral e contextual da Igreja Perseguida, agindo com o objetivo de empoderá-la e fazê-la resiliente, mas também ter a sensibilidade de agir para resgatá-la se assim for necessário.

Referências

- ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. Edição Revista e Corrigida. São Paulo, SBB: 2009.
- BARRETT, D. B., KURIAN G. T.; JOHNSON, T. M. **World Christian Encyclopedia**. 2. ed. Nairóbi: Oxford University Press, 2001.
- BOYD-MACMILLAN, R. **Faith that endures**: The essential guide to the persecuted church, Grand Rapids: Revell, 2006.
- CUNNINGHAM, Scott. **Through Many Tribulations**: The Theology of Persecution in Luke-Acts. Sheffield Academic Press, 1997.
- Lista Mundial da Perseguição 2022. Missão Portas Abertas. Disponível em: <https://www.portasabertas.org.br/lista-mundial/entenda-a-perseguiacao-aos-cristaos>. Acesso em 20 jan. 2023.
- MARSHALL, P. **Persecution of Christians in the contemporary world**. In: International Bulletin of Missionary Research, 1998.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948.
- PADILLA, René. **O que é missão integral?** Viçosa: Ultimato, 2009.
- PENNER, G. N. **In the Shadow of the Cross**: A Biblical Theology of Persecution and Discipleship. Living Sacrifice Books, 2004.
- RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2005.

SILLS, D. **The missionary call**. Chicago: Moody Publishers, 2008.

SMITH, D. T. **Religious persecution and Political Order in the United States**. New York, NY: Cambridge University Press, 2015.

TAYLOR, William D. **Missiologia global para o século 21**. Londrina: Descoberta, 2001.

TAYLOR, William D. VAN DER MEER, Antonia Leonora. REIMER, Reg. **Sangue, sofrimento e fé: a missão cristã em contextos de perseguição**. Viçosa: Ultimato, 2014.

TIESZEN, C.L. **Re examining religious persecution: Constructing a theological framework for understanding persecution**. Kempton Park: AcadSA Publishing/Bonn: VKW, 2008.

WALLS, Andrew. **The Missionary movement in Christian History**. Maryknoll: Orbis Book, 1996.

WILKINS, M. J. **In the Dictionary of Jesus and the Gospel**. ed. Joel B. Green, Scot McKnight, I. Howard Marshall. InterVarsity Press, 1992.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da Igreja**. São Paulo, Vida Nova, 2012.

Texto recebido em 25.01.2023 e aprovado em 30.01.2023

REVISITANDO O CONCEITO DE MISSIO DEI DIANTE DOS DESAFIOS DA ATUALIDADE

William Lacy Lane

Doutor em Teologia no Antigo Testamento pela Faculdades EST - 2011, Mestre em Missiologia pelo Centro Evangélico de Missões - CEM - 2006, Mestre em Teologia no Antigo Testamento pela *Calvin Theological Seminary*, 1996. Pesquisador visitante no *Center for Missiological Research do Global Research Institute de Fuller Theological Seminary* (jan-jun, 2018). Autor de diversos artigos e professor na área de línguas bíblicas e teologia da missão em diversas instituições teológicas no Brasil e também em Angola e Moçambique. Atualmente é professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo - SP, e Capelão do Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas - SP. É casado com Jenni com quem tem cinco filhos.

REVISITANDO O CONCEITO DE MISSIO DEI DIANTE DOS DESAFIOS DA ATUALIDADE

Resumo

O objetivo deste artigo é revisitar o conceito e as articulações da *missio Dei* à luz de tendências e desafios contemporâneos da missão e sugerir quatro elementos que devem ser considerados na reflexão teológica da *missio Dei* na contemporaneidade: 1) As transformações tecnológicas digitais; 2) A formação e o envio de missionários; 3) A ênfase na igreja missional; 4) O entendimento do propósito da *missio Dei*. Espera-se com isso despertar o interesse pelo tema e contribuir para o amadurecimento do entendimento da *missio Dei*.

Palavras-Chave: *Missio Dei*. Teologia da missão. Missional. Tecnologia.

Abstract

The purpose of this article is to revisit the concept and the articulations of the *missio Dei* in the light of contemporary trends and challenges of the mission and to suggest four elements that should be considered in the theological reflection of the *missio Dei* in contemporary times: 1) Digital technological transformations; 2) The formation and sending of missionaries; 3) The emphasis on the missional church; 4) Understanding the purpose of the *missio Dei*. It is expected that this may cause an interest for the topic and may contribute for the consolidation of the understanding of *missio Dei*.

Keywords: *Missio Dei*. Theology of Mission. Missional. Technology.

Introdução

Talvez não seja exagero afirmar que a teologia da missão avança e amadurece, em geral, a partir de um esforço de missiólogos e teólogos de responderem biblicamente aos desafios sociais, econômicos, religiosos de sua época. Assim, por mais que a *missio Dei* esteja solidamente articulada e estabelecida nas Escrituras Sagradas, cada nova situação requer um retorno às Escrituras a fim de se ouvir de novo o que as Escrituras têm a instruir.

Depois de décadas de reflexão bíblica e teológica sobre a missão como obra de Deus e o amadurecimento da convicção de que a missão não é resultado unicamente do esforço da igreja, os desafios contemporâneos nos levam a revisitar os conceitos da *missio Dei* e buscar modos de continuar cumprindo a missão na nova realidade.

Nessa perspectiva, o que se pode considerar desafios à *missio Dei* na contemporaneidade e como isso pode levar ao amadurecimento do entendimento da *missio Dei* e também da prática missionária?

Os desafios são diversos e muito poderia ser explorado sobre cada um deles. Para os propósitos deste artigo destaco quatro que devem ser considerados na reflexão teológica da *missio Dei* na contemporaneidade: 1) As transformações tecnológicas digitais; 2) A formação e o envio de missionários; 3) A ênfase na igreja missional; 4) O entendimento do propósito da *missio Dei*.

Antes de abordar a cada um desses desafios, devo esclarecer que tomo com ponto de partida do conceito da *Missio Dei* a definição de Georg Vicedom. Em 1958 Vicedom publicou sua obra *missio Dei. Einführung in eine Theologie der Mission* em que define *missio Dei* como:

"...obra de Deus. Ele é o senhor, o doador da tarefa, o proprietário, o executante [...] A missão, e com ela a igreja, são (sic.) obra do próprio Deus. Portanto, não é possível falar da "missão da igreja", muito menos podemos falar de "nossa missão" (ênfase do autor)."
[1]

Nesse sentido, como o próprio Vicedom argumenta, tanto a igreja quanto a missão "são tão somente instrumentos de Deus, através dos quais Deus promove sua missão".[2] Igreja e missão como instrumentos de Deus não são autônomas em sua obra.

Essa conceituação e semelhantes articulações de outros teólogos e missiólogos da segunda metade do século 20 foram necessárias dada a uma tendência de se desvalorizar historicamente a necessidade da missão. Foi preciso sustentar que a missão não era obra da igreja tampouco um movimento historicamente limitado que se moveu menos pelo imperativo evangelístico e mais pela força colonizadora de países ocidentais e cristianizados sobre os países não cristianizados.

Portanto, a missão não muda, pois é originada no próprio Deus e é ele quem a executa. No entanto, as circunstâncias em que ela se realiza, as demandas contextuais e a compreensão de cada geração diante dessas demandas requerem de seus agentes uma reflexão aprofundada de como cumpri-la fielmente.

As transformações tecnológicas

Alguns anos atrás, Jonas Kurlberg e Peter M. Phillips organizaram um livro intitulado *missio Dei in a Digital Age*. [3] Reuniram contribuições de diversos autores para refletir sobre as possibilidades e desafios da era digital para a missão e como as ferramentas digitais mudam as práticas missionárias e forçam uma reavaliação (*reassessment*) das práticas missiológicas tão comuns.

[1] Edição brasileira: VICEDOM, Georg. **Missão como obra de Deus**: Introdução à Teologia da Missão. S. Leopoldo: Sinodal, 1996, p. 16.

[2] *Ibid.*, p. 16.

[3] KURLBERG, Jonas; PHILLIPS, Peter M. (orgs.). **Missio Dei in a Digital Age**, Londres: SCM Press, 2020.

A obra missionária sempre empregou e dependeu dos desenvolvimentos tecnológicos mais recentes, desde os meios de transporte, os instrumentos de comunicação impressa e oral até as mídias de propagação da mensagem do evangelho. Diante da revolução digital das últimas décadas não tem sido diferente. Assim como a televisão e o rádio foram amplamente empregados por igrejas e organizações missionárias no século passado para a propagação do evangelho, nas últimas décadas a internet, as mídias sociais e as plataformas de streaming de vídeos são instrumentos valiosos e de alcance inigualável até o momento para a evangelização. Por esses e outros motivos Kurlberg sustenta que,

"Missão, especialmente quando compreendida através das lentes da *missio Dei*, não está limitada a esforços explicitamente evangelísticos, mas inclui tudo que faz florescer os propósitos redentores de Deus para o mundo. Como tal, as ferramentas digitais que são usadas para obras de caridade, assistência e desenvolvimento, o bem comum e a justiça social podem também serem definidas como missionais."^[4]

Olhando por esse prisma, a igreja e a missão só têm a ganhar com o emprego das tecnologias digitais para cumprir sua missão. De fato, as ferramentas digitais têm contribuído intensamente para a tradução da Bíblia a outros idiomas, a comunicação do evangelho, o acompanhamento e discipulado por meios remotos, a comunicação rápida e imediata entre missionários no campo e seus familiares ou agências enviadoras, e tantas outras possibilidades que ainda estão para serem exploradas.

Então, se as possibilidades são ilimitadas e a tecnologia digital tem contribuído para diminuir as distâncias, acelerar a comunicação e alcançar lugares tão remotos muito antes da chegada de um missionário, qual é o desafio que isso traz à missão e como isso provoca um retorno à reflexão sobre a *missio Dei*? Os benefícios são facilmente evidentes. Não seria possível capitalizar sobre esses benefícios e relativizar as ameaças e desafios?

[4] *Ibid.*, p. 12.

Conforme aponta Kurlberg, os teóricos dos meios de comunicação têm sustentado há décadas que as “mídias tecnológicas não são meros conduítes ou canais de comunicação ininterrupta entre mensageiro e receptor”. Segundo ele, “a própria forma e arquitetura da mídia tecnológica condiciona como a mensagem é comunicada, interpretada e recebida”. Citando ainda a tese de Marshall McLuhan que ‘o meio é a mensagem’, Kurlberg alerta para o fato de que “o mensageiro adapta a sua mensagem à lógica do meio e os ouvintes interpretam a mensagem de acordo com os conduítes pelos quais ela é canalizada”.^[5] Assim, para Kurlberg a tecnologia digital está alterando radicalmente as condições em que a missão é cumprida. A tecnologia passa a moldar não só nossa compreensão da missão como também a própria concepção sobre Deus.

"Dennis Ford sugere que a mídia tecnológica dominante de qualquer era faz surgir epistemes que influenciam nossa própria concepção a respeito de Deus. Em culturas orais, argumenta Ford, o divino é concebido como concreto, imprevisível e pluralista, enquanto em culturas letradas a natureza estática do texto escrito desperta concepções de Deus mais autoritário, transcendente e imutável. Por outro lado, o multissensorial ‘Deus digital’ é experiencial, acessível e ‘customizável’.”^[6]

Se a tecnologia digital está moldando nossa concepção de Deus e a nossa mensagem, naturalmente isso afeta a missão. Quando se examina as origens do conceito de *missio Dei*, constata-se que ele parte da ideia do envio de Deus Pai ao seu Filho e ao Espírito. Para Vicedom, o conceito de envio é

"...com efeito, a essência da atividade criadora e do agir de Deus, de maneira que toda a história salvífica se apresenta como história da *missio Dei* [...] Por isso, envio é expressão de sua presença atuante em juízo e graça. Com isso a *missio* se torna uma afirmação de sua divindade.”^[7]

A encarnação de Jesus é a materialidade da presença de Deus e do enviar de Deus. Em Jesus “Deus é simultaneamente o enviado e o enviado, o que se revela e a revelação, o santo que castiga e redime.”^[8]

[5] Ibid., p. 14.

[6] Ibid., p. 17.

[7] VICEDOM, 1996, p. 18.

[8] Ibid., p. 44.

A pergunta, então, que deve ser examinada é se os avanços tecnológicos corroboram ou comprometem a missão. Conforme já observado, podemos perceber claramente os benefícios dos avanços tecnológicos para a prática missionária. Porém, nem sempre estamos cientes dos problemas. Esses são muitas vezes percebidos posteriormente.

A recente crise da pandemia do coronavírus serve de exemplo da problemática. Quando a igreja estava orientada a evitar aglomeração e impedida de congregar, a tecnologia digital, as mídias sociais e os instrumentos de comunicação possibilitaram as igrejas e organizações missionárias manterem o seu contato, reuniões administrativas, cultos, estudos bíblicos, discipulados à distância. Nesse sentido, a tecnologia contribuiu para a igreja pelo menos continuar fazendo o que fazia e, em muitos casos, expandir o alcance de sua pregação.

Por outro lado, algumas comunidades não tinham acesso a essa tecnologia, e tiveram de desenvolver novas competências e fazer investimentos para se adequar àquela realidade ou se viram profundamente prejudicadas pelas limitações circunstanciais.

No entanto, à parte dessa questão, houve em algumas comunidades a discussão de uma questão conceitual mais à fundo. Virtudes tão importantes na comunidade cristã como a comunhão, convivência e o fortalecimento dos relacionamentos tiveram de ser ressignificados. Não só isso, mas a participação da Ceia do Senhor se tornou um ponto central no conceito de comunhão. Diferentes comunidades buscaram diferentes soluções. As que entenderam que a presença física da comunidade em um mesmo lugar era um elemento inegociável na celebração da Ceia suspenderam a celebração. As que, por outro lado, entenderam que essa presença pode ser comunicada pelos meios tecnológicos, continuaram a prática por meios virtuais. Outras, ainda, optaram por uma celebração individual em que o pastor visitava pessoalmente cada família para realizar o ato sacramental.

Uma alteração no cenário forçou uma adaptação das práticas e vivências da igreja e a tecnologia moderna foi instrumental nesse processo. Ao mesmo tempo, foi preciso retornar às Escrituras e reexaminar o sentido da presença de Cristo e da comunhão. Agora, que as comunidades voltaram a se congregar fisicamente, há de se debater novamente o sentido da presença.

Isso tem implicações para a obra missionária, pois a Grande Comissão não se cumpre apenas por meio da proclamação, mas significativamente, por meio do estabelecimento de uma comunidade cristã no meio de um povo. Ainda que seja possível se fazer presente em outro lugar pelos meios digitais, o meio não pode se tornar o conteúdo da mensagem e a realidade da presença da comunidade. A presença virtual não substitui a presença de uma comunidade.

A formação e o envio de missionários

O segundo desafio à prática da *missio Dei* diz respeito ao preparo, formação e envio de missionários. Mais uma vez, a tecnologia digital trouxe grandes benefícios e acelerou certas etapas da formação e envio de missionários. Concomitantemente, produz efeitos negativos que poderão provocar impacto na prática missionária. Portanto, há de se refletir sobre os desafios da formação e envio de missionários.

A Associação de Missões Transculturais Brasileira (AMTB) tem se ocupado com a pesquisa e a avaliação da formação missionária entre as organizações afiliadas. Em 2018 e 2019, a AMTB promoveu uma Consulta sobre os Caminhos e Limites para a Educação Missiológica em que se debruça sobre o estado atual da formação missiológica.

Os participantes da Consulta de 2018 indicaram que “os maiores desafios e necessidades do treinamento missiológico brasileiro eram: formação integral, capacitação missiológica, currículo, autoconhecimento, tempo de formação e formação de professores.”[9]

[9] Disponível em: <https://www.amtb.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Documento-Consulta-DEMI-2018.pdf>. Acesso em 25 jan 2023.

Dentre as diversas perguntas de diagnóstico esses tópicos são recorrentes. Nota-se uma preocupação com o tempo do preparo dos obreiros, o conteúdo e a formação dos docentes de um curso de formação missiológica e treinamento missionário.

A Consulta de 2019 sob a temática “Treinamento Missionário: paradigmas, perspectivas e desafios” amplia a discussão dos temas mais relevantes levantados pela Consulta de 2018, e os abordam nesta ordem: Currículo, Tempo de Formação, Modelo de Formação, Formação de Professores, Integração Interescolas, Publicações, Intergeracionalidade, Delimitação dos Papéis dos Agentes na Educação Missiológica.[10]

Novamente, nota-se a ênfase sobre o tempo de formação e os modelos da educação missiológica. A recomendação do relatório é de uma duração de 1 a 2 anos, e quanto à possibilidade da formação missiológica em EAD, o relatório propõe um modelo híbrido, pois um treinamento totalmente em EAD traz a “desvantagem da falta de relacionamento”.[11]

Entre a Consulta de 2018 e a de 2019, o Departamento de Educação Missiológica (DEMI) juntamente com o Departamento de Pesquisa (DP) da AMTB fizeram um levantamento para conhecer o perfil da formação missiológica e treinamento missionário das instituições associadas.[12] Os resultados dessa pesquisa substanciaram as conclusões da Consulta de 2019.

Embora a pesquisa fosse feita uma única vez, de modo que não há dados anteriores para se comparar e poder traçar a tendência na formação missiológica, destaca-se que pelo menos 60% das organizações oferecem ou requerem formação de até 1 mil horas aulas.

[10] Disponível em: <https://www.amtb.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Rela%CC%81torio-Consulta-DEMI-2019.pdf>. Acesso em 25 jan 2023.

[11] Ibid.

[12] Disponível em: <https://www.amtb.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Relato%CC%81rio-da-Pesquisa-DEMI-2018.pdf>. Acesso em 25 jan 2023.

Essa carga horária está, grosso modo, distribuída entre 20 a 30 matérias no curso (65%), sendo que o nível de formação é de ensino livre para 63% dos entrevistados, 19% de ensino superior livre, e apenas 6% de nível de ensino superior reconhecido pelo MEC. Acrescenta-se a esse quadro o dado de que 34% das organizações de ensino ou treinamento não possuem professores, e 22% tem entre 1 a 3 professores!

Apesar desse cruzamento de dados não ter sido feito explicitamente na pesquisa, é possível inferir que a maioria das organizações (mais de 60% pelos dados da pesquisa) oferece uma formação com relativamente pequeno número de matérias, em curso de nível não superior e com até 1 mil horas aulas ministradas por alguns poucos professores ou, supostamente, por alguém da equipe diretiva para as organizações que não têm professores.

Como se observa, a pesquisa foi realizada antes da pandemia do coronavírus, o que sugere que caso repetida poderá retratar um cenário bem diferente com um aumento da formação à distância e de um preparo mais informal e breve.

A pesquisa e a preocupação da AMTB com o tema da formação missiológica são de extrema importância e necessidade. A pesquisa pode revelar uma fragmentação na formação dos missionários, uma tendência de abreviação do tempo de preparo, o preparo pela própria agência, sem professores qualificados e sem um nível de ensino superior para a formação missiológica.

Aparentemente há uma tendência de as agências missionárias abreviarem o tempo de preparo do missionário seja por razões de custo ou pela urgência da execução do projeto missionário, o que, naturalmente, afeta a sustentação de escolas de formação missiológica.

É difícil mensurar como isso pode impactar o cumprimento da *missio Dei*. Porém, é possível concluir que quando a missão é reduzida a um projeto de uma agência missionária, uma igreja ou outra organização missionária, e se perde de vista a missão como obra de Deus, o pragmatismo, o individualismo, a falta de colaboração entre missionários e agências prevalecem e podem comprometer o êxito da obra missionária. A realidade e as demandas contemporâneas acabam por pautar o modo de preparo dos missionários.

A ênfase na igreja missional

Pode parecer contraditório e, no mínimo, paradoxal dizer que a ênfase na igreja missional provoca um desafio, se não até em uma ameaça, à *missio Dei*. Não seria justamente o contrário? A igreja missional não está justamente colocando em prática em nível de uma igreja local a *missio Dei*? De certo modo, os valores e abordagens de uma igreja missional reforçam o foco na *missio Dei*, uma vez que toma sobre si a responsabilidade de alcançar as pessoas ao seu redor para o evangelho, e compreende a missão não só como envio de missionários para outras localidades, mas como proclamação e estabelecimento de comunidades do povo de Deus em nível local. Assim, rompe-se com uma típica dicotomia de evangelização vs. missão, em que se entende que a igreja evangeliza localmente, mas quando envia missionários para outras localidades está fazendo missão.

O conceito *missional* é algo relativamente recente no meio evangélico e na literatura da missiologia. De acordo com Christopher J. H. Wright, “O adjetivo *missional* denota, simplesmente, alguma coisa relacionada à missão ou caracterizada por ela, ou que tem as qualidades, atributos ou dinâmicas da missão.”[13] Ele quer sugerir com isso que embora não encontremos, particularmente, no Antigo Testamento textos e um mandato “missionário”, há contudo uma essência missional na existência do povo de Israel.

[13] WRIGHT, Christopher J. H. A missão de Deus: Desvendando a grande narrativa da Bíblia. S. Paulo: Vida Nova, 2014, p. 22. Ênfase do autor.

Segundo o autor, “até pouco tempo atrás, missionário parecia ser o único adjetivo derivado da palavra missão com o qual contávamos.”[14] Por esse motivo, se sustentava uma diferenciação rigorosa entre evangelização e missão ou missões, pela qual se entende que quando a igreja proclama o evangelho em sua localidade ela evangeliza e quando envia missionários, está envolvida em missão ou missões.

A discussão sobre a *missio Dei* pretende superar essas distinções em, pelo menos, duas áreas. A primeira diz respeito à leitura da Bíblia e o embasamento teológico da missão. Sustenta que a missão não é empreendimento estritamente eclesiástico, mas está fundamentada primeiramente na pessoa do próprio Deus e, em segundo lugar, no mandato de Deus ao seu povo. E a segunda área diz respeito às ações da igreja. Com isso, se entende que a igreja cumpre a missão de Deus não somente quando envia missionários, mas em toda a sua ação de proclamação do evangelho da salvação.

O resultado dessa compreensão leva a igreja a assumir sua responsabilidade da proclamação do evangelho no seu contexto local e, sobretudo, a ser intencional em todas as suas ações de modo que tudo que ela faça seja para cumprir a missão de Deus.

Por esse motivo, o adjetivo missional é empregado como qualificativo não só da leitura bíblica e do que a igreja faz, mas de um movimento teológico pastoral que busca levar a igreja local a tomar consciência do mandato divino de fazer discípulos e agir no seu contexto para cumprir a missão de Deus. Como movimento tem os seus valores, modos de agir e alvos específicos.

Assim, segundo Stetzer e Putman, uma das ideias centrais de um líder de uma igreja missional é ter “a habilidade de entender a cultura e de reproduzir o ministério como uma expressão de igreja fiel à Bíblia e culturalmente adequada”. [15]

[14] Ibid. Ênfase do autor.

[15] STETZER, Ed.; PUTMAN, David. **Desvendando o código missional**. S. Paulo: Vida Nova, 2018, p. 37.

A ideia de “desvendar”, como sugere o título dessa obra, envolve “descobrir os princípios que funcionam em todos os contextos, selecionar as melhores ferramentas para o seu contexto [...] e, em seguida, aprender a aplicá-los de um modo missionalmente eficaz.” Significa também “que precisamos reconhecer que há barreiras culturais, e não só espirituais, que impedem as pessoas de entender o evangelho.”[16]

A partir desse princípio básico, evidencia-se que o foco e passo inicial da ação de uma igreja missional são entender a cultura local e buscar meios de transpor as barreiras culturais para que a mensagem do evangelho se torne compreensível ao público secular, cuja visão de mundo secularizada, materialista e individualista o impede compreender o evangelho.

De certo modo, então, a igreja missional pode ser um excelente exemplo de como a igreja passou a entender a *missio Dei* não estritamente como a tarefa de enviar missionários para outras localidades, mas como sua responsabilidade de alcançar os que estão ao seu redor, porém, distantes culturalmente do evangelho. E se a *missio Dei* é entendida como mandato de Deus os modos específicos com que esse mandato será cumprido muda de um contexto e época para outro.

Com certeza, a igreja missional cumpre a *missio Dei* de forma intencional e relevante no contexto primordialmente urbano e secularizado. Stetzer e Putman ressaltam a importância da *missio Dei* para a igreja missional na comparação do enfoque dela com os modelos antecessores do crescimento de igreja e da igreja saudável. Para eles, o movimento de crescimento de igreja dos anos 1970, identificado com Donald McGavran e Peter Wagner, da Escola de Estudos Interculturais, do Seminário de Fuller, na Califórnia, é antropocêntrico e fundamentado na Grande Comissão. O modelo da igreja saudável de Rick Warren e Bill Hybels é eclesiocêntrico e fundamentado no Grande Mandamento. Já a igreja missional é teocêntrica e fundamentada na *missio Dei*. [17] Então, conceitualmente, a igreja missional age a partir da *missio Dei*.

[16]Ibid., p. 18, 21.

[17]Ibid., p. 66. Veja tabela comparativa.

Qual será, então, o desafio da igreja missional para a *missio Dei*? Tenho a impressão que a obra de Stetzer e Putman não é apenas descritiva de uma igreja missional, mas prescritiva e corretiva, tendo em vista já algumas distorções nas práticas notadas na igreja missional. Eles desenvolvem uma “matriz missional” em que propõe que a igreja missional está na intersecção da Cristologia, Eclesiologia e Missiologia, desse modo, tem um fundamento bíblico-teológico, uma aplicação eclesiológica e uma capacitação pelo Espírito para a missão.[18] Essa matriz traz um alerta contra uma ênfase demasiadamente sensível à cultura sem a devida crítica cultural pelos princípios bíblicos. Por isso, percebe-se que a igreja missional traz sim alguns desafios para a *missio Dei*, não só em relação a si própria quanto também aos efeitos de sua visão para a missão. Quero destacar três desafios.

1) Um dos grandes desafios da igreja missional para a *missio Dei* é o risco de o seu *modus operandi* se tornar uma cultura própria e, conseqüentemente, um fim em si mesma. É verdade que isso não é uma particularidade da igreja missional. Esse risco ou ameaça ocorre também em igrejas que dão maior prioridade à agenda e estrutura denominacionais do que à missão. É muito fácil as normas, estrutura e órgãos denominacionais, a tradição teológica, os dogmas e as formas eclesiológicas de culto, pregação e ensino se sobreporem à prioridade da missão. A consequência disso é que a missão se torna apenas mais um programa ou departamento na estrutura da igreja que não pode competir com os demais departamentos. Essa é uma realidade típica contra a qual a igreja missional se levanta. Por isso, seria possível dizer que a igreja missional vem justamente resolver a inércia e letargia da igreja que não está engajada com a missão divinamente instituída para ela.

Se este é o caso, por que destacar a igreja missional como desafio? Justamente, porque a igreja missional procura romper com estruturas e formas muito rígidas e focar na leitura da realidade e se colocar, de certo modo, como meio relevante de comunicação do evangelho.

[18] Ibid., p. 71.

Mas, apesar de Stetzer e Putman sugerirem que o modelo de igreja saudável de Warren e Hybels é que desencadeou diversas iniciativas de replicá-lo em outro contexto com resultados diversos – alguns sendo bem-sucedidos e outros, não – o mesmo acontece com a igreja missional. Em tese, cada nova comunidade requer um novo estudo de contexto e um alinhamento de seu estilo e cultura às demandas específicas daquele contexto. Porém, o inverso também ocorre. A partir de uma história de sucesso procura-se outro local com características semelhantes à de origem para que se replique ali o *know-how* da primeira experiência. Isto é, o contexto é escolhido a partir da proposta de trabalho. Isso mostra que toda análise de contexto é uma construção teórica que nem sempre tem primordialmente em vista a realidade empírica das pessoas, mas a realidade percebida de quem pretende plantar uma igreja.

2) O segundo desafio decorrente do primeiro é o foco predominante sobre a igreja local e as demandas do público. Quando se constrói uma comunidade com foco em atender as expectativas, demandas e necessidades do público, no longo prazo se desenvolve uma relação de produto e consumo em que a palavra-chave é satisfação. Por isso, há uma concentração de esforços em evitar que algum membro se torne insatisfeito ou não atendido na igreja.

Naturalmente, é muito válido a igreja ir aonde o pecador estiver, falar sua linguagem, comunicar o evangelho de um modo compreensivo e real. Mas é natural também que ao fazer isso a igreja se torna parte daquela cultura. O mesmo acontece em missões transculturais. Uma igreja plantada no Brasil por missionários estrangeiro absorveu a cultura local e se distanciou da cultura de origem. Esse é um processo natural da comunicação transcultural.

Quando se foca numa parcela da população materialista, secularizada e individualista, que possivelmente transfere para a igreja os mesmos valores e expectativas de suas relações comerciais, o público que vem à igreja é um público consumidor da fé que espera uma boa música, uma palavra inspiradora, um local aprazível, uma programação diversificada e que atenda às necessidades das faixas etárias de sua família e não gere insatisfações.

Para um público assim, a igreja terá de se concentrar quase exclusivamente nas suas atividades e programas locais. Qualquer outro esforço fora da igreja local será no sentido de replicar o mesmo modelo em outra localidade, à semelhança do que fazem as igrejas denominacionais tradicionais.

É certo que isso pode ser uma caricatura de casos em que houve realmente uma distorção dos princípios de um “*código missional*”. Mas é preciso que se atente para que a igreja missional não se afaste de seu propósito de ser uma igreja que cumpre a missão de Deus de modo relevante em seu contexto.

3) O terceiro desafio é decorrente dos dois primeiros. Pode haver uma falta de interesse na obra missionária fora dos limites do modelo estabelecido e da região geográfica em que a igreja está inserida. O apoio à obra missionária ocorre a projetos da própria igreja ou que sigam o mesmo modelo já estabelecido. O trabalho missionário é entendido como plantação de igrejas que sigam o mesmo modelo de atuação em contexto semelhante à igreja de origem. Na realidade, cada ‘nova’ igreja é um novo campus da mesma igreja.

Se a *missio Dei* pode ser realizada como missão de todo lugar para todo lugar, e como obediência ao mandato de Deus, então, todo esforço evangelístico e missionário está cumprindo a missão. No entanto, quando a igreja se volta para si mesma e se torna mais importante do que o Deus da missão, assim como a cultura e o público-alvo se tornam determinantes em como se cumpre a missão, ela pode se tornar também uma ameaça à *missio Dei*. Ainda que procure cumprir a missão, quando as expectativas e necessidades do público-alvo são decisivos na tomada de decisões sobre os meios da missão, compromete-se a autenticidade da missão, se não até, do evangelho.

É verdade que, como observa Sawatsky, desde o início o conceito de *missio Dei* abrange diversas culturas,

A *missio Dei*, uma recuperação missiológica difundida desde 1970, trouxe à tona a convicção não apenas de que o Deus trinitário é o iniciador da missão, mas também de que o evangelho se destina "a todas as nações". Assim, o contexto para a missão cristã desde o início foi multicultural e multilíngue.[19]

Vemos que os desenvolvimentos dos métodos e estratégias na missiologia das últimas décadas têm se sensibilizado ao contexto cultural e têm, acertadamente, buscado comunicar o evangelho de modo compreensível. No entanto, o risco tanto para a missão urbana quanto para missões transculturais é dogmatizar certos métodos e, novamente, impor um modo de sucesso de experimentar e viver o evangelho sobre outros contextos.

O entendimento do propósito da *missio Dei*

Finalmente, o quarto desafio para a reflexão da *missio Dei* é o entendimento do propósito da missão. Isso envolve examinar não apenas os textos que nos permitem estabelecer um fundamento bíblico da missão, mas, sobretudo, examinar qual é o propósito da missão manifesto nas Escrituras como um todo. Diante de tantos empreendimentos missionários e missionais, às vezes competindo entre si, perde-se de vista que o propósito da missão é o senhorio de Deus no mundo, de modo que a missão se cumpre quando indivíduos se submetem ao senhorio de Cristo e vivem os valores do reino de Deus. Como propõe Vicedom, "o alvo da *missio Dei* é incorporar os seres humanos na basileia tou theou [reinado de Deus], no senhorio de Deus, e transmitir-lhes seus dons." [20]

A falta da compreensão da abrangência da missão pode tornar os meios da missão os seus fins. Essa é uma das marcas de uma igreja não comprometida com a evangelização e missão, porém, mesmo as igrejas que estão engajadas na manutenção, capacitação, envio e ação missionária, são suscetíveis a tornar os interesses particulares de uma igreja ou denominação com objetivos principais do envolvimento com a missão.

[19] SAWATSKY, W. **Where in our pluralist world will the *Missio Dei* take us?** Pondering mission encounters in pluralist societies. *Vision: A Journal for Church and Theology*, v. 18, n. 2, p. 24-32, 2017, p. 24.

[20] VICEDOM, 1996, p. 21.

Como bem expressa David J. Bosch,

"Teologicamente mais adequados mas, em sua manifestação, muitas vezes também ambíguos são quatro outros motivos missionários [...]: a) o motivo da conversão, que o valor da decisão e do compromisso pessoais – porém tende a estreitar o reinado de Deus de modo espiritualista e individualista ao total de almas salvas; b) o motivo escatológico, que fixa os olhos das pessoas no reinado de Deus como realidade futura, mas, em sua ânsia de apressar a irrupção daquele reinado final, não tem interesse nas exigências desta vida; c) o motivo da *plantio ecclesiae* (plantação ou instalação da igreja), que acentua a necessidade de reunir uma comunidade das pessoas comprometidas, porém, se inclina a identificar a igreja com o reino de Deus; e d) o motivo filantrópico pelo qual a igreja é desafiada a buscar a justiça no mundo, mas que facilmente equipara o reinado de Deus a uma sociedade melhorada." [21]

Assim, para evitar essa ambiguidade é preciso construir uma compreensão teológico-bíblica da missão. Como já observado, Wright busca construir uma hermenêutica missional para orientar a leitura da Bíblia a partir da missão. Ele sustenta que as Escrituras Sagradas são o produto de missão em ação. [22] Outros como Michael W. Goheen, [23] Köstenberger e O'Brien, [24] também seguem propostas semelhantes de leitura da Bíblia em busca de um enredo principal que indica a intencionalidade missionária das Escrituras. [25]

Historicamente, a discussão da relação da Bíblia e a missão evoluiu em pelo menos três estágios que podem ser descritos como: 1) a fundamentação bíblica da missão; 2) a teologia bíblica da missão; 3) a hermenêutica da missão.

[21] BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. S. Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 22.

[22] WRIGHT, C. J. H., 2014, p. 48.

[23] GOHEEN, Michael W. (org.). **Reading the Bible Missionally**. Grand Rapids: Eerdmans, 2016.

[24] KÖSTENBERGER, Andreas J.; O'BRIEN, Peter T. **Salvation to the Ends of the Earth?** A biblical theology of mission. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001.

[25] Eu mesmo tenho argumentado que o cânon bíblico oferece um molde para o entendimento do propósito bíblico da missão que se expressa pelo resgate da presença de Deus na vida humana, na sociedade e em todo o universo. A exposição dos argumentos e a leitura da Bíblia nessa perspectiva são o tema do meu livro "O propósito bíblico da missão" a ser publicado em breve. Expõe em linhas gerais a tese em LANE, William Lacy. **Resgatando a presença de Deus**: um paradigma bíblico-teológico para o ministério. *Praxis Evangélica*, v. 19, p. 33-48, 2012.

Talvez a grande novidade mais recente nesse debate é que biblistas e missiólogos estão conversando entre si sobre os métodos de leitura e a construção de uma hermenêutica da missão. A necessidade dessa hermenêutica já vem sendo apontada há algumas décadas. Desde 1978, Bosch já indicava que não bastava discutir a fundamentação bíblica da missão antes de esclarecer alguns princípios hermenêuticos cruciais.[26] A literatura mais recente da teologia da missão tem contribuído muito para a construção de uma leitura missionária ou missional da Bíblia.

A hermenêutica da missão é definida por Bauckham como “Um modo de ler a Bíblia para a qual a missão seja a chave hermenêutica[...] não simplesmente um estudo do tema da missão nos escritos bíblicos, mas um modo de ler toda a Escritura tendo a missão como seu interesse e alvo central.”[27] Diferentemente da abordagem da teologia bíblica da missão que toma a missão como tema central, a hermenêutica da missão, tecnicamente, toma a missão como lente através da qual se lê a Bíblia. Embora, algumas vezes, a missão ainda seja tomada como tema central da Bíblia.[28]

Esses estudos e publicações têm sido valiosos para o entendimento da missão. Assim, o entendimento do propósito da *Missio Dei* passa por uma revisão da literatura recente sobre a hermenêutica da missão para que sejamos dirigidos por uma compreensão abrangente das Escrituras Sagradas no que diz respeito ao propósito de Deus para a humanidade e a sua criação. A *missio Dei* se move pela pessoa do próprio Deus e é no encontro com esse Deus por meio da revelação bíblica é que se alcança um amadurecimento no entendimento da *missio Dei*.

[26] Citado por VAN ENGEN, Charles. **Qué es la teología de la misión?** In: La iglesia latinoamericana: su vida y su misión, C. Van Engen; Roldán, A. F.; Thomas, N. (orgs.). Buenos Aires: Certeza, 2011, p. 57-97.

[27] BAUCKHAM, M. **Mission as Hermeneutic for Scriptural Interpretation.** In: Reading the Bible Missionally. Michael W. Goheen (org.). Grand Rapids: Eerdmans, 2016, p. 28-44 (tradução nossa).

[28] Bartholomew, Craig G.; Michael W. Goheen. **O drama das Escrituras:** Encontrando o nosso lugar na história bíblica. S. Paulo: Vida Nova, 2017, p. 15.

Considerações finais

A igreja e a missão se manifestam num tempo e espaço em constante movimento e evolução. Ainda que o Deus da igreja e da missão, e a sua revelação sejam imutáveis, a compreensão sobre as demandas contemporâneas, os desafios, problemáticas e novas situações requerem um constante retorno à revelação bíblica para nos orientar diante da realidade. A *missio Dei* revelada nas Escrituras é perene, porém, o aprofundamento do entendimento dela é buscado diante das mudanças históricas.

As transformações tecnológicas digitais, a formação e o envio de missionários, a ênfase na igreja missional, o entendimento do propósito da *missio Dei* são alguns dos elementos que compõem esse cenário contemporâneo que requerem reflexão e aprofundamento no entendimento e na prática da *missio Dei*.

Todo desafio traz consigo um elemento desestabilizador e outro de estruturação. Os elementos colocados aqui como desafio não são estritamente ameaças, pelo contrário, são instrumentos úteis na prática da *missio Dei*. Porém, justamente por serem instrumentos é preciso que cumpram o propósito maior da *missio Dei* e nunca se tornem eles próprios barreiras, atropelos ou empecilhos para a prática da missão. Muito menos devem eles se tornarem fim em si mesmos.

A grande expectativa de qualquer debate sobre a missão é que de algum modo com o tempo a discussão e os conceitos se traduzam em ações eficazes para os atores da missão: os missionários, comunidades eclesiais, organizações missionárias, escola de treinamento e formação de missionários, e políticas das agências missionárias.

Referências

AMTB. **Relatório da Pesquisa DEMI 2018**. Disponível em: <https://www.ambt.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Relato%CC%81rio-da-Pesquisa-DEMI-2018.pdf>. Acesso em 25 jan 2023.

_____. **Relatório da Consulta DEMI 2019**. Disponível em: <https://www.ambt.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Rela%CC%81torio-Consulta-DEMI-2019.pdf>. Acesso em 25 jan 2023.

_____. Documento da Consulta DEMI 2018. Disponível em: <https://www.ambt.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Documento-Consulta-DEMI-2018.pdf>. Acesso em 25 jan 2023.

BARTHOLOMEW, Craig G.; GOHEEN, Michael W. **O drama das Escrituras**: Encontrando o nosso lugar na história bíblica. S. Paulo: Vida Nova, 2017.

BAUCKHAM, M. **Mission as Hermeneutic for Scriptural Interpretation**. In: Reading the Bible Missionally. Michael W. Goheen (org.). Grand Rapids: Eerdmans, 2016.

BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. S. Leopoldo: Sinodal, 2002.

GOHEEN, Michael W. (org.). **Reading the Bible Missionally**. Grand Rapids: Eerdmans, 2016.

KÖSTENBERGER, Andreas J.; Peter T. O'Brien. **Salvation to the Ends of the Earth?** A biblical theology of mission. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001.

KURLBERG, Jonas; PHILLIPS, Peter M. (orgs.). **Missio Dei in a Digital Age**, Londres: SCM Press, 2020.

LANE, William Lacy. **Resgatando a presença de Deus:** um paradigma bíblico-teológico para o ministério. *Práxis Evangélica*, v. 19, p. 33-48, 2012.

SAWATSKY, W. **Where in our pluralist world will the Missio Dei take us?** Pondering mission encounters in pluralist societies. *Vision: A Journal for Church and Theology*, 2017, v. 18, n. 2, p. 24-32.

STETZER, Ed.; PUTMAN, David. **Desvendando o código missional.** S. Paulo: Vida Nova, 2018.

VAN ENGEN, Charles. **Qué es la teología de la misión?** In: *La iglesia latinoamericana: su vida y su misión*, C. Van Engen; Roldán, A. F.; Thomas, N. (orgs.). Buenos Aires: Certeza, 2011, p. 57-97.

VICEDOM, G. **Missão como obra de Deus:** Introdução à Teologia da Missão. S. Leopoldo: Sinodal, 1996.

WRIGHT, C. J. H. **A missão de Deus:** Desvendando a grande narrativa da Bíblia. S. Paulo: Vida Nova, 2014.

Texto recebido em 26.01.2023 e aprovado em 30.01.2023



RESENHA

O CARÁTER MISSIONAL DA TEOLOGIA: UMA RESENHA SOBRE A DEFESA DE DAVID BOSCH EM FAVOR DA MISSÃO COMO PROPULSORA DO EXERCÍCIO TEOLÓGICO

Davi C. Cardoso

ORCID ID - 0000-0002-1298-5324

Resenha apresentada à disciplina de Teologia da Missão como requisito para avaliação semestral no curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Teológica Batista de São Paulo - 2022.

Obra de Referência

BOSCH, David J. "Elementos de um paradigma missionário ecumênico emergente". In: _____. Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão. 3 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

Resenha

No capítulo 12 de "Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão", intitulado "Elementos de um paradigma missionário ecumênico emergente", o teólogo e missiólogo David Jacobus Bosch elabora uma importante seção sobre a "Missão como teologia". Esta resenha discorrerá a respeito dos dois primeiros pontos de sua argumentação: "Missão marginalizada" e "De uma teologia da missão para uma teologia missionária".

O autor dá início à discussão reforçando sua defesa de que a correta leitura do Novo Testamento não é possível à parte da compreensão de que a conjuntura na qual se deu a redação da maior parte de seu corpo literário corresponde a um contexto missionário. Bosch concorda com a proposta de Martin Kähler de que, durante o século I, a teologia representava a resposta da comunidade cristã às circunstâncias que emergiam da atividade da igreja ao invés de mero capricho derivado de sua expansão. Nesse sentido, deve compreender-se que a teologia surge como consequência da tarefa missionária da igreja primitiva. Entretanto, a dimensão missionária da teologia arrefeceu à medida que o cristianismo cresceu, avançou pela Europa e tornou-se a religião do Império Romano e fora dele.

Ao longo do período histórico pré-moderno, o termo "teologia" foi empregado com dois fins: (1) descrever o processo de consolidação individual de conhecimento a respeito de Deus e daquilo que a ele se relaciona, resultado de uma ação voluntária de reflexão da alma a propósito da verdade divina; (2) nomear uma disciplina, isto é, um empreendimento intelectual com vistas à adoção de um conjunto de técnicas e métodos para estudo detido e consciente sobre Deus. Embora tenham existido distinções dentro da disciplina teológica durante muitos séculos, em suma, todas reportavam-se ao hábito cujo alvo é o conhecimento de Deus e daquilo que se relaciona a ele. Todavia, por ocasião do surgimento do Iluminismo, houve uma reorganização da teologia em uma dimensão que se ocuparia da prática clerical (dimensão prática) e outra que se atentaria aos aspectos técnicos e eruditos da reflexão teológica (dimensão teórica). Disso evoluiu-se para o que Edward Farley designou como "modelo quádruplo", que abarcava quatro disciplinas que lidavam com o texto bíblico, a história eclesiástica, a sistematização das doutrinas cristãs e a prática ministerial da igreja. Esse modelo se consolidou sob influência de Friedrich Schleiermacher e tornou-se um padrão amplamente reconhecido em faculdades e seminários teológicos protestantes no mundo todo, especialmente no Ocidente.

A teologia prática representava os meios pelos quais a igreja mantinha-se em atividade, ao passo que outras disciplinas configuravam uma espécie daquilo que Bosch chama de “ciência pura”, as quais mantinham conexão entre si através de um modelo que Farley denominava como “paradigma clerical”. Tanto em seu aspecto prático quanto em sua formulação teórica, a teologia se voltava exclusivamente à igreja ou cristandade, além de ser amissionária em sua natureza, uma concepção que se manteve mesmo após o século XV, quando a Igreja Católica Romana empreendeu amplo programa missionário. Na igreja protestante, a percepção da missão dentro da teologia era ainda mais desfavorável, como o autor destaca ao mencionar declaração feita por docentes da Faculdade de Teologia Luterana de Wittenberg em 1652, quando afirmou-se que a igreja não tinha qualquer tarefa ou vocação missionária. Houve tentativa de desenvolvimento de uma teologia da missão de caráter abrangente no contexto reformado por parte de Gisbertus Voetius, porém seu empreendimento não teve um efeito permanente nas gerações que se seguiram. A missão não passava de algo periférico na igreja e não era alvo de interesse teológico expressivo. Enquanto o aspecto teórico da teologia se voltava exclusivamente ao fato da revelação divina e do assentimento cognitivo no exercício de fé, a dimensão prática da teologia consistia na ideia do ministério como serviço à igreja institucional. A missão era considerada absolutamente periférica e domada por outros interesses. Esse caráter subserviente esteve presente também no surgimento de igrejas e seminários teológicos em países subdesenvolvidos, onde o modelo adotado reproduzia minuciosamente as características do velho continente. Tudo deveria estar alinhado às concepções e diretrizes dos rígidos limites estabelecidos pela metrópole.

Apesar disso, o avanço do esforço missionário e as características da missão e das novas igrejas naqueles territórios implicaram no reconhecimento por parte das igrejas-matriz quanto à necessidade de adaptações ao modelo de trabalho. Contudo, visto que o modelo quádruplo conservava uma posição canônica na produção teológica da igreja, sendo que uma eventual alteração em sua estrutura era considerada um risco à sua sacralidade, concluiu-se ser necessário acomodar a ideia missionária de modo a manter a continuidade do modelo vigente. A resposta natural foi incorporar a matéria de missão a uma das disciplinas existentes, normalmente a teologia prática. Schleiermacher foi o primeiro a fazer isso, o que criou um modelo que segue sendo observado em alguns círculos.

A partir desse momento, desenvolveram-se ideias sobre o que vinha a ser teologia prática e qual era o papel da missão na atividade da igreja. Uma das definições para teologia prática afirmava que ela é a “disciplina teológica normativa da autorrealização da igreja em todas as suas dimensões” (RAHNER apud BOSCH, 2009, p. 585-586), isto é, o conjunto de ações que viabiliza que a igreja alcance os propósitos para os quais foi constituída. A missiologia, então, seria o estudo da autorrealização da igreja em situações de missão, ao passo que a teologia prática se ocuparia do estudo da autorrealização da igreja existente. Enquanto a primeira diz respeito à igreja em expansão, a segunda corresponde à igreja que se edifica. O objeto de estudo de ambas é o mesmo: a igreja. Outra definição oriunda desse período sugere a teologia prática em conexão com o pastorado — uma área em que a igreja já se encontrava, de certa forma, constituída — e a missiologia como apostolado que serve à natureza pastoral da igreja (SEUMOIS apud BOSCH, p. 586).

Outra abordagem foi a defesa da inserção da missiologia como disciplina teológica independente, algo que, mesmo representando risco ao modelo quádruplo, conquistou adesão rapidamente. Algumas tentativas de desenvolver essa independência foram feitas, variando no espaço concedido à missiologia, contudo, apenas através de Gustav Warneck, professor da Universidade de Halle, foi que a disciplina se estabeleceu de modo independente e solidificou suas bases no currículo teológico. A contribuição de Warneck foi tão significativa que produziu efeitos não só em círculos protestantes, mas também entre católicos. Em 1910, criou-se a primeira cadeira de missiologia em uma instituição católica, a Universidade de Münster, sendo Josef Schmidlin o primeiro professor a ocupá-la, o qual realçou a importância do trabalho de Warneck, embora houvesse diferenças entre ambos. Essa abordagem foi reproduzida em outras partes, especialmente em razão do impacto gerado pela Conferência Missionária de Edimburgo em 1910. Ao longo do tempo, as cadeiras de missiologia passaram a assumir outros nomes, vez ou outra enfatizando aspectos distintos da compreensão missiológica da igreja.

No entanto, Bosch considera que todas essas ações foram, no melhor dos casos, “uma bênção ambígua” (BOSCH, 2009, p. 587), visto que não se garantiu um lugar concreto à missiologia na teologia. A constituição de cadeiras nas universidades não foi resultado de uma compreensão da natureza missionária da teologia, antes foi produto da pressão de sociedades missionárias, estudantes e até mesmo governos (que estavam interessados na instituição de métodos de ascensão e controle sobre colônias e protetorados). Desse modo, a missiologia foi relegada ao que Bosch chama de “Ministério das Relações Exteriores” da instituição teológica” (ibid., p. 587), concentrando-se naquilo que, embora inovador, era secundário. Além disso, outros teólogos frequentemente enxergavam seus colegas especializados em missiologia com indiferença ou transigência, visto que normalmente eram ex-missionários que atuaram em colônias ou países emergentes. Por essa razão, aqueles professores não consideravam ter qualquer responsabilidade a desempenhar no estudo do caráter missionário da teologia.

Esse cenário tornou-se mais delicado quando missiólogos empreenderam na produção de uma enciclopédia teológica própria, mas que se orientava pelo modelo quádruplo, com disciplinas que, em algum nível, refletiam as divisões daquele modelo teológico. A missiologia seguiu isolada das demais disciplinas, consolidou sua posição acessória e era apenas o que Bosch chama de “ciência do missionário, para o missionário” (ibid., p. 587).

A última abordagem adotada na tentativa de incluir a missiologia no escopo do exercício teológico, praticada especialmente na Inglaterra, foi reconhecida como “integração”. Ela se orientava pela renúncia ao ensino da missiologia na qualidade de disciplina independente e esperava que as demais disciplinas incluíssem a dimensão missionária à teologia. Bosch crê que, embora isso pareça uma boa solução, não o é sem distorções significativas. Uma delas é que professores de outras disciplinas normalmente não estão plenamente conscientes da dimensão missionária inata à teologia. Igualmente, não possuem conhecimento necessário para projetá-la adequadamente aos olhos dos estudantes.

Após discorrer sobre a marginalização da teologia e o fracasso das abordagens adotadas ao longo da história para envolvê-la, de uma ou outra forma, na teologia, Bosch passa a destacar sua ênfase na transição de uma teologia da missão para uma teologia missionária (grifo nosso). O autor destaca que o desafio fundamental não estava no questionamento sobre o propósito da missiologia, mas sim sobre o alvo da missão. Caso a missão se desenvolva em torno de concepções meramente numéricas e expansionistas, de fato, a missiologia seria apenas uma matéria concebida a partir do missionário com vistas ao missionário, pretendendo responder exclusivamente sobre a maneira como a tarefa missionária deveria ser conduzida. Sem uma compreensão da igreja como, de acordo com Bosch, “missionária por sua natureza” (grifo nosso), a missão e a missiologia podem ser reputadas como dispensáveis.

Por volta da década de 60, todas as confissões cristãs compreendiam que a missão fazia parte da essência da igreja. Os encontros do CoMIn em Tambaram e Willingen (1938 e 1952) e a assembleia do CMI em Nova Delhi, na Índia — ocasião em que o CoMIn se integrou ao CMI — são os eventos que marcaram essa nova compreensão por parte dos protestantes. Na ala católica, o Concílio Vaticano II foi onde a missão deixou de ser uma atribuição do papa ou comitativas delegadas por ele para ser entendida como uma dimensão da igreja. Tais eventos serviram para promoção de uma mudança na concepção de missão e do papel da missiologia, de modo que a igreja não era mais vista em oposição ao mundo, mas comissionada a ir em direção ao mundo por encontrar sustentação para sua existência na missão de Deus em amor ao mundo. Isso implica, para Bosch, no reconhecimento da missão como nuclear na constituição da igreja.

Bosch destaca a importante declaração de Willem Adolph Visser 't Hooft durante conferência da CMME em 1963, onde, entre outras coisas, elaborou sobre a impossibilidade de conceber uma igreja que não fosse chamada para fora do mundo e, posteriormente, enviada para dentro dele (ibid., p. 588). A divisão artificial entre territórios que encaminham missionários e territórios que os recebem não é coerente, visto que o mundo todo é um campo de missão.

Mesmo diante dessa releitura, sua incorporação na teologia foi custosa. Bosch destaca Karl Barth como expoente nesse processo. O esforço empreendido por teólogos que assumiram, tal como Barth, posição favorável à nova abordagem resultou em progresso efetivo em relação à atitude tradicional – agora superada.

Bosch enfatiza, então, a importância de não retroceder à compreensão anterior, na qual a missão era absolutamente periférica para a natureza e prática da igreja. A eleição e vocação da igreja são consequências de sua missão e, justamente por essa razão, ela goza da identidade de povo particular de Deus (ibid., p. 589). Consequentemente, a missão não pode ser concebida em termos eclesiológicos, pois existe para além da igreja. Para Bosch, a afirmação de que a essência da comunidade da fé é missionária não expressa que a missão esteja centrada na igreja, antes que a igreja é *missio Dei*. Em sua comissão trinitária, a igreja media o amor de Deus Pai ao mundo, corporifica a presença do Deus Filho no mundo e media a presença do Deus Espírito no mundo. Logo, “a missão diz respeito também ao mundo que se encontra além dos limites da igreja” (ibid., p. 589). O movimento missionário da igreja deriva da natureza peculiar do amor de Deus antes de qualquer outra coisa.

Uma vez discutida a essência missionária da igreja, Bosch sinaliza as implicações profundas disso para o exercício teológico. O autor compreende que, na mesma proporção em que a igreja perde sua identidade caso não seja missionária, a teologia também deixa de sê-lo caso perca seu caráter missionário. Nesse quesito, a questão basilar para Bosch não diz respeito apenas ao que vem a ser a igreja ou a missão, mas também o que é a teologia e de que trata (grifo nosso). Portanto, “necessitamos de uma pauta missiológica para a teologia, não apenas de uma pauta teológica para a missão” (ibid., p. 590). A causa da existência da teologia é relacionar-se criticamente com a *missio Dei* e não apenas elaborar sobre ela por mera conveniência. Cracknell e Lamb, teóricos mencionados por Bosch, passaram a defender que qualquer exame teológico fosse promovido a partir da perspectiva da teologia da missão.

Bosch chega ao fim de sua argumentação elaborando sobre a dupla função da missiologia. Para definir a primeira delas, o autor recorre a termo cunhado por Lesslie Newbigin e Hans-Werner Gensichen: “aspecto dimensional”. Essa função diz respeito à tarefa da missiologia, em parceria com outras disciplinas, de focalizar a relação da teologia com o mundo. A missiologia estaria impressa em todo o currículo teológico de tal maneira que, em tese, dispensaria a necessidade de uma disciplina missiológica independente. Bosch, contudo, pensa ser útil conservar uma disciplina distinta para tratar da missiologia, a fim de marcar presença no território teológico e fomentar diálogo e crítica interdependentes entre as disciplinas.

Antes de passar à segunda função, Bosch declara rapidamente que a importância da “dimensão missionária do estudo do Antigo e Novo Testamentos” (ibid., p. 591) também é pertinente à matéria de história eclesiástica. A presença da igreja na história é fruto do privilégio divino de participação na *missio Dei*. Ao invés de vislumbrar na história da igreja uma espécie de história denominacional, em que os registros são modelados para atender aos propósitos da tradição de uma denominação distinta, a história eclesiástica deve direcionar a comunidade cristã na análise de temas desafiadores, tais como o fracasso da igreja primitiva em receber judeus, a influência do Império Romano em matéria de doutrina, a posição da igreja perante a escravidão de não-cristãos e outras questões de caráter social que se afligiram a comunidade cristã ao longo da história. A desconsideração dessas perguntas a partir da perspectiva missiológica resulta em uma crise de identidade severa à igreja. Bosch indica que perguntas semelhantes poderiam ser dirigidas à teologia sistemática, no entanto, ao longo de mais de 1.500 anos, essa disciplina dialogou exclusivamente com a filosofia. Todavia, a realidade do mundo contemporâneo impõe a necessidade de diálogo com disciplinas como as ciências sociais, a ciência da religião e a antropologia. A teologia sistemática deve tornar-se consciente de seu caráter intrinsecamente missionário e ser capaz de refletir sobre a alvo da missão, da igreja e do próprio evangelho (ibid., p. 591).

Na conclusão do texto, ainda considerando o caráter duplamente funcional da missiologia, Bosch pondera sobre seu aspecto intencional. O parágrafo final possui uma redação levemente truncada, onde o autor (ou tradutor da obra para a língua portuguesa) parece desenvolver apressadamente a argumentação. Ainda assim, é possível constatar a preocupação do autor quanto à correta definição de alvos da missão ocidental, os quais desenvolviam-se recorrentemente em termos de colonização cultural e parâmetros econômicos. Bosch declara que os problemas de países emergentes estão igualmente presentes no ocidente e devem receber respostas em seu próprio contexto, algo que também se aplica a quem produz teologia em países emergentes e, em última análise, à comunidade cristã universal (ibid., p. 592). É imperativo compreender que missiologia representa globalização, algo que demanda ações específicas, concretas e intencionais. Apenas através de uma missiologia que se desenvolve a partir de perspectivas locais será possível servir à uma missiologia de caráter global.

Glossário

CoMin: Conselho Missionário Internacional.

CMI: Conselho Mundial de Igrejas.

CMME: Conferência sobre Missão Mundial e Evangelismo.



VOZES DO CAMPO

DISCIPULADO, LIDERANÇA, PROTAGONISMO LOCAL E A MISSIO DEI

Lucas Mota - Coordenador da Estratégia de Desenvolvimento Comunitário da Junta de Missões Mundiais

Sudeste da Ásia

Eu sou originalmente de Belém do Pará, norte do Brasil. Minha história com altos e baixos, lutas e vitórias, me levavam a um futuro almejado de estabilidade financeira com sucesso profissional e pessoal. Então meu mundo foi sacudido, faltava apenas três meses para me casar quando terminamos o relacionamento. Entrei em crise, e com ajuda de pessoas que caminharam comigo com paciência e amor, percebi que minha ordem de valores estava equivocada. Eu estava servindo na igreja local, mas não tinha Deus acima de tudo, eu cantava as músicas, só que mais da boca para fora do que de coração. Quando o “clique” aconteceu, eu percebi que minha vida realmente precisava pertencer ao Senhor de forma completa e incondicional. Esta decisão mudou toda a forma que eu conduzia minha vida. Em 2023 estou entrando no 17º. ano de serviço na Junta de Missões Mundiais.

Em minha caminhada com o Senhor aprendi muito rápido, que Deus não está assistindo nossa história, esperando para ver o que acontece. Deus está em missão, e mesmo em nossa limitada humanidade, Ele nos convida e potencializa com o Poder do Espírito, nos permitindo fazer parte do Seu plano redentor.

Pela ação do Espírito, e na dinâmica do Reino, encontros improváveis acontecem, histórias são transformadas e o mundo começa a mudar.

Quando vivia no noroeste africano, no interior de um país pobre dominado pelo islamismo, não tinha certeza de como poderia fazer parte da Missão de Deus. Em um local tão diferente e complicado, eu fazia parte de uma pequena equipe de jovens, que trabalhava duro, sempre investindo tempo com as pessoas.

Sentimos o desafio de abrir uma pré-escola naquele local, que poderia se tornar a primeira pré-escola evangélica em toda a região. Dobramos os joelhos e trabalhamos duro com toda a documentação, seleção de professores, construção do currículo e tudo mais que é necessário para iniciar um projeto como este. Uma das pessoas da nossa equipe, que era a responsável direta pela pré-escola, relatou como foi a reunião com a secretária de educação do Estado, que analisou a proposta apresentada por nós. Deixamos claro, de maneira mais que explícita no currículo, que haveria ensino da Bíblia em sala de aula. A resposta final do governo foi: “Se temos tantas escolas islâmicas no estado, como não podemos ter uma escola evangélica? Não somente aprovamos, como o governo fará parte do trabalho, pagando o salário dos professores!”

Tudo foi muito mais rápido do que o esperado, vendo milagres atrás de milagres, foi iniciada a pré-escola, com professores locais, e liderança nacional. Com gente que não possuía uma vasta formação técnica, mas tinha muito amor no coração. Nossa equipe os capacitava, andava com eles, e aos poucos víamos cada vez mais eles assumirem o trabalho. Fomos embora daquele local aproximadamente um ano depois de haver começado, e para a glória de Deus, aquela escola seguiu funcionando, com aqueles que Deus moveu e capacitou para assumir o trabalho.

Desde 2017 vivo com minha esposa e nossas duas filhas, de três e sete anos, no sudeste da Ásia, de onde servimos. No final de 2021, comecei a dedicar tempo com um pastor local, fazíamos encontros semanais para conversar e orar juntos. Depois de algum tempo, apresentei para ele uma nova possibilidade de trabalho. Era o desafio de criar um grupo de poupança[1], visando ajudar as pessoas da igreja que ele pastoreia.

Ele abraçou a ideia, e começamos a trabalhar nesta direção. Depois de alguns meses o grupo começou e foi impressionante ver a dedicação e superação de todos os envolvidos. Propositadamente eu nunca visitei o grupo, o pastor é quem sempre está a frente, eu os sigo o tempo inteiro dos bastidores, servindo quando necessário e principalmente orando por eles.

Para a glória de Deus o grupo deu muito certo. Foram quase 10 meses de encontros semanais, e ao final, cinco pessoas que fizeram parte deste primeiro grupo serão líderes de novos grupos no começo de 2023! É incrível ver o poder do Espírito Santo de Deus multiplicando dons, talentos e habilidades, para que mais e mais pessoas sejam transformadas pelo amor do nosso Pai.

Dedicar tempo com pessoas, as ajudando a crescer nas suas relações pessoais com o Senhor é fundamental na vida missionária. Mais do que o impacto pessoal que eu posso ter na vida de muitos superficialmente, é muito melhor eu focar e impactar positivamente de maneira profunda a vida de poucos.

Vencer a cultura do paternalismo, que em resumo seria fazer pelo outro o que ele pode fazer por ele mesmo, exige foco, intencionalidade. Às vezes seremos surpreendidos pela rapidez dos resultados, mas geralmente tudo se move de forma lenta. Com passos pequenos, mas que quando são firmes, nos permitiram colher frutos maduros.

O Senhor continua a busca de trabalhadores para a seara (Mt 9:37), que desejem do fundo do coração servi-Lo com tudo que são. Somente quando amadurecemos no nosso relacionamento com o Pai, passamos a consumir alimento sólido (Hb 5.14), e passamos a aprender a assumir mais responsabilidades (Lc 19.26).

Em um momento crucial de grande crise particular, eu tive a benção de ser acompanhado por alguém de maneira pessoal, contínua e amorosa. Isso mudou meu caráter, minha forma de amar a Deus e contribuiu muito para eu ser quem eu sou hoje.

Minha oração e esforço é para que eu seja instrumento de benção na vida de alguns, os que eu puder alcançar, para que assim mais e mais pessoas conheçam ao Senhor, o façam conhecido, e que o mundo creia em quem nos envia.

[1] Grupos de poupança são uma estratégia realizada a partir da igreja local, através de grupos compostos por pessoas em situação de pobreza financeira, objetivando aprender como gerir melhor suas finanças, guardar dinheiro de forma segura, entender o que é mordomia, e principalmente, ser um grupo de discipulado mútuo.

ENSINAR CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR DE FORMA INTEGRAL É PARTICIPAR DA MISSIO DEI

Denise Afonso Sabino Santos – Gestora de Programas de Educação de Desenvolvimento Comunitário da Junta de Missões Mundiais

Senegal

Participar da *missio Dei*, é sempre ter em mente que estamos engajados em uma missão que nasceu do amor de Deus pela humanidade, um amor tão grande que se move para o bem daqueles que nele confiam (João 3:16). Para Cumprir essa missão o Pai enviou seu próprio filho, e eles também enviaram o Espírito Santo a fim de nos capacitar e nos incluir neste grande movimento de redenção em direção ao mundo. Quando Deus o Pai enviou Seu Filho, este olhou para todas as pessoas com o mesmo amor que Seu Pai tinha nos olhos, um olhar resgatador. Jesus sempre tinha um olhar integral de forma a enxergar todas as necessidades das pessoas, quer fossem físicas ou espirituais.

Certa vez, acompanhado por seus discípulos, ele demonstrou que esse movimento de amor deveria acontecer em direção a toda a humanidade, a todos os indivíduos de todas as idades. Jesus enxergou as crianças e agiu levando justiça para elas enquanto lhes trazia para perto dele (Mateus 19:14).A missão de Deus também se move em direção às crianças da terra a fim de alcançá-las e de cuidá-las, protegendo-as da injustiça social através de ações de transformação que as beneficia física, intelectual e espiritualmente.

Há algum tempo, acompanhei o Coordenador Regional do PEPE - Programa de Educação Pré-Escolar - para o Oeste Africano e a Coordenadora Nacional do mesmo programa em Guiné-Bissau em visitas as unidades do país. Em uma das unidades, encontrei em uma das salas de aula uma cena que me chamou a atenção; para que as crianças se familiarizassem com seus nomes e os nome de seus colegas, a missionária-educadora confeccionou plaquinhas de papelão com os nomes escritos em letra bastão e posicionava as mesmas no local que cada criança deveria ocupar à mesa. Observando cada uma daquelas plaquinhas encontrei uma com o nome Única e em frente dela uma linda menina estava concentrada, fazendo uma atividade dada pela educadora. Naquela cultura, os nomes carregam muito significado e é muito comum encontrar pessoas cujos nomes expressam a situação que seus pais viviam no momento em que vieram ao mundo. Fiquei imaginando se aquela menina havia nascido depois de muitos anos de espera e infertilidade, sabendo que naquele contexto a ausência de filhos é uma maldição, ou se era a única filha de uma família de muitos meninos. De alguma forma ela era única para sua família. Na unidade do PEPE onde encontrei a Única, as crianças são atendidas integralmente, podem se desenvolver segundo os objetivos e marcos para a primeira infância, são beneficiadas por um projeto de saúde e nutrição que surgiu em resposta aos altos índices de desnutrição no país.

No Senegal, país vizinho, na escola Fábrica da Esperança, um outro exemplo de como Deus tem se movido para alcançar as crianças pode ser visto na vida de Babacar, que nasceu com deficiência física e intelectual. A escola pública ainda não está preparada para receber alunos com necessidades específicas, além disso, grande parte das pessoas não acreditam que crianças com deficiência possam aprender. Babacar, no entanto, está aprendendo e se desenvolvendo, contornando suas limitações e interagindo feliz com seus colegas. No mesmo país, na escola Dund Gi em uma sala da educação infantil um grupo de crianças está se desenvolvendo e descobrindo o mundo. Para estes pequeninos que nasceram com surdez a educação não seria acessível se não fosse pelo projeto Ephata que beneficia alunos surdos até o ensino fundamental.

Quando os pais dos alunos assistem suas apresentações escolares ou quando percebem seu desenvolvimento ao longo do ano letivo eles nos testemunham do impacto positivo gerado na família e na comunidade. Em muitas culturas as crianças são vistas como seres incompletos, uma folha em branco que precisa ser preenchida de acordo com as expectativas da sociedade. Até certa idade, elas não têm grande importância social e são muitas vezes excluídas quando nascem com alguma condição ou deficiência. No encontro das crianças com Jesus, nos parece que elas também eram deixadas de lado, mas Jesus olhou para cada uma delas e as abraçou. Observar esses pequeninos se desenvolvendo e aprendendo sobre Deus é ver o próprio Deus se movendo em amor para cumprir sua missão de resgate da humanidade, restaurando a identidade e conferindo dignidade à todas as crianças.

Deus também está se movendo no oriente médio, onde por causa de deslocamentos forçados devido aos conflitos e instabilidades, muitas famílias se veem obrigadas a se refugiarem em um país estrangeiro, sendo muitas vezes instaladas em campos ou locais providos por organizações de ajuda humanitária. Naquela região a Tenda de Brincar tem feito como Jesus na passagem acima referida, abrindo os braços e acolhendo as crianças em idade pré-escolar oferecendo um espaço onde podem resgatar a alegria e ao mesmo tempo acolher e resignificar as suas emoções e traumas gerados pelas mudanças e situações vividas no processo migratório. Através do brincar as crianças se expressam com naturalidade mostrando seus sentimentos e imaginação enquanto se desenvolvem e descobrem o mundo.

Assim como Única, as crianças do Senegal e da Tenda de brincar no Oriente Médio, muitas outras ao redor do mundo também têm sido beneficiadas. Naquela sala aquela menininha não era a única, mas era uma entre as 20 crianças de sua turma e também uma entre as milhares de crianças beneficiadas pelos programas de educação de Missões Mundiais. No entanto, ela e cada criança alcançada pelo mover de Deus através deste importante instrumento para a manifestação do amor, da justiça e dos valores do Reino, é vista em sua integralidade e sua importância vai além de um número. Não importa como a sociedade local olha para estes pequeninos, Deus olha para eles com amor e se move para alcançá-los. Muitas crianças têm encontrado e abraçado Jesus ainda no início de sua infância, suas vidas e suas famílias têm sido transformadas, vindo a fazer parte da igreja do Senhor. Elas são atendidas de forma integral, elas são alcançadas pela *Missio Dei*.

OFERECER RESPOSTAS AO DESAFIO DA FOME NO MUNDO É PARTICIPAR DA MISSIO DEI

Gabriela Mendes – Gestora de Programas de Saúde de Desenvolvimento Comunitário da Junta de Missões Mundiais

África Central

Oferecer respostas ao desafio da fome no mundo sempre fez parte da agenda da Junta de Missões Mundiais pois entendemos que cuidar de pessoas e realizar boas obras faz parte da vocação da igreja e que participar da *Missio Dei* é proclamar e demonstrar o amor imenso do Senhor para que mais e mais pessoas o conheçam, o amem e vivam para sua Glória.

Eféios 2:10 nos ensina que fomos criados por Deus para fazer boas obras e em Mateus 5:16 lemos que nossa luz deve brilhar diante dos homens para que glorifiquem ao nosso Pai ao verem nossas boas ações.

O texto bíblico de João 10:10b nos mostra a declaração de Jesus que diz: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente”. Uma pessoa em situação de fome e insegurança alimentar tem a capacidade reduzida de realização de atividades, os desenvolvimentos físico e mental prejudicados, danos diversos em sua saúde a longo prazo e este quadro não condiz com a vida abundante e plena que Jesus conquistou por nós na cruz. A vida abundante deve começar aqui e agora com mais justiça e dignidade.

Há muitos projetos em vários lugares do mundo que tem por objetivo mostrar o amor do Pai e proclamar a mensagem do Evangelho por meio dos cuidados em nutrição. Porém, no momento do auge da pandemia e recessão econômica, Missões Mundiais entendeu ser necessário e relevante fazer uma campanha especial, que depois se tornou um programa para ampliar as ações no combate à fome e a insegurança alimentar. Este programa se chama Há Fome no Mundo (HFM).

O programa Há Fome no Mundo tem por objetivo inicial aprimorar o consumo de alimentos como um socorro emergencial a famílias necessitadas, especialmente durante períodos críticos. Mas o propósito não é parar apenas na doação, por isso é importante acompanhar as pessoas beneficiadas para compreender como é possível promover ações de desenvolvimento comunitário, ou seja, atividades que vão ajudar a comunidade a se desenvolver, utilizar recursos próprios e alcançar melhores níveis de segurança alimentar, que é a garantia da pessoa ao acesso à alimentação todos os dias, em quantidade suficiente e com a qualidade necessária para o bom funcionamento do organismo.

Um dos países atendidos pelo programa Há Fome no Mundo é a Venezuela, que enfrenta profundas crises nas áreas econômicas, política e social desde meados de 2013 por conta da desvalorização do petróleo no mercado internacional. A fome começou a se estender pelo país e a população passou a ter cada vez menos recursos para a sobrevivência.

A pandemia de COVID-19 agravou ainda mais a situação que já era muito complicada. A suspensão das aulas, por conta do necessário isolamento social, teve um impacto no aumento em 73% da desnutrição de crianças de até 7 anos de idade, pois muitas delas faziam a única refeição do dia na escola. Não ter aulas significou, em muitos casos, ficar dias sem nenhum alimento.

Diante deste cenário desafiador e de tantas demandas, um comitê da JMM começou a refletir, estruturar e viabilizar ações para o alívio da fome e o combate à desnutrição, sobretudo infantil, pois as crianças são o público mais frágil e vulnerável à desnutrição e doenças associadas. Foram muitas reuniões e conversas com a liderança venezuelana para que a melhor resposta possível pudesse ser oferecida para os desafios do contexto.

As ações do programa Há Fome no Mundo começaram a ser desenvolvidas na Venezuela em agosto de 2020 com o objetivo inicial de melhorar o estado nutricional das 2000 crianças de 4 a 6 anos que estão matriculadas nas 94 unidades do PEPE (Programa de Educação Pré Escolar) que existem no país. O resultado preocupante das primeiras avaliações nutricionais mostrou que em setembro de 2020, 80,5% das crianças avaliadas apresentavam desnutrição moderada ou grave.

A primeira ação foi o envio de recursos para a alimentação de crianças na região de Portuguesa e logo em seguida começou a ser realizado o processo de treinamento de voluntários para fabricação (secagem, torra, moagem e armazenamento) e distribuição de um suplemento alimentar composto por farelo de milho, gergelim e folhas verdes, chamado de Farinha Enriquecida (FE).

A Farinha Enriquecida começou a ser oferecida junto com a merenda a 30 crianças em 2020 e atualmente, pela graça de Deus, está alcançando 1375 crianças por mês. Desde que as crianças começaram a consumir a Farinha Enriquecida, a coordenadora nacional do PEPE Venezuela Ruth Saraid Cordero de Marchan e os missionários educadores têm compartilhado muitos testemunhos de evolução positiva no estado nutricional e saúde geral das crianças. Muitas delas aumentaram o peso, melhoraram o rendimento escolar, têm os cabelos e pele mais brilhantes e demonstram mais ânimo e alegria na realização das atividades.

E estes testemunhos são confirmados pelas avaliações nutricionais mais recentes, realizadas em 2022, que mostraram que os índices de desnutrição moderada e grave das crianças do PEPE avaliadas diminuíram para 39,7%. Rendemos graças a Deus por este grande avanço!

Como nutricionista posso afirmar que a Farinha Enriquecida foi elaborada com uma base científica para incluir grupos alimentares fundamentais para o bom desenvolvimento nutricional, porém os testemunhos que ouvimos e que tive a oportunidade de ver quando estive na Venezuela superam e muito o que um suplemento, por melhor que seja, poderia fazer. Temos certeza de que a boa mão do Senhor está conduzindo e abençoando todo esse processo. Ele tem utilizado a FE para alcançar essas crianças e suas famílias.

Tive oportunidade preciosa de conhecer e conversar com muitos pais cujos filhos estão matriculados no PEPE e além da melhora física com o uso da FE, eles relatam o quanto seus filhos se sentem amados e acolhidos pelo Programa. Por meio do cuidado dos missionários educadores, muitas pessoas glorificaram ao Pai, conheceram o amor de Jesus e se entregaram a Ele.

Um dos testemunhos marcantes é o de Josué. Ele tem 6 anos e foi um aluno do PEPE que infelizmente perdeu sua irmãzinha por complicações da desnutrição. Josué estava numa situação de desnutrição grave e anemia, bem fraco e abatido. A família já estava muito triste pela morte de uma criança e se desesperava ao ver que o quadro de Josué também era muito desafiador.

Ele começou a ser cuidado com a FE e a cada mês era possível notar o progresso na disposição e no físico de Josué. Ele foi ganhando peso, melhorando o ânimo e o rendimento escolar, voltou a brincar, se divertir e a jogar futebol, que tanto amava e não tinha mais forças para jogar quando estava desnutrido.

Os pais, tios e alguns primos que também estavam desnutridos, receberam a FE e experimentaram essa melhora. Percebendo o amor e o cuidado do Pai e vendo o testemunho de Josué, que sempre compartilhava em casa sobre as histórias bíblicas que aprendia no PEPE, muitos deles entregaram suas vidas ao Senhor, foram discipulados e batizados.

Que alegria tive ao conhecer e abraçar essa família. Que privilégio ver Josué ofegante e cansado, agora não pela desnutrição, mas sim de tanto correr e brincar com os amigos no pátio da igreja.

Louvado seja o Senhor por nos permitir participar de Sua obra e de Sua missão! Louvado seja o Senhor pela vida dos irmãos venezuelanos que com tanta dedicação e amor estão servindo àquelas comunidades! Louvado seja o Senhor pelas pessoas que têm contribuído generosamente com suas ofertas e orações para que avancemos nas respostas ao desafio da fome!

GERAÇÃO DE RENDA E A MISSIO DEI

Manuela Mota - Gestora de Programas do Desenvolvimento Econômico de Desenvolvimento Comunitário da Junta de Missões Mundiais

Sudeste da Ásia

Sabemos que ao redor do mundo a grande maioria das pessoas ainda está longe de ter as suas necessidades básicas satisfeitas. De acordo com o último relatório do Banco Mundial[1], aproximadamente 70 milhões de pessoas caíram na pobreza extrema em 2020, o maior aumento ocorrido em apenas um ano desde o início de seu monitoramento global em 1990. Isto significa que no final de 2020 aproximadamente 719 milhões de pessoas tiveram que subsistir com menos de USD 2,15 por dia.

É por esta e outras tantas tristes realidades em todo o mundo, que temos como missão melhorar a situação das famílias e contribuir com o desenvolvimento das comunidades onde estamos presentes. Trabalhamos intencionalmente para fazer parte da transformação que o Senhor está trazendo às comunidades, porque é Ele o principal interessado em chegar a todas as pessoas para que todos tenham uma vida melhor, abundante, onde nada lhes falte.

Na sua graça, Deus tem nos dado sinais que nos deixam ver que seu Reino está sendo estabelecido em diversos locais onde Missões Mundiais está presente! Onde Ele está, a transformação começa a acontecer! E isto, que se dá no interior dos indivíduos, no coração, na mente, na alma, inevitavelmente tem reflexos no exterior.

Graciela Alencastro, coordenadora nacional do Programa PEPE na Argentina, compartilhou que depois de que começaram a trabalhar com as mães das crianças matriculadas na escola, ensinando-as a prepararem diversas comidas, como pão, pizzas e bolos, não apenas para elas fazerem em casa, mas também para venderem na própria comunidade e assim terem uma fonte de renda extra para as suas famílias, começaram a notar grandes mudanças. No começo, as famílias dos “pepitos” moravam em casas construídas com sobras de madeiras e o chão era de terra; as crianças iam à escola com a roupa suja e seu aspecto demonstrava que elas não tinham o hábito de cuidar da higiene pessoal. Contudo, depois de algum tempo, várias mulheres se animaram e começaram seus próprios empreendimentos. Algumas começaram a vender bolos e pizzas, outras abriram pequenos quiosques, mas independente das iniciativas que cada uma teve, todas entenderam que foram criadas com capacidades dadas por Deus para superarem os desafios, para aprender e criar coisas novas, para serem protagonistas das suas histórias, para administrar sabiamente tudo que recebem de Deus. A maioria das suas casas hoje são de alvenaria, e o chão, que antes era de terra, agora têm um piso limpo. As crianças vão à escola com a roupa mais limpa e a saúde delas também tem melhorado muito. Estes são apenas reflexos externos da transformação muito mais profunda que o Espírito de Deus produz na vida das pessoas.

[1]Edição 2022, *Poverty and Shared Prosperity* (Pobreza e Prosperidade Compartilhada, em tradução livre).

No sul da África também há mulheres que entenderam que cada um de nós é abençoado com algum talento. Isso nos testemunhou Edna Carmona, quem serve em Botsuana junto com a sua família há quase 10 anos através do projeto Blessed Hands. “Todos nós temos mãos abençoadas. Algumas pessoas são abençoadas para cozinhar, outras para costurar, ou para fazer diversas coisas. No projeto não é uma única pessoa que dá aula, são diversas, que decidiram compartilhar voluntariamente seus talentos e suas habilidades com pessoas de comunidades carentes”. O projeto cresceu e os missionários começaram a viajar de vilarejo em vilarejo capacitando diversos grupos, visitando muitos lugares que não tinham sequer energia elétrica, por isso tiveram que aprender a fazer colares, travessas ou faixas para o cabelo e almofadas, dentre outros itens, com as mãos. Em todos estes locais, esta nova atividade tem se convertido em uma fonte de renda para as famílias, trazendo dignidade a estas mulheres quem também têm se aberto para ouvir a mensagem do Evangelho.

Em outro país, esta vez no sul da Ásia, um grupo de pessoas se reuniu toda semana para aprender a poupar dinheiro enquanto estudam a Bíblia e oram uns pelos outros. E por que existem grupos de poupança como esse? Porque mesmo pequenos negócios têm acesso a linhas de crédito, seja de cooperativas, associações ou até mesmo bancos. Contudo, famílias que vivem em um nível ainda mais baixo de pobreza têm menos possibilidades de recorrerem a empréstimos e, quando finalmente o conseguem, o fazem a um grande custo, devendo pagar juros altíssimos a agiotas, comerciantes ou negócios. Em aproximadamente 1 ano, estes irmãos, que fazem parte de uma igreja localizada em um bairro carente da cidade, conseguiram juntar quase USD 400! Alguns pensam em reinvestir esse dinheiro no próprio negócio ou comprar coisas para o qual antes não tinham condições, mas uma boa parte deles decidiu dar a sua parte como oferta na igreja local. Ankita, uma das integrantes deste grupo de poupança, disse: “Desde que comecei a fazer parte deste grupo posso dizer que tenho visto muitas mudanças na minha vida. Realmente tem me ajudado muito e tem me dado um real sentido do meu relacionamento com Deus, com outros e comigo mesma. Consegui entender o verdadeiro sentido da vida, que é Jesus, e também sobre pilares como mordomia, honestidade, disciplina e transparência. A minha vida pertence a Jesus e é ele quem me dá o tempo e dinheiro que tenho, por isso eu preciso administrar tudo com muito cuidado de tal forma que meu Senhor se alegre comigo”.

A obra de Jesus nos permite experimentar a reconciliação em todos os relacionamentos chave que temos na vida: com Deus, com nós mesmos, com outros e com a natureza. Deus se preocupa com tudo. Ele se preocupa conosco e com as nossas famílias, com nosso dinheiro, com o meio ambiente e com a nossa comunidade.

Em 2 Coríntios 5, a Bíblia fala que Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo e deu a nós o ministério da reconciliação. Ele quer utilizar as nossas vidas para que, através de nossos empreendimentos em favor dos pobres, Ele possa restaurar todas as coisas. Assim, tudo o que fizermos pode fazer parte do ministério da reconciliação dado por Deus a nós, discípulos de Jesus.

ACOLHER E CUIDAR DE REFUGIADOS É PARTICIPAR DA MISSIO DEI

Manuela Mota - Gestora de Programas do Desenvolvimento Econômico de Desenvolvimento Comunitário da Junta de Missões Mundiais

Sudeste da Ásia

“Ele defende a causa do órfão e da viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe alimento e roupa”, Deuteronômio 10.18.

Deus está se movendo no mundo inteiro, e Ele está próximo aos que sofrem e são perseguidos. Ele se manifesta de forma sobrenatural quando ouve o clamor dos seus filhos. Ele não está longe. Na sua graça e misericórdia, Deus intervém nas nossas histórias, trazendo livramento e salvação.

Estive em um país do Oriente Médio há poucas semanas, visitando um dos projetos que Missões Mundiais desenvolve entre refugiados, e posso dizer que voltei muito impactada e inspirada com o que vi e os testemunhos que ouvi. O projeto Esperança aos refugiados começou em 2009 com o objetivo de alcançar famílias locais em situação de vulnerabilidade e refugiados vindos de vários países do Oriente Médio, no projeto as pessoas beneficiadas recebem comida, roupa, além de outros itens de necessidade pessoal, tem oportunidade de ter acesso a assistência médica, educação e principalmente tem a oportunidade de ouvir das boas novas de Jesus.

Como acontece em um contexto muçulmano, onde a pregação do evangelho é proibida, uma das estratégias do projeto é que cada casa de uma família muçulmana que se converte a Cristo se transforme em uma igreja. E Deus tem se manifestado de forma graciosa e poderosa, levando centenas de refugiados a entregarem as suas vidas a Cristo ao serem atraídos pelos braços amorosos do nosso Pai.

Aysha tem uma história impactante. Ela foi umas das primeiras pessoas a conseguir fugir do seu país quando a guerra estava começando a estourar. Ela chegou junto com a sua família, deixando toda uma vida para trás. No seu país ela e seu esposo tinham uma bela casa, um bom emprego e seus dois filhos meninos estudavam em uma excelente escola. Agora eles não tinham nada.

Poucos meses tinham passado desde que eles haviam chegado ao novo país, quando Deus saiu ao encontro deles. Eles conheceram duas moças, Eline e Paula- as fundadoras do projeto que, cheias do amor e da compaixão que Deus coloca no coração dos seus filhos por aqueles que estão perdidos, compartilharam com a família a obra redentora de Jesus na cruz. Depois de algumas visitas marcadas por longas conversas e muito chá, Aysha e sua família decidiram entregar suas vidas a Cristo.

Tive a oportunidade de conversar com a Aysha quando estive naquele país, e uma das coisas que mais me impactou foi ouvir ela dizer que no seu país ela tinha uma família amiga que era cristã, com quem compartilhavam muitos momentos juntos; Aysha e a sua família eram convidados para jantar na casa deles e até passeavam juntos, mas eles nunca falaram de Jesus para esta família que depois se retornou refugiada em um país vizinho. Eles só ouviram a mensagem do Evangelho quando chegaram no novo país, e não passou muito tempo até eles entenderem que Deus os tinha levado ali com um propósito, um propósito que ia além da salvação da própria família. Isto foi tão claro para eles que três vezes rejeitaram a possibilidade de asilo em um outro país, por entenderem que agora a missão deles estava entre as famílias refugiadas. Aysha é hoje uma das líderes nos encontros de discipulado que acontecem a cada sábado com mulheres refugiadas, e Deus está usando a sua vida para atrair mais famílias para Ele.

Esse mesmo Deus que está em missão, continua se movendo e chamando mais pessoas ao redor do mundo para participarem do seu plano redentor, pois a seara está pronta para a colheita, mas os trabalhadores são poucos. Tiago é um médico de São Paulo, quem respondeu ao chamado de Deus e decidiu entregar a sua vida ao serviço do Reino. Foi assim que, sem falar outra língua além do português, decidiu participar de uma viagem voluntária a outro país do Oriente Médio para visitar um campo de refugiados, levando atendimento médico àquelas famílias. Naqueles dias de trabalho com jornadas intermináveis, onde mais de 40 pessoas eram atendidas por ele a cada dia, Deus mais uma vez mostrou o seu poder.

Após consultar uma criança que tinha um dos seus braços encolhidos fazia muitos anos, verificar os exames e entender a complexidade do problema, Tiago informou a mãe da criança que ele não tinha nada que poderia fazer pela vida do seu filho, e perguntou a mãe se ele poderia orar em nome de Jesus pela cura dele. Com a autorização da mãe do menino, Tiago começou a orar em português, ao mesmo tempo que era traduzido para o inglês por uma pessoa, e uma outra traduzia do inglês para a língua da mãe e do menino. Todos oravam ali juntos pedindo a Deus um milagre! Depois de orar, ele começou a esticar o braço do menino e, para surpresa de todos, aqueles músculos começaram a se firmar na posição correta e a criança ficou curada! Glória de Deus!

Sem dúvida este fato não foi resultado do preparo ou do poder daquele médico, mas do poder de Deus e do Seu desejo de intervir na história desta família de refugiados. Porque “o braço do Senhor não está tão encolhido que não possa salvar, e o seu ouvido tão surdo que não possa ouvir” (Isaiás 59.1). Ele ama o estrangeiro e nos manda a amá-los também, pois os que vieram antes que nós, foram estrangeiros no Egito. O amor de Deus é um amor ativo, um amor que se doa, que nos compele a fazer algo, que nos leva a deixar nosso conforto para ir ao encontro daqueles que estão sofrendo. Eu quero - e oro- para que Deus conte sempre comigo, seja para ir até onde eles estão, ou para recebê-los onde eu estou. E você?

PROMOVER A SAÚDE E O BEM-ESTAR DAS PESSOAS É PARTICIPAR DA MISSIO DEI

Gabriela Mendes – Gestora de Programas de Saúde de Desenvolvimento Comunitário da Junta de Missões Mundiais

África Central

Uma das formas de atuação da Junta de Missões Mundiais é com projetos e programas missionários de transformação na área da saúde. São 15 projetos em 11 países, inclusive alguns em contexto de extrema perseguição religiosa, que servem às comunidades com atendimento médico, odontológico, psicológico, de fisioterapia, enfermagem, nutrição, reabilitação de pessoas em situação de dependência química e cuidado integral às pessoas em situação de tráfico humano e abusos.

Os objetivos desses projetos são mostrar o amor de Deus por meio dos atendimentos e promover a saúde e o bem-estar. Além de buscar oferecer um trabalho técnico de excelente qualidade, queremos servir, acolher, amar, cuidar e compartilhar o Evangelho das Boas Novas de Salvação, que transforma vidas.

Os textos bíblicos de Mateus 14:14 e Marcos 6:34, que relatam a primeira multiplicação dos pães e peixes, nos mostram que Jesus teve compaixão da multidão porque eram como ovelhas sem pastor, então lhes ensinou muitas coisas, curou os seus doentes e de forma milagrosa, lhes deu alimento físico. Portanto, podemos ver que Jesus olhava de forma integral para as pessoas, ou seja, enxergava suas demandas espirituais, emocionais, sociais e físicas.

Seguindo o exemplo do Nosso Mestre podemos e desejamos também participar da *Missio Dei* servindo de maneira integral e revelando o amor e graça Dele com nossas ações de cuidados em saúde, socorro e misericórdia. Trabalhando na gestão de programas de saúde, tenho o privilégio de escutar muitos testemunhos de melhora física e transformação espiritual que acontecem em diferentes lugares do mundo. Um dos projetos de saúde de Missões Mundiais é o Centro Médico Fábrica de Esperança, que desde 2009 funciona na periferia de Dakar, capital do Senegal, onde mais de 90% das pessoas pertence a um PNA (Povo Não Alcançado pelo evangelho). O Centro Médico presta atendimentos na área médica (ortopedia, cardiologia e dermatologia), odontológica e de enfermagem.

Os colaboradores são unânimes em dizer que o tempo diário de oração, meditação e louvor é fundamental para tudo que realizam ao longo do dia, pois é o Senhor que os fortalece e os capacita. Eles têm tido a alegria de ver milagres, curas físicas e espirituais, pessoas alcançadas pelo amor e pela graça.

Os pacientes são acolhidos e cuidados com amor, alegria e sentem a diferença na forma de atender dos funcionários e o Centro Médico oferece um serviço de qualidade que mostre o amor do Pai, cultivando relacionamentos, acolhendo pessoas em oração, encorajamento e proclamando a mensagem de salvação.

Um dos casos muito marcantes compartilhado pelo missionário ortopedista Dr. Humberto Chagas foi o do menino Chernó, carinhosamente chamado de Mefibosete, por conta da história bíblica relatada em 2 Samuel 9. Ele tinha pé torto congênito, uma deformidade nos pés que o impedia de andar normalmente e até mesmo de calçar um chinelo! Além das dificuldades de locomoção, Chernó também precisava enfrentar desprezo e julgamentos, pois neste contexto, muitas vezes uma deformidade física é vista como maldição.

Após um longo tratamento, ele teve uma excelente recuperação e atualmente tem uma vida praticamente normal do ponto de vista físico. A história dele é uma semente e uma inspiração para o projeto Mefibosete que trata de 7 crianças com pé torto congênito. A oração é para que o Senhor continue tocando não somente os pés dessas crianças, mas também seus corações e que elas e suas famílias conheçam a verdadeira alegria de Jesus.

Um outro projeto de saúde de Missões Mundiais é o "Viva, Criança Especial!" que acompanha crianças com doença congênita e tem sido desenvolvido em um país do Oriente Médio pelos missionários Marsuk e Sarah Marques. Na realização de visitas às famílias, a equipe de saúde percebeu uma grande quantidade de crianças com necessidades especiais nas vilas e campos de deslocados internos. Por meio de exames de sangue diagnosticou-se uma doença congênita chamada fenilcetonúria na qual o portador não consegue processar um aminoácido e os níveis elevados no sangue causam danos neurológicos graves, incluindo problemas de fala e retardo no desenvolvimento motor e cognitivo. O tratamento que gera bons resultados consiste em controle dos níveis sanguíneos, restrições no consumo de proteínas e a suplementação com uma fórmula específica, mas por causa da falta do teste do pezinho em muitos países do Oriente Médio, doenças como a fenilcetonúria não são diagnosticadas quando o bebê nasce e sem o tratamento precoce e necessário, os danos muitas vezes serão irreversíveis.

Um dos testemunhos, compartilhado pela missionária Sarah Marques é a história de Noor, uma das crianças cuidadas pelo projeto. Ela é uma menina de sete anos, linda, bem curiosa e que gosta muito de brincar. Seu nome significa luz em árabe.

Na primeira visita à sua casa, ela estava quietinha, deitada, sem querer interagir muito. Não conseguia segurar objetos sozinha e ficava a maior parte do tempo deitada. Noor não pode ir para fora de casa brincar com as crianças na rua e não vai para a escola. Por causa dos danos cerebrais já presentes, não fala e precisa de ajuda para tomar banho, trocar de roupa e usa fraldas. Em março/22 fez um ano que a equipe está acompanhando Noor e controlando seus níveis sanguíneos especialmente através de dieta apropriada e suplementação com fórmula.

Ela foi melhorando cada vez mais com a fundamental ajuda de seus pais, muito trabalhadores e diligentes em aprender sobre a condição e necessidades de sua filha.

Nas visitas a equipe verifica as condições motoras e cognitivas da Noor e faz exercícios com ela para fortalecer as suas pernas e musculatura da coluna para evitar a atrofia. Desde o início de 2022, Noor consegue se sentar e até se levantar, quando lhe damos as mãos para ficar em pé. Algumas vezes ela se levanta sozinha se apoiando em algum móvel ou parede. Ela engatinha pela casa toda ou vai se movimentando sentada. Está bem mais forte, já consegue segurar objetos e cada vez mais demonstra o quanto gosta de brincar e sorrir. Responde muito melhor às brincadeiras e interage muito melhor com as pessoas.

Como o trabalho acontece em visitas às casas das famílias, é possível conversar com eles de uma forma mais pessoal. A equipe tem sido convidada pela família de Noor para fazer piqueniques, caminhar nas montanhas ao redor da casa deles e para almoços, não no contexto das visitas médicas, mas por amizade. O Senhor tem abençoado com oportunidades para compartilhar com eles sobre a fé e orar por eles.

Louvamos e agradecemos a Deus pelo privilégio de cuidar de pessoas em situações de vulnerabilidade e pela graça do Pai, poder colaborar para o desenvolvimento e transformação dos aspectos físico, emocional e espiritual delas e oramos para que o Pai nos guie e fortaleça para seguirmos participando da Missão Dele por meio dos cuidados em saúde.

